



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA,  
PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA/CCSST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**ANA TALYCIA MARQUES VALE**

**Associativismo negro e práticas culturais: ações coletivas no reconhecimento do Quilombo  
Urbano Liberdade/MA**

Imperatriz  
2024

**ANA TALYCIA MARQUES VALE**

**Associativismo negro e práticas culturais: ações coletivas no reconhecimento do Quilombo Urbano Liberdade/MA**

Pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS, da Universidade Federal do Maranhão - Campus de Imperatriz, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa

Imperatriz  
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Marques Vale, Ana Talycia.

Associativismo negro e práticas culturais : ações coletivas no reconhecimento do Quilombo Urbano Liberdade/MA / Ana Talycia Marques Vale. - 2024.  
120 f.

Orientador(a): Dr<sup>a</sup>. Karina Almeida de Sousa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Quilombo Liberdade. 2. Associativismo. 3. Práticas Culturais. 4. . 5. . I. Almeida de Sousa, Dr<sup>a</sup>. Karina. II. Título.

**ANA TALYCIA MARQUES VALE**

*Associativismo negro e práticas culturais: ações coletivas no reconhecimento do Quilombo Urbano Liberdade/MA*

Pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS, da Universidade Federal do Maranhão - Campus de Imperatriz, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 05/11/2024.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Profª. Drª. Karina Almeida de Sousa (Orientadora)**

Doutora em Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

**Profº. Dr. Valter Roberto Silvério (Membro externo)**

Doutor em Sociologia  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

**Profª. Drª. Vanda Maria Leite Pantoja (Membro interno)**

Doutora em Antropologia  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Ao meu filho Benjamin, que mesmo sem  
entender os meus momentos de ausência,  
sempre me recebe com o mais lindo  
sorriso.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desta pesquisa, especialmente aos moradores do Quilombo Urbano Liberdade que me acolheram com carinho e compartilharam conosco suas histórias e seus saberes.

Aos meus pais Maria da Conceição e Francisco do Vale, pelo exemplo de vida o qual desde muito pequena me mostraram a importância da educação e por me incentivarem a seguir meus sonhos.

Agradeço a meu querido esposo Domingos Filho, pela compreensão, paciência e suporte incondicional em todos os momentos da construção desta Dissertação e de ser em minha vida o companheiro que sempre me acompanha.

Ao anjo da história de minha vida, meu filho Benjamin de Jesus Vale Pereira, por todo o amor, carinho, inspiração, força e coragem.

Agradeço à minha orientadora, Prof. Karina Almeida de Sousa, pelo apoio e incentivo que ultrapassam as margens da academia, o qual foram fundamentais para o resultado desta pesquisa assim como seu exemplo de compromisso com a produção científica que me estimulam a seguir minha caminhada acadêmica com dedicação.

Agradeço à professora Dr<sup>a</sup>. Vanda Pantoja, Professor Dr. Valter Silvério e Professor Dr. Rosenverck Estrela, pelas interlocuções durante o exame de qualificação e pelas valiosas sugestões na construção do meu trabalho.

Agradeço aos colegas de turma do PPGS, que me receberam na cidade de Imperatriz-MA com muito carinho, especialmente aquela que se tornou minha companheira de moradia e grande amiga nessa jornada, Luciana da Conceição.

A Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão-FAPEMA, pela bolsa concedida, em que foi fundamental para a realização e conclusão deste mestrado e construção desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), à coordenação, e ao corpo docente pelos ensinamentos e orientações.

“Eu sou porque nós somos”  
*Filosofia Africana Ubuntu*

## RESUMO

O trabalho apresentado analisou o fenômeno das práticas culturais no quilombo urbano Liberdade para a compreensão do reconhecimento do território que ocorreu em 2019, como o primeiro quilombo urbano do Maranhão e maior da América Latina. Buscou investigar como as articulações das narrativas ocorrem no sentido de revelar como os diferentes eixos associativos fazem parte da memória cultural do bairro da Liberdade na construção da identidade quilombola no urbano, no qual vem sendo construída por diferentes grupos com diferentes formas de contribuição. Esta pesquisa busca examinar como as formas de associativismo negro ocorrem também através da agência das mulheres negras na construção de uma identidade quilombola. A pesquisa se dá pela vertente de pensamento da teoria social crítica, os dados da pesquisa foram levantados por meio de entrevistas, onde dialogicamente através da oralidade examinamos o aspecto da memória coletiva e individual dos moradores, realizamos observações e registros bem como a análise das imagens das manifestações culturais presentes no bairro, onde nesta perspectiva tenciona outras formas metodológicas de observação no campo das ciências humanas e sociais. Mediante a pesquisa, foi possível perceber que as novas formas de associativismo negro estão alinhadas a concepção de autodefinição quanto ao ser quilombola no espaço urbano, bem como outras maneiras de reconhecimento, tanto em seu aspecto territorial, quanto documental do espaço.

**Palavras-chave:** Quilombo Liberdade. Associativismo. Práticas Culturais.

## **ABSTRACT**

The work presented analyzes the characteristics of cultural practices in the urban quilombo Liberdade to understand the recognition of the territory that occurred in 2019, as the first urban quilombo in Maranhão and the largest in Latin America. It sought to investigate how the articulations of narratives occur in order to reveal how the different contours of relationships are part of the cultural memory of the Liberdade neighborhood in the construction of quilombola identity in the urban area, in which it has been constructed by different groups with different forms of contribution. This research examines how forms of black associations also occur through the agency of black women in maintaining tradition. The research takes place through the thinking of critical social theory, the research data were collected through interviews, where dialogically through orality we examined the aspect of collective and individual memory of the residents, we carried out observations and records as well as the analysis of images of the cultural manifestations present in the neighborhood, where in this perspective other methodological forms of observation in the field of human and social sciences are intended. Through the research, it was possible to realize that the new forms of black associations are approved by the concept of self-definition regarding being a quilombola in urban space, as well as other forms of recognition, both in its territorial and documentary aspect of the space.

**Keywords:** Quilombo Liberdade. Associativism. Cultural Practices.

## LISTA DE FIGURAS

Imagem 1:Tabela com municípios maranhenses com maior população quilombola no censo 2022	31
Imagem 2: Mapa da Baixada Maranhense	32
Imagem 3 : Percentual de Quilombos no Brasil	37
Imagem 4:Mapa do Inventário de Referências Culturais I	40
Imagem 5: Mapa do território Quilombo Urbano Liberdade	42
Imagem 6: Percentual de Quilombos no território Censo 2022	45
Imagem 7: Regina Avelar, Ama do Boi de Leonardo fala em evento em comemoração ao dia da Mulher Negra	47
Imagem 8: Mapa do Roteiro Cultural Quilombo Liberdade	49
Imagem 9: : Registro do cortejo da Festa do Divino Espírito Santo, celebrada no bairro da Liberdade, São Luís-MA.	56
Imagem 10: Chegada ao terreiro, em frente ao Mastro, um dos mais importantes símbolos da festa do Divino Espírito Santo	59
Imagem 11: Registro da Festa no terreiro Ilê Ashé Obá Yzôo no bairro da Liberdade I	60
Imagem 12: Registro da Festa no terreiro Ilê Ashé Obá Yzôo no bairro da Liberdade II	61
Imagem 13: Quadro 1-Inventário de Referências Culturais do Quilombo Liberdade	62
Imagem 14: Festival Bumba meu boi de Zabumba publicado no portal do IPHAN	84
Imagem 15:Sede Mestre Leonardo	86
Imagem 16: Representação da Orixá Iemanjá, no Bloco Afros Neto de Nanã	87
Imagem 17:Produtora Novo Quilombo I	88
Imagem 18: Produtora Novo Quilombo II	89
Imagem 19: Coletivo Viva Quilombo	91

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1-Quilombos e Quilombolas: Organização e História</b> .....	22
1.1 Agência negra em diáspora no Quilombo Liberdade.....	26
1.2 As tensões relacionadas à titulação das comunidades quilombolas no Brasil .....	32
1.3 Quilombos rurais e Quilombos Urbanos.....	34
<b>CAPÍTULO 2- Quilombo Urbano Liberdade: Desafios, História e aproximação com o campo</b> .....	38
2.1 Associativismo negro: (te)cendo o ser quilombola.....	46
2.2 Diferentes tipos de tipologias de agência na Liberdade	58
Ponto de Cultura Mestre Leonardo	77
Bloco Afro Netos de Nanã	81
Produtora Novo Quilombo	82
O Grupo Preta Anastácia	84
Projeto Viva Quilombo	85
<b>CAPÍTULO 3-A teoria crítica como ferramenta interseccional</b>	86
3. 1 O Hip Hop como um elemento contra hegemônico	90
3.2 Mulheres em Ação: diáspora e feminismo negro	94
3.3 O Grupo Preta Anastácia e o Hip Hop na Liberdade	98
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	104
<b>5. BIBLIOGRAFIA</b>	106
APÊNDICES	110
APÊNDICE 1	110
APÊNDICE 2	110
APÊNDICE 3	114
APÊNDICE 4	117

## INTRODUÇÃO

As tensões relacionadas à titulação das comunidades quilombolas no Brasil mobilizam discussões que relacionam, para além dos conflitos territoriais, os processos de identificação e pertencimento. Desta forma, abordaremos as ações mobilizadas para o reconhecimento do Quilombo Urbano Liberdade, situado no município de São Luís do Maranhão. O quilombo Liberdade foi o primeiro quilombo urbano reconhecido pela Fundação Palmares no estado do Maranhão no ano de 2019 e é composto por quatro bairros, são eles; Liberdade, Camboa, Fé em Deus e Diamante. O bairro a ser estudado, em questão, será o bairro Liberdade, a partir da estratégia metodológica que parte de um mapeamento das expressões culturais religiosas e artísticas no território na construção do corpus da pesquisa uma vez que este bairro estabelece em seu contexto inúmeras representações culturais, onde, todavia esses estratos devem ser limitados, dessa maneira estipulamos como pesquisa qualitativa a seleção deste espaço social, como objeto de pesquisa.

O desenho desta pesquisa tem início no ano de 2020, representando, de certo modo, a continuação do estudo sobre o Quilombo Urbano Liberdade, realizado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (LIESAFRO/UFMA). Naquele momento, nos debruçamos na análise do Programa de Residência Pedagógica vinculado a LIESAFRO/UFMA. Na pesquisa apresentamos como se desenvolveu a experiência enquanto residentes, estabelecendo uma análise sobre a construção da formação docente dos residentes do programa voltada a promoção de uma educação antirracista, segundo a Lei Nº 10.639/2003.

Buscamos, também, identificar como o projeto poderia ter auxiliado para a construção identitária da negritude dos estudantes público-alvo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Professor Luiz Alves Ferreira. A Escola Professor Luiz Alves Ferreira foi a primeira escola do município de São Luís a transversalizar a ideia de um currículo quilombola alinhado às Diretrizes Nacionais do Conselho Nacional de Educação<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Segundo a Resolução CNE 08/2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. (...) A formação inicial e continuada de professores/as para a educação escolar quilombola, as diretrizes destacam a importância da inclusão do estudo de memória, ancestralidade, oralidade, corporeidade, estética e do étnodesenvolvimento, produzido pelos quilombolas ao longo do seu processo histórico, político, econômico e sociocultural. Disponível em [https://www.gov.br/mec/pt-br/etnico-racial/educacao-escolar-quilombola#:~:text=Na%20forma%C3%A7%C3%93e%20de%20professores%20e%20professoras](https://www.gov.br/mec/pt-br/etnico-racial/educacao-escolar-quilombola#:~:text=Na%20forma%C3%A7%C3%93e%20de%20professores%20e%20professoras,https://www.gov.br/mec/pt-br/etnico-racial/educacao-escolar-quilombola#:~:text=Na%20forma%C3%A7%C3%93e%20de%20professores%20e%20professoras)

Logo, nossa investigação atual busca ampliar pesquisas que analisam a visibilidade territorial e cultural no Quilombo Urbano Liberdade, como é o caso do trabalho de Ana Valéria L. Assunção, intitulado “Quilombo Urbano”, Liberdade, Camboa e Fé em Deus: identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão”.<sup>2</sup> Neste trabalho a autora se debruçou em cartografar o processo de urbanização nos bairros composto pelo Quilombo Liberdade através das narrativas dos moradores, registros históricos e documentais. Por conseguinte, há outros importantes trabalhos que ressaltam a perspectiva cultural do bairro Liberdade como as dissertações de Marla Silveira, intitulado “Nas entranhas do Bumba meu boi: Políticas e estratégias para botar o boi de Leonardo na rua”, “As anastácias do Quilombo: uma análise da participação e representação da mulher no hip-hop maranhense” da pesquisadora Claudimar Durans e por último a dissertação intitulada ‘Hip Hop educação popular em São Luís do Maranhão: uma análise da organização “Quilombo Urbano”, do Professor Pesquisador Rosenverck Estrela Santos. Essas e outras pesquisas desenvolvidas no quilombo urbano Liberdade nos possibilitam um panorama da realidade espacial, cultural e histórica do território.

Neste sentido, esta pesquisa perpassa a construção da concepção do associativismo negro como diretriz para compreensão das práticas político-culturais que possibilitaram as reivindicações sobre os processos de identificação e territorialidades no quilombo. Por conseguinte, cabe-nos refletir como o modo pelo qual as práticas culturais, realizadas por grupos negros, de forma associativa, atuam no processo de construção e no reconhecimento de uma identidade quilombola?

Para esta pesquisa faz-se necessário identificar o primeiro movimento de reconhecimento, apontado por Honneth (2003), que é aquele que a priori deve abranger a auto realização que ocorre através da autoconfiança e do autorrespeito. Esses movimentos dialógicos dão destaque a algo elementar que é a ideia de reconhecimento como premissa da autorrealização. Isso porque

O nexó existente entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal: os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. A extensão dessas propriedades e, por conseguinte, o grau da auto-realização positiva crescem com cada nova forma de reconhecimento, a

---

<sup>2</sup> Trabalho de dissertação apresentado no ano de 2017 pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, mapeando através da cartografia social as experiências culturais existentes no quilombo Liberdade em São Luís.

qual o indivíduo pode referir a si mesmo como sujeito: desse modo, está inscrita na experiência do amor a possibilidade da auto confiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do auto-respeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da auto-estima. (...) Uma concepção formal de eticidade abrange as condições qualitativas da auto-realização, que se distinguem de todas as formas de vida particulares na medida em que constituem os pressupostos universais da integridade pessoal dos sujeitos (HONNETH 2003, p.272-275)

Esse movimento ocorre pois o reconhecimento, a priori deve partir da auto realização pessoal individual, e como pano de fundo se dá pela perspectiva jurídica, e por esta razão “os pressupostos jurídicos da autorrealização representam uma grandeza suscetível de desenvolvimento (...) a relação jurídica moderna só pode entrar na rede intersubjetiva de uma eticidade pós tradicional, como um segundo elemento, quando pensada de maneira mais ampla” (HONNETH 2003, p. 277). Nesta perspectiva, a construção desta dissertação busca refletir sobre como a cultura, orientada pela atuação política, como via para a implantação efetiva de políticas públicas voltadas para o bairro, se dá a partir do reconhecimento enquanto quilombola. Por conseguinte, partimos dos estudos da diáspora, que se propõe a refletir o engajamento como sinônimo de agência política no espaço do quilombo urbano, engajamento este direcionado à construção da articulação pelo reconhecimento étnico-cultural no bairro.

Por isto para Hall a raiz não subverte a rota, uma vez que ele enfatiza que “nossos povos têm suas raízes — ou, mais precisamente, podem traçar suas rotas a partir dos quatro cantos do globo, desde a Europa, África, Ásia; foram forçados a se juntar no quarto canto, na "cena primária" do Novo Mundo. Suas "rotas" são tudo, menos "puras". (HALL, 2003, p.31). Assim, quando pensamos em identidade, Stuart Hall explica esse fato como uma produção que nunca se completa, isto é uma identidade cultural partilhada é aquilo ao qual podemos denominar segundo (HALL, 20 p. 68) de “experiências históricas em comum em que os códigos culturais são partilhados”. Nesse sentido a recepção dos estudos da diáspora no Brasil, ou genealogia da diáspora africana a partir do Brasil, como um tema subexplorado, ainda busca se consolidar como um nicho de estudo, em contraste com a solidez da sociologia clássica.

A produção científica brasileira, por sua vez, reflete essa disparidade, enquadrando a discussão em perspectivas tradicionais que não contemplam a amplitude e a riqueza da experiência diaspórica. Dessa forma ampliar as fontes de formação do pensamento sociológico se torna crucial para desconstruir a ótica eurocêntrica que permeia a produção acadêmica, muitas vezes marcada por uma perspectiva colonial.

Assim, a reconstituição das rotas e raízes dos povos africanos no Brasil se configura como uma composição teórica divergente, desafiando as narrativas tradicionais. É importante reconhecer que o termo "diáspora", inicialmente associado à experiência de dispersão judaica no Antigo Testamento, esse ligado a essa experiência judaica posteriormente foi reinterpretada para abarcar a dispersão de outros povos pelo mundo.

Embora os panafricanistas não utilizassem o termo diáspora como ferramenta de análise mesmo trabalhando com perspectivas próximas a esses conceitos, movimentos como da negritudes e Pan Africanismo na sua primeira versão estavam sedimentando o campo de estudos da diáspora, movimento este que dialoga com aquilo que depois será incorporado como estudos da diáspora, além disso é interessante como segundo Harris (1968), a diáspora africana pode ser dividida em dois períodos distintos a primeira caracterizada como Diáspora Involuntária que ocorre até meados do século XX, marcada pelo tráfico transatlântico de escravos e pela dispersão forçada de africanos por todo o mundo, e posteriormente definida de Diáspora Mobilizada, que se dá a partir da década de 1960, pelo crescente fluxo migratório de africanos para as capitais e grandes cidades dos países ocidentais.

(...) ao ressignificar algumas destas categorias e estabelecer novos nexos entre elas, buscavam criar novas leituras do passado e novas perspectivas para o futuro. A decisão, no V Congresso Pan-Africanista em Manchester (1945), de organizar os futuros congressos no próprio continente africano foi outro marco importante na tentativa de conferir ao associativismo negro/africano uma base transnacional. (SILVÉRIO 2020 p.879)

Nesse sentido, autores que discutem a diáspora no Brasil e no mundo mostram que a diáspora africana não pode ser compreendida como um movimento linear ou como um conjunto de experiências homogêneas. Em vez disso, ela deve ser vista como um processo dinâmico e complexo que envolve diferentes articulações e deslocamentos, explorando a articulação entre as experiências da diáspora africana e a construção de identidades negras transnacionais, ao passo que as formas de expressão cultural transcendem fronteiras geográficas e temporais assim a cultura negra é lida como um eixo dinâmico o qual se apresenta em constante transformação, no entanto mantendo suas raízes em África.

Elucidando este pensamento no artigo Dançar, cantar no compasso da Liberdade (2020) os autores apresentam uma síntese das reflexões de Harris, Edwards e Hall sobre a

diáspora africana, destacando seus pontos de convergência e divergência e a análise se estrutura em torno de três eixos principais: a caracterização da diáspora africana, as críticas à noção de "Atlântico Negro" e a proposta de "décalage" como ferramenta conceitual. Esses eixos de articulações conceituais nos ajudam a entender como a diáspora africana passa a se integrar ao conceito chave de “deslocamento” ao passo que se integra a multiplicidade de interconexões, resistências e reinvenções.

Por conseguinte interessa-nos entender como a conjuntura do associativismo negro atua nas mais variadas manifestações (sejam elas artísticas, culturais e religiosas) a partir da agência política frente ao cenário de negação histórica de direitos fundamentais das populações quilombolas. Pretende-se contextualizar a construção das formas de resistências presentes no bairro, observando o processo de identificação e reconhecimento do lugar por seus agentes atrelada a concepção latente da reinvenção do ser quilombola no espaço urbano. Desta maneira abordaremos como as organizações presentes no bairro liberdade atuam como um espírito *associativo do negro brasileiro* segundo Artur Ramos (1938) e Clóvis Moura (1983).

O negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período que perdurou o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou após a abolição o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes: quilombos, confrarias religiosas, irmandades, cantos na Bahia, grupos religiosos como o candomblé, terreiros de xangô e mesmo de umbanda, mais recentemente. (MOURA 1983, p.143)

O presente estudo também busca compreender como novos símbolos de resistência se reconfiguram na chamada “modernidade” como explica Gilroy. Isso não significa dizer que “o poder manifesto dessas subjetividades modernas e os movimentos que elas articularam tenham sido deixados para trás” (GILROY, 2001, p.34), mas que a atualização e, portanto, a transfiguração das culturas vernaculares<sup>3</sup> nas práticas culturais são atravessadas por um processo subjetivo eminente, observado assim como um elemento da constituição e trajetória histórica do bairro.

O principal objetivo deste trabalho é ampliar análises relativas ao reconhecimento político, social, cultural e territorial do Quilombo Urbano Liberdade e seus/suas moradores/as com base no conceito de “diáspora africana” bem como ressaltar o protagonismo de

---

<sup>3</sup> Trata-se da cultura do Atlântico Negro, uma cultura que pelo seu caráter híbrido não se encontra circunscrita às fronteiras étnicas ou nacionais.

mulheres negras na construção do associativismo negro que emergem e ganham capacidade explicativa no contexto da criação e legitimação destes novos campos de estudos.

A partir deste objetivo principal, há três objetivos específicos: a) mapear os grupos/coletivos presentes no Liberdade; b) investigar como as práticas dos grupos artísticos e coletivos se compreendem na constituição política de reivindicação do bairro enquanto quilombo urbano, c) examinar o papel das mulheres do bairro no processo de reconhecimento do espaço na posição de articuladoras dessas práticas associativistas.

É importante ressaltar que por mais que algumas expressões/grupos não tenham se perpetuado<sup>4</sup>, isto necessariamente não se torna um problema, pois a relevância de algumas organizações negras foram tão necessários na composição da memória e na construção da identidade negra no bairro, que coloca o grupo como parte das manifestações do território, anexando a ideia de uma construção de identidade que vem sendo organizada por diferentes grupos com diferentes formas de contribuição. Entre essas manifestações há um paralelo entre o passado e presente, visto que no final da década de 1990 houve a presença do grupo Pretas Anastácias que simboliza a composição da memória do bairro, bem como a ideia de autodefinição, na qual abordaremos mais à frente em nosso trabalho.

Para a realização da presente pesquisa, a fim de alcançar os objetivos propostos, ela foi dividida em três partes: (1) Revisão bibliográfica (2) Etnografia e (3) Pesquisa Documental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que segundo Angrosino (2008), é o “tipo de pesquisa que visa abordar o mundo “lá fora” (...) entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras: analisando experiências de indivíduos ou grupos.

O pesquisador qualitativo quer entender diferentes ambientes sociais no espaço social, tipificando estratos sociais e funções, ou combinações deles, juntamente com representações específicas. Os ambientes sociais ocupam um espaço social e podem ter um projeto de interesse e de investimento comuns que justifique suas representações específicas. A variedade externa e interna, os estratos e as representações podem se correlacionar, mas não é necessário. Existem ambientes sociais velhos e novos que estão emergindo em uma sociedade dinâmica. Isto exige uma imaginação sociológica e um conhecimento histórico para se reconhecer novos ambientes sociais, e para identificar os ambientes tradicionais que produzem diferenças com respeito a representação de um novo problema na sociedade. (BAUER & GASKELL, 2014, p.57)

---

<sup>4</sup> O grupo Pretas Anastácias é um deles, este e outros grupos ainda serão apresentados com mais detalhes no texto.

As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou práticas (cotidianas ou profissionais) e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia” (ANGROSINO, 2008, p. 8). Nesse sentido, nossa pesquisa vai de encontro ao ato de buscar, que está para além de catalogar, mas sim investigar como ocorre em um ambiente social, rodeado por infinitas formas de representações culturais que possibilitam as formas associativistas no bairro Liberdade que traz a ideia de reinterpretação de um espaço que se reinventa de inúmeras maneiras.

Neste sentido, nosso método de pesquisa será a revisão bibliográfica sobre a temática abordada, acompanhada da incursão etnográfica que tem por orientação teórica os *estudos culturais*<sup>5</sup> (ANGROSINO, 2008, p.17). Desse modo, "a etnografia lida com gente no sentido da palavra e não com indivíduos". (...) é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura.” (ANGROSINO, 2008, p. 16). Para isso este método ajusta-se ao nosso objetivo de conhecer a lógica do quilombo liberdade a partir do associativismo e com base em seu arcabouço cultural, religioso e intelectual.

Sublinhe-se o quanto, nesta perspectiva, a investigação em estudos culturais trabalha essencialmente com problemas de ‘tradução’ e justificação, não procurando propriamente a ‘verdade objectiva’, mas a compreensão do significado mais profundo dos discursos e das representações sociais e culturais. Compreende-se assim, que esta metodologia se encontre particularmente apta para abordar questões de cultura, estilos de vida e identidades (BAPTISTA, 2009, p. 457-458).

Faremos como coleta de dados uso de entrevistas, observando que "entrevistar" é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes (Angrosino, 2008 p. 61). Com a finalidade de descrevermos os detalhes das práticas dos grupos artísticos, buscaremos entender as estratégias de intervenção adotadas nos coletivos pertencentes ao bairro Liberdade. Desta maneira o uso desta forma de coleta de dados nos possibilitará familiaridade com o campo de pesquisa, pois segundo Angrosino (2008)

A entrevista etnográfica é de fato interativa, no sentido de acontecer entre pessoas que se tornaram amigas enquanto o etnógrafo foi observador participante da comunidade em que o seu ou a sua informante vive. Neste sentido, é diferente do tipo de entrevista que pode ser feita por um repórter de jornal em busca de uma informação em “fonte”. (Angrosino, 2008, p. 61)

---

<sup>5</sup> Um campo de pesquisa que examina como a vida das pessoas é moldada por estruturas que perpassam historicamente de geração em geração. Os especialistas em estudos culturais, estão preocupados antes de tudo com textos culturais, instituições como meio de comunicação, e manifestação da cultura popular que representam convergências entre a história, ideologias e experiências subjetivas (ANGROSINO, 2008, p. 28).

Ainda lançaremos mão do uso das imagens como recurso para chegarmos não apenas à análise da imagem em si, mas visando enxergar a atribuição dos significados impetrados pelos atores sociais que compõem a diversidade das formas simbólicas estabelecidas nas manifestações culturais do bairro Liberdade. Cada imagem apresentada ao longo deste trabalho possui consigo a relação com seu contexto e se conecta com a identidade dos sujeitos presentes. O uso das imagens na pesquisa social nos possibilita sinalizar ao leitor “um pronunciamento visual e indica, dessa forma, outras dimensões de significação que podem ser atribuídas às imagens”. (BIANCO, LEITE, 1998 p. 201). Por isso este instrumento metodológico é um importante veículo para pensar a diáspora por meio das práticas culturais, isto ocorre também pois nas ciências sociais esta ferramenta de análise possibilita a complementaridade entre texto e imagem.

Desse modo, “ler e “imagem” devem ser mutuamente re-vistos, pois a expressão só tem sentido na condição de lembrarmos que a imagem não é um texto em palavras e que ler “imagens” é diferente da leitura que se faz de um texto em que decodificamos cada signo buscando seu sentido; é, principalmente, a análise do conjunto desses signos e de sua produção. Mas o casamento dessas duas linguagens -antropológica e imagética- não é tarefa simples. (BIANCO, LEITE. 1998 p.223)

Para tanto a entrevista etnográfica *em profundidade* (2008, p. 62) será a utilizada, para analisarmos as significações do ser quilombola no urbano em relação às práticas culturais e associativas de nossos sujeitos de pesquisa, naquilo que elas significam ou não junto ao processo de constituição do “ser quilombola na cidade”, uma vez que esta forma de coletar dados nos ajudará a manter o caráter intersubjetivo da pesquisa pois se articula ao propósito de:

Sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras, que podem escapar a questões de múltiplas escolhas que meramente se aproximam de uma superfície de problema. Ou seja, essas questões não devem ser engessadas dentro de uma lista, mas servir de roteiro para os assuntos principais de uma conversa. Embora a entrevista possa ser não estruturada (no sentido de não se prender a um conjunto formal de enquetes. Ela absolutamente não é desordenada. Além das perguntas abertas com que o entrevistador inicia o encontro, várias outras serão questões investigativas destinadas a manter a entrevista fluindo em direções produtivas (Angrosino, 2008, 62).

A análise de dados, será dada de forma *descritiva*, onde examinaremos os temas emergentes nos dados coletados por meio das entrevistas em *profundidade*. Com esse

propósito a apresentação destes dados se dará por meio da explicação entre o embasamento teórico proposto e metodologia aplicada.

## CAPÍTULO 1

### QUILOMBOS E QUILOMBOLAS: ORGANIZAÇÃO E HISTÓRIA

Um aspecto a ser considerado na reflexão sobre a incidência de quilombos no estado do Maranhão são as muitas regiões de fronteiras, ou seja, por isto ocorreu “uma extraordinária multiplicação de quilombos nessa província durante o século XIX”. (ASSUNÇÃO, p.433, 1996). Vale ressaltar que durante o Brasil Império, o estado foi cenário de um dos maiores movimentos de resistência quilombola e camponesa, a Balaiada. A Balaiada foi uma das primeiras revoltas do campesinato no Maranhão e no Brasil (1838-1841).

O movimento é caracterizado como um dos maiores movimentos de insurreição durante o período imperial dado pela mobilização geral dos bem-te-vis (liberais) contra o poder conservador (cabanos) . Formado por um grupo heterogêneo que alcança parte do Maranhão, Piauí, e Ceará, espaços historicamente diferentes, e com distintas versões em cada região, a Guerra da Balaiada desmistifica uma premissa corrente sobre a passividade política do “povo”, e principalmente do povo negro, e caracteriza-se por uma revolta multiclassista .

“O Maranhão passara a ter uma população escrava superior em número à livre, segundo dados estatísticos mais ou menos aproximados da verdade; “o que por si só”, dizia, constituía um perigo iminente. Informava que na capital existiam pretos livres que sabiam ler sofrivelmente, e a quem não eram estranhas as ideias que naqueles tempos se vinham manifestando em favor da emancipação dos escravos. E que semelhantes ideias iam se propagando de maneira confusa e vaga pela escravatura da capital e do interior”. Nesse documento, o presidente relatava que de certo tempo até aquela data, alguns proprietários que conservavam as suas fazendas entregues a administradores, queixavam-se de se haver manifestado em seus escravos um tal ou qual espírito de insubordinação (...) O número considerável de escravos concentrados no vale de Itapecuru, transformou aquela região num foco permanente de tensões. Por isso os atos de insubordinação reprimidos no dia-dia, as fugas, os suicídios, os assassinatos, os numerosos quilombos ali presentes demonstravam o nível de resistência dos cativos ao regime escravocrata, na área mais povoada da província. Com a Guerra do Paraguai, antigos temores voltavam a acometer os grandes proprietários da província do Maranhão. (ARAÚJO, 2006, p. 27-28)

De acordo com Mathias Assunção (1996), o número considerável de africanos e afro-brasileiros escravizados que se concentrava na região do Vale do Itapecuru, associado as fugas, os suicídios, os assassinatos, os numerosos quilombos ali presentes demonstravam o nível de resistência dos cativos ao regime escravocrata, na área mais povoada da província.

Soma-se ao contexto a iminente instabilidade política da época devido a exploração econômica, a resistência ao recrutamento de homens livres em idade de servir o Estado que seriam enviados à Guerra do Paraguai (1864 a 1870), associada a politização advinda do descontentamento para com o Estado, e a fragilidade das tropas nas sucessivas fugas dos escravos diante das tentativas sem êxito de captura, desencadearam formas de resistência dos quilombolas com a participação de homens livres no Maranhão Imperial.

A Guerra da Balaiada esteve articulada com outras revoltas negras que, atuando em uma espécie de rede, culminaram numa pressão popular frente ao Império. É possível estabelecermos paralelos entre as insurreições ocorridas no Brasil e a iminência da primeira e vitoriosa insurreição de africanos e seus descendentes escravizados iniciada em 1791, no Haiti. O Haiti tornou-se independente da França em 1803, sendo esta considerada por alguns autores a primeira e maior revolução negra das Américas. Guiados pelo mesmo espírito de insubordinação os jacobinos negros desejavam o extermínio de seus opressores e a tomada da colônia para si, diante da violência generalizada.

Os africanos escravizados na colônia de Saint Domingues no Haiti foram influenciados pela revolução francesa em 1789 e ideais iluministas que estimularam a insatisfação destes que se deu através de sucessivas rebeliões. Os descendentes de africanos, lutaram massivamente contra as tropas francesas e venceram todas elas, além disso é em meio a revolução francesa em 1794, que os jacobinos tomaram controle da assembleia legislativa com a maioria das cadeiras, abolindo a escravidão em todo o território de soberania francesa, incluindo Saint Domingues.

Os homens fazem a sua própria história. E os jacobinos negros de São Domingos fariam a história que mudaria o destino de milhões e o curso de três continentes. Todavia, se é possível aproveitar uma oportunidade, não é possível criá-la. O comércio de escravos estava firmemente entrelaçado à economia do século XVIII. Três forças: os proprietários de São Domingos, a burguesia francesa e a burguesia inglesa prosperaram sobre a devastação de um continente e a brutal exploração de milhões de habitantes. Enquanto, essas forças se mantivessem em equilíbrio, o tráfico demoníaco prosseguiria; e assim teria continuado até os dias de hoje. Mas nada, por mais lucrativo que seja, dura para sempre. Desde que o seu próprio desenvolvimento ganhou ímpeto, os fazendeiros das colônias e as burguesias francesa e britânica passaram a gerar pressões internas e a intensificar as rivalidades externas, dirigindo-se cegamente para conflitos e explosões que despedaçaram as bases do seu domínio e criaram a possibilidade de emancipação. (JAMES, C.L.R, 2000, p.39)

Em 1801 Toussaint Louverture proclama-se governador geral vitalício em Saint Domingues, construindo um projeto constitucional que pretendia unificar Saint Domingues e França por laços federativos, mas Napoleão Bonaparte na época primeiro cônsul na França não apoiou esta ideia, levando ao restabelecimento da escravidão em Saint Domingues, com o envio aproximado de 22 mil soldados, uma das maiores frotas mobilizadas pela França.

Diante de um intenso confronto o líder de Saint Domingue, Toussaint Louverture foi rendido e deportado a França onde foi aprisionado e desenvolveu pneumonia levando a sua morte. Embora a perda do líder, a guerra continuou sob a liderança de Jean Jacques, e “o movimento popular adquiriu uma enorme confiança de si mesmo. (...) A revolução os despertou, tornou-lhes possíveis as realizações a confiança e o orgulho. Aquela fraqueza psicológica, aquele sentimento de inferioridade, com os quais os imperialistas envenenaram os povos de todas as partes, desapareceram”. (JAMES, 2000, p.224). Municípios por uma capacidade organizacional, os insurretos demonstraram-se fortemente disciplinados, e avançaram rumo à vitória com o recuo das tropas francesas frente à mortalidade dos soldados franceses causada pela doença de febre amarela que se deu pela perda de mais de 80% do exército enviado à colônia.

É concebível pensar em termos de possíveis articulações entre as revoltas negras, que essa hipótese dialoga com a existência de movimentos de resistência negra em muitas partes do mundo. Além do mais, MORSS (2009) ressalta que a contradição de um discurso de liberdade e a realidade da escravidão, sobretudo no que atribui a passividade dos pensadores e escritores do Iluminismo francês, quanto ao que se tratava a escravidão, se dava pelo fato de que “o sangue vital da economia escravista não lhes importava (...) tal neutralidade moral é inerente aos métodos disciplinares, que, a despeito de se basearem numa variedade de premissas filosóficas, acabam resultando nas mesmas exclusões.” (MORSS, 2009, p.135-137).

Isto significa dizer que o sucesso da abolição da escravatura no Haiti se deu pelos próprios escravizados, que tomando para si a “*ideia de liberdade universal*” concretizaram como epicentro dessa luta a colônia de Saint-Domingue um confronto que durou cerca de 9 anos sob o comando de Toussaint-Louverture<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup>Pertenceu a uma pequena casta privilegiada, seu pai filho de um pequeno chefe na África, depois de aprisionado na guerra foi vendido como escravo e fez a viagem em um navio negreiro. Toussaint seria o mais velho entre os oito filhos. Pierre Bastide tornou-se padrinho de Toussaint, a qual lhe ensinou os rudimentos do francês e do latim, aprendendo também a desenhar. Aprendeu com seu pai conhecimento sobre plantas medicinais. Assim tornando-se administrador de todos os bens vivos da fazenda. (JAMES, 2000, p.33)

Nesse sentido considera-se também como a recusa do protagonismo negro constitui a historiografia oficial<sup>7</sup>, instrumentalizada de forma a negar tal protagonismo tendo em vista a concepção daqueles que narram a história em visão desfavorável dos “rebeldes”, concebendo-se uma visão conservadora dos movimentos de insurgência na época.

Isto é, por exemplo, aqueles que trabalharam inicialmente com a linha oficial da história da Balaiada, basearam-se numa perspectiva de memória oral que sem fontes documentais, tornavam-se facilmente manipuláveis na intenção de criminalizar os rebeldes. Essa e outras tentativas de suprimir movimentos de resistência contra a violência e desigualdade constituíram os mais de trezentos anos de escravidão. O massacre oficial, pela Guerra da Balaiada, nega um dos nomes mais significativos; o de Cosme Bento das Chagas, um líder quilombola e sujeito histórico atuante dentro desta conjuntura. Por conseguinte, eliminar os balaios na luta e na memória<sup>8</sup> era fundamental para que a ordem fosse estabelecida.

Cosme conseguiu juntar, segundo todas as fontes, até três mil negros em torno da sua pessoa. Estabeleceu uma base na fazenda da Lagoa Amarela, situado no Rio Preto, um afluente do Rio Munim. Esta fazenda era propriedade de Ricardo Nava, que foi morto pelos quilombolas não sem ter sido antes obrigado a assinar Carta de liberdade para seus duzentos escravos. Sem dúvida a audácia do ex -escravo, não somente prometendo liberdade, mas de fato extorquindo cartas de alforria ou firmando-as de seu próprio punho, contribuiu para que escravos com ânsia de liberdade procurassem unir-se a ele e seu grupo. (...) Sem dúvida a personalidade de Cosme foi determinante para imprimir um rumo distinto ao grupo que chefiava. Infelizmente sabemos muito pouco sobre esta figura, que merece ser considerada o Zumbi Maranhense”.(REIS, 2011,p.445)

Assim como esses e outros movimentos de insurgência, o movimento abolicionista também se caracteriza como um fenômeno social político e multiclassista, que configurou como o primeiro movimento social brasileiro segundo (ALONSO, 2015). O movimento fundamenta-se entre arenas e em três fases distintas, encabeçados principalmente por André Rebouças, Joaquim Nabuco, Luís Gama, José do Patrocínio, culminando na abolição da escravatura em 13 de maio de 1888. A articulação negra afasta a ideia de que a abolição estava atrelada aos atos da família real. Embora a historiografia oficial, neste caso também

---

<sup>7</sup>Para Kagan, a história oficial é a historiografia produzida visando a defesa dos interesses tanto de um governante quanto de uma autoridade religiosa, de uma corporação urbana etc. Para o autor, esse tipo de historiografia é um instrumento que visa divulgar uma imagem positiva daqueles nela interessados do mesmo modo, ela também pode ser escrita para contradizer uma narrativa previamente formada (KAGAN 2009, p. 3).

<sup>8</sup> O museu da Balaiada foi inaugurado em 26 de junho de 2004 na cidade de Caxias-MA, com quase 20 anos de existência esse espaço desempenha o papel de manter a memória desse movimento, conta com um acervo de mais de 350 peças e um centro de documentação da época. Disponível em: <https://caxias.ma.gov.br/>

apontasse que o feito da abolição fosse um ato benevolente, o que se conclui foi uma ampla atuação de articuladores nos grandes centros urbanos do país na época.

O debate sobre o protagonismo negro desses e outros agentes na historiografia brasileira, retrata a escravidão como uma ideologia das classes dominantes na própria história oficial, permeando-se também para largas parcelas da sociedade (CHIAVENATO, 1987, p.13). O esforço em compreender um espírito associativista do negro no Brasil a partir desses dados é importante para considerar que “desde os primeiros tempos da escravidão, existiu um espírito associativo (...) se não fosse esse espírito, ou melhor essa tendência pela sua situação no espaço social, os escravos teriam uma vida muito mais sofrida sob o cativo e o negro livre não teria resistido na proporção que resistiu, ao chamado traumatismo da escravidão, incorporado por ele ao seu comportamento após a abolição (MOURA, 1988, p.111).

Em função disto, a dinâmica que envolve o quilombamento se dá na passagem da condição de escravizado, por meio da ideia de protesto, dada a contraposição a estrutura de dominação criada frente ao racismo. “E como reação outras formas de comportamento “divergente” em camadas diversas que, por seu turno, influíam para que os escravos ainda passivos se transformassem em elemento dinâmico, passando de escravo a quilombola” (MOURA, 1988, p. 270), nesse sentido o Quilombo Liberdade por meio da cultura impulsiona artificios referentes ao sentido de pertencimento com base nas simbologias religiosas e mecanismo de estratégias de mobilizações, na qual se faz presente ao analisarmos a construção da ideia de autodefinição desenvolvida por seus agentes.

### **1.1 Agência negra em diáspora no Quilombo Urbano Liberdade**

Os elementos constitutivos que possibilitaram a criação dos grupos, associações e manifestações na Liberdade serão um dos objetivos deste trabalho, exploraremos as noções de identidade e pertencimento que fornecerá um diálogo, de modo a entender-se como a comunidade por meio da cultura impulsiona artificios referentes ao sentido de pertencimento com base nas simbologias religiosas e mecanismo de estratégias de mobilizações, na qual se faz presente ao analisarmos a construção da ideia de autodefinição desenvolvida por seus agentes.

Especial atenção foi dada à autodefinição “quilombo urbano” por alguns agentes sociais ouvidos. (...). Há ainda fortes referências históricas da formação destes bairros, especificamente nas narrativas dos antigos moradores, que se vinculam aos territórios quilombolas de Alcântara, no Litoral Ocidental Maranhense e Baixada Maranhense (ASSUNÇÃO, 2017, p. 14).

Assim, pretende-se contextualizar a construção das formas de resistências presentes no Quilombo Liberdade, observando o processo de identificação e reconhecimento do lugar por seus agentes, atrelado à concepção de reinvenção da identidade quilombola no espaço urbano com o objetivo de compreender como se deu o reconhecimento do bairro pela Fundação Cultural dos Palmares<sup>9</sup>, em 13 de novembro de 2019, como consta no Livro de Cadastro Geral nº 020, sob o nº 2.783. Os bairros Liberdade, Camboa, Fé em Deus e Diamante foram reconhecidos como componentes do primeiro Quilombo Urbano do Maranhão, o Quilombo Liberdade.<sup>10</sup>

Os direitos das comunidades quilombolas encontram-se expressamente no texto constitucional, no Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003. A partir do decreto, constata-se que há uma discussão que incorpora as políticas públicas para acesso à garantia de direitos fundamentais para a comunidade. Segundo o Informativo Desigualdades Raciais e Covid-19 “os estados da Bahia, Minas Gerais e Maranhão reúnem quase metade das localidades quilombolas de todo o país” (BRASIL, 2021 p.6). Já no último censo, e também primeiro censo quilombola ocorrido em 2022, duas cidades do Estado do Maranhão estão entre as cinco cidades do País com mais população quilombolas e estão localizadas na Baixada Maranhense, a primeira cidade é Alcântara com 84,6, e a segunda se chama Serrano do Maranhão com 55,7%, como apresentado a seguir.

---

<sup>9</sup> A Fundação Palmares, órgão criado em 1988 para “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira” (Art. 1º da Lei Federal nº 7.668/1988) durante 1995 e 2003 concentrou-se na elaboração dos relatórios antropológicos. Entretanto, a partir de 2003 a fundação perde parte de suas atribuições, com a transferência da regularização fundiária das comunidades quilombolas para o Incra (Decreto. 4887/2003) restringindo sua atuação a emissões de certidões de reconhecimento.

<sup>10</sup> <https://agenciatambor.net.br/geral/liberdade-torna-se-o-primeiro-quilombo-urbano-do-maranhao/>

Imagem 1: Tabela com municípios maranhenses com maior população quilombola no censo de 2022.

Município	População residente	População quilombola	Proporção da população quilombola
Alcântara (MA)	18.466	15.616	84,6%
Berilo (MG)	9.826	5.735	58,4%
Cavalcante (GO)	9.589	5.473	57,1%
Serrano do Maranhão (MA)	10.202	5.687	55,7%
Bonito (BA)	15.844	7.967	50,3%
Central do Maranhão (MA)	7.094	3.433	48,4%
São Vicente Ferrer (MA)	19.498	9.255	47,5%
Mirinzal (MA)	13.978	6.530	46,7%
Bacurituba (MA)	5.255	2.338	44,5%
Mateiros (TO)	2.748	1.190	43,3%

Fonte: <https://igualdaderacial.ma.gov.br/noticias/censo-2022-do-ibge-mostra-que-maranhao-e-o-estado-com-o-maior-numero-relativamente-de-quilombolas-do-pais-sao-269.074-que-se-autoidentificaram>

Segundo Clóvis Moura, “os quilombos traduzem formas de resistência social da população negra dado à forma contínua de protesto” (MOURA, 2020 p.20). Por isso o Quilombo Urbano Liberdade, situado na cidade de São Luís-MA, estabelece em sua formação relações diretas com quilombolas que vieram da baixada maranhense,<sup>11</sup> como situado no mapa, fato que lhes atribui importância política, social e cultural, o qual foi percebido ainda em trechos da entrevista realizada com Alberto da Liberdade, como assim se denomina, o qual é proprietário da Produtora Novo Quilombo, um dos enfoques de nossa pesquisa.

Meu pai veio de Santa Helena-Pilões, minha mãe veio de Cururupu, eles ficaram sabendo que estava tendo a construção do Matadouro e vieram tirar um terreno aqui na Liberdade, na Maré e vieram pra cá, entendeu? Então eles fizeram, eles são a minha referência. Além disso, a minha família além de ser composta pelo meu pai, ela é composta também por Leonardo, por Apolônio, por Seu Diquinho, por Dona Benedita, por Pai Coxo. Então essas pessoas que eu falei são as pessoas de maior destaque cultural na Liberdade. E eu sempre estive presente na vida deles participando das ações que eles faziam. (...) E a minha inserção nesse meio se deu pois desde quando eu nasci, as pessoas sempre falavam que o bairro da Liberdade era um bairro perigoso. E eu nunca gostei quando alguém mencionava isso. Então eu fui crescendo, fui crescendo e eu descobri que através da música você consegue educar as pessoas. Então a esquina Bob Marley surgiu justamente para trazer mais paz para a Liberdade. E antes deles titularizarem São Luís do Maranhão como a capital nacional do Reggae, nós do Quilombo já tínhamos titularizado o bairro da Liberdade como o bairro do Reggae. Por que o bairro do Reggae? Porque as pessoas que moram aqui na Liberdade, que foram para a Jamaica e trouxeram as músicas

<sup>11</sup> Local onde comunidades negras formaram-se a partir do fim da escravidão no Maranhão e representa hoje uma das regiões do Estado com maior número de comunidades remanescente de quilombos (ALMEIDA, 2013, p.1-2)



reconhecimento. Isto ocorre, pois, a forma de organização do espaço se constitui na busca pela identidade em que os sujeitos em coletividade ou individualmente direcionam-se de forma estratégica. Isto ocorre pois a “a consciência da identidade ganha um poder adicional a partir da ideia de que ela não é o produto da "audácia" de algum homem grandioso, mas é o resultado de uma experiência compartilhada, enraizada e vinculada em especial a lugar, localização linguagem e mutualidade”. (GILROY, 2007, p.126) Ao aprofundarmos esse debate, já não se subjaz a ideia de que para Beatriz Nascimento:

O quilombo, especialmente Palmares, podia ser considerado um projeto de nação, protagonizado por negros, mas incluído de outros setores subalternos. Quando assume a vertente ideológica do termo, ela estende seu significado para abranger um território de liberdade, não apenas referente a uma fuga, mas uma busca de um tempo/espaço de paz. (RATZ, 2006, p. 59).

Alberto da Liberdade, ao mencionar a Esquina do Reggae, onde se destaca uma pintura de Bob Marley<sup>12</sup>, atribui este lugar como um espaço de paz, ao empreender este discurso, tem-se a tentativa de ressignificar a ideia de um bairro perigoso, que se deu por meio dos discursos de marginalização do bairro.

Isto ocorre, pois, a partir da perspectiva que entende as formas alternativas de protesto, apresenta-se significativamente pelo viés cultural. Dessa forma, as diversas estratégias de agenciamento da comunidade, “ocorre nas tentativas de mobilização simbólica que acompanham todos os movimentos sociais modernos (...) e desenvolve novas identidades que realizaram mudanças através de símbolos que sejam familiares as pessoas baseadas em suas próprias culturas" (TARROW, 2009 p.140). Por isso, um elemento ao qual não se pode ocultar é a perspectiva de que o bairro convive com a noção estigmatizada pela construção de um discurso público midiático, construído frente à noção de barbárie. O relato de uma moradora do bairro nos auxilia nesta compreensão.

Hoje é um reflexo do que a mídia provocou, pois houve período de grande violência entre a juventude aqui em São Luís e como a TV Difusora fica bem próximo, na Camboa e a Tv Mirante também, facilitava eles virem aqui quando tinha ocorrência de violência na cidade. Essas duas emissoras sempre vinham pra cá e noticiavam, existia morte em vários bairros, mas eles só cobriam as daqui, porque era mais fácil pra eles. Dessa forma, as mortes na Liberdade eram sempre muito divulgadas. Então, isso criou um preconceito das pessoas com o bairro. Um jornalista que foi muito criticado pelo Quilombo Urbano foi Jânio Arley. Ele veio na Liberdade uma

---

<sup>12</sup> Responsável por tornar o reggae conhecido mundialmente, Bob Marley segundo SILVA (2019) “dentro da conjuntura dada (afrodescendente, jamaicano, origem humilde, caos político e social na Jamaica etc), contempla as condições de vida caracterizada pelos efeitos da dominação sócio histórica, cultural e ideológica, tanto dos jamaicanos como dos afrodescendentes em geral. (SILVA, 2019.p.39)

vez fazer uma reportagem e foi expulso pela população, um rapaz questionou por que ele só vinha aqui mostrar as coisas ruins do bairro, daí, os moradores o colocaram pra correr. (ASSUNÇÃO, 2017, p. 116).

A dinâmica de um discurso colonial envolve a concepção de estereótipo como uma estratégia discursiva, pois “ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização”. (BHABHA, 1998, p.106). Ao garantir esta repetibilidade de marginalização do bairro pela imprensa local, a estratégia discursiva por meio desta ação se objetiva pelo poder discriminatório, aqui representado pela imprensa local.

A contestação indicada pela moradora, aponta para o que Bhabha (1998) em seu livro *O local das Culturas*, avalia como o constructo das práticas discursivas embasam a hierarquização racial e cultural. Em suma, esta dinâmica envolve a própria construção de um discurso colonial que ao marginalizar uma comunidade apoia-se na capacidade de superioridade e dominação de um povo sobre outro, essa ambivalência se divide em dois conceitos desenvolvidos por ele; o estereótipo e a mímica.

Esses conceitos possibilitam um questionamento ao reconhecer as diferenças culturais como um processo, e a diversidade cultural como categoria. Ainda que convivam com a noção estereotipada, que se dá pela criminalização do lugar, o bairro da liberdade relaciona-se à dinâmica por instaurar a diversidade cultural existente no espaço como ferramenta contra hegemônica frente a noção de barbárie construída pela mídia local. Por isso, quando Alberto da Liberdade diz “*as pessoas sempre falavam que o bairro da Liberdade era um bairro perigoso. E eu nunca gostei quando alguém mencionava isso. Então eu fui crescendo, fui crescendo e eu descobri que através da música você consegue educar as pessoas.*” Alberto explica através de sua experiência um processo intrínseco à emancipação, a negociação, tal estratégia ocorre ao ressignificar o ideário de marginalização através da arte, como *um lugar de paz*.

Ao passo que examinamos essa dimensão retomamos ao debate de como a cultura na modernidade segundo Gilroy (2012) e Hall (2013) rompe com a ideia de pureza racial, a ideia do hibridismo está relacionada à noção transnacional e não nacionalista, isto é

A propensão não-nacional da diáspora é ampliada quando o conceito é anexado em relatos anti-essencialistas da formação de identidade como um processo histórico e político, e utilizado para conseguir um afastamento em relação a ideia de identidades primordiais que se estabelecem supostamente tanto pela cultura como pela natureza, Ao aderir a diáspora, a identidade pode ser, ao invés disso, levada a contingência, a indeterminação e ao conflito (GILROY, 2001, p.19)

Os processos pelos quais o bairro da Liberdade adquiriu tais aspectos culturais, é resultado desses novos processos diaspóricos, como uma cultura transnacional<sup>13</sup>, isto é essa circulação e fluxos entre a baixada maranhense e o bairro da liberdade que abandona a ideia essencialista de pureza em relação à cultura, mas estabelece que a experiência histórica compartilhada é o centro desta estruturação e construção quilombola no espaço urbano, pois o vínculo de identificação com os locais de origem constroem-se sobre um movimento dinâmico na redefinição das identidades.

## **1.2 As tensões relacionadas à titulação das comunidades quilombolas no Brasil**

O Art. 68/ADCT/CF de 1988 diz que “aos remanescentes das Comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos” (BRASIL, Art.68/ 1988). Contudo somente em 2003 o Decreto 4.887 de 20/11/2003 foi publicado. Esse documento veio para regulamentar a forma de titulação das terras quilombolas no Brasil. Mesmo com este dispositivo a luta pela terra tem configurações de violência no Brasil<sup>14</sup> devido aos processos em torno da apropriação desses territórios ainda serem complexos e lento.

Nosso trabalho busca também atravessar os dados contabilizados pelo primeiro censo quilombola realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O censo demonstrou que o Maranhão possui a 2ª maior população de quilombolas no Brasil, resultados baseados pela autodeclaração. Quase 72% estão na região Nordeste, constatados nas estatísticas. A cidade de Alcântara, por exemplo, possui em seu quantitativo populacional 85% de quilombolas e isto caracteriza-se por um dado expressivo. O primeiro censo quilombola surge como uma importante ferramenta para a implantação de políticas públicas direcionadas às comunidades quilombolas em diversos lugares do Brasil.

---

<sup>13</sup> Para Gilroy, o que constitui a base de uma comunidade negra transnacional não é uma suposta essência africana (cultural ou biológica), mas, muito mais, uma experiência histórica compartilhada e marcada pela escravização, pela repressão, exclusão e exploração (SILVÉRIO, 2020, p.882)

<sup>14</sup> Durante a elaboração do texto a líder quilombola e uma das coordenadoras do CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos), Mãe Bernadete foi assassinada a tiros no quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, na Região metropolitana de Salvador, em 17 de agosto de 2023 em função da especulação imobiliária e tentativas de grilagem de terra. Este é um dos inúmeros casos de assassinato a líderes quilombolas no Brasil. Fonte; <https://www.terra.com.br/>

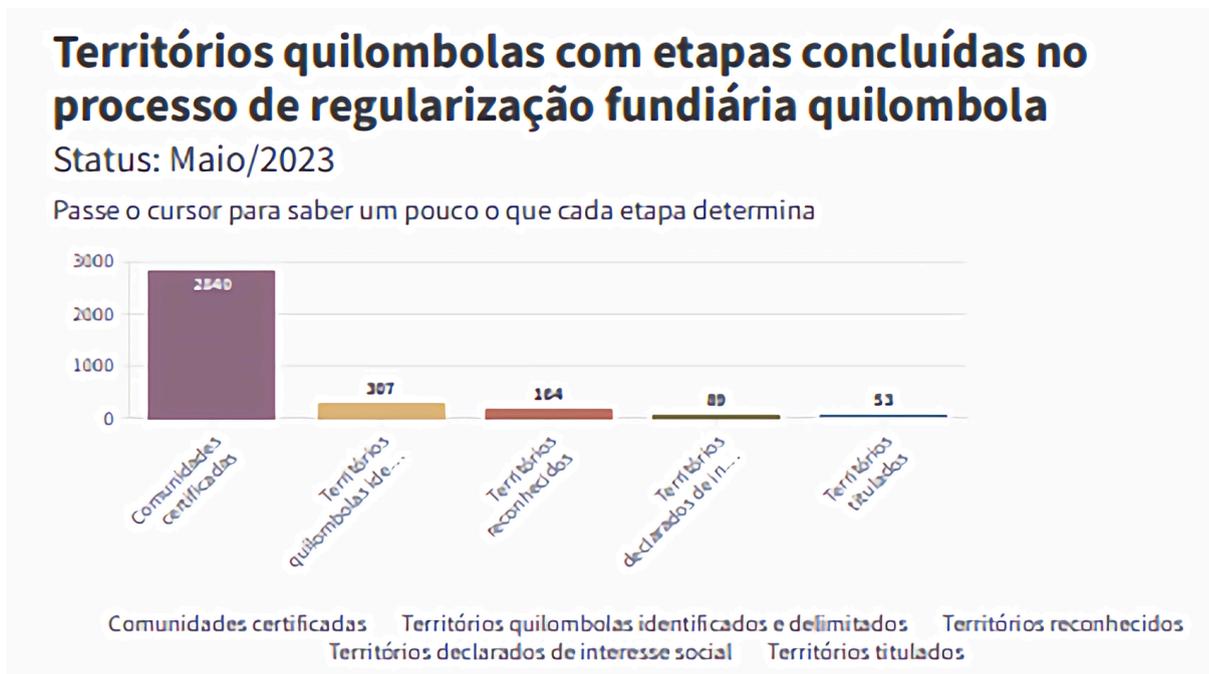
Vale destacar que a realização deste censo configura uma importante reivindicação das populações quilombolas, pois nos últimos anos, a deficiência do aparato estatal para com essas comunidades foi manifestada através de uma política de descaso e insegurança. Pois um fator a se destacar são os processos conflituos no reconhecimento, uma vez que esta regulação fundiária é direcionada pelo Incra e a Fundação Palmares, órgãos governamentais dissociados entre si.

A Fundação Palmares tem o papel de reconhecimento cultural ligado ao Ministério da Cultura, e a partir disso a comunidade Quilombola frente a criação de uma associação, pode possuir o direito de pleitear o título da terra junto ao Incra. Este título destina-se, portanto, à associação criada, e não pode ser dado individualmente, mas sim a todos os quilombolas reconhecidos ali. No caso do Quilombo Liberdade, já reconhecido em 2019 pela Fundação Palmares como o primeiro quilombo urbano do Maranhão e maior da América Latina, ainda não teve seu território demarcado, isso ocorre, pois, este processo é muito lento.

Parte dos procedimentos técnicos refere-se à elaboração de um laudo que é coordenado pelo INCRA, se trata do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID). O RTID reúne informações geográficas, socioeconômicas, culturais, fundiárias, etc, sobre o território. Logo em seguida há de se ter a publicação da portaria no Diário Oficial da União, reconhecendo, em definitivo o território a ser titulado, com a delimitação da área. Posteriormente, com base no Ato da Presidência da República deve-se autorizar o Incra a desapropriar os imóveis privados de área reconhecida pela Portaria. Uma vez antecedido esses processos a comunidade estará em posse coletiva da área titulada.

Assegurar este direito hoje no Brasil, representa uma difícil tarefa a ser encarada pelas populações quilombolas, pois segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) há pelo menos 1.802 processos abertos, o que indica a existência de comunidades certificadas pela Fundação Palmares, porém sem titulação e demarcação, como mostra o gráfico abaixo.

Imagem 3: Percentual de Quilombos no Brasil em fase de certificação conforme último Censo.



Fonte: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-recorte-inedito-do-censo>

Isso nos mostra que o processo de titulação da terra pertencente aos Quilombos no Brasil é mínimo e representa um grande sofrimento para aqueles que lutam por seu território. Os problemas não se limitam apenas aos aspectos de regularização das terras, englobam também direitos fundamentais, como saúde, educação, saneamento básico e etc. Dessa maneira, o acesso a políticas públicas torna-se ainda mais fragilizado. O Censo 2022 possibilitará o acesso a esses e outros direitos, uma vez que se pode dimensionar as populações quilombolas em cada parte do país, na elaboração e levantamento de serviços especializados para cada região.

### 1.3 Quilombos Rurais e Quilombos Urbanos

A questão de diferenciação entre ‘quilombos urbanos’ provoca um caráter distintivo na declaração de admissão dos territórios, dada a dificuldade de seus direitos serem reconhecidos, visto o deslocamento da categoria com relação ao senso comum, como sinônimo de rural. A respeito disto, Arruti complementa

Os chamados ‘quilombos urbanos’ constituem um fenômeno relativamente deslocado com relação ao sentido que foi sendo consolidado pelos debates relativos à sua aplicabilidade, iniciados em 1992, e cuja normatização se deu em 2003. Com o decreto presidencial 4788/2003 a regularização fundiária das comunidades remanescentes de quilombos foi deslocada da Fundação Cultural Palmares para o Instituto de Colonização e Reforma Agrária, reforçando uma leitura menos cultural e urbana e mais ambiental e ligada aos territórios rurais. Na verdade, a existência de ‘quilombos urbanos’ implica em um debate silencioso dentro do próprio “movimento quilombola”, sobre os limites e a conveniência do deslocamento da categoria com relação ao uso centrado na ideia de “terras de uso comum” (ARRUTI, 2014, p.5-6).

Os quilombos urbanos se caracterizam por uma categoria nova, bem como seus processos de identificação, que se distinguem entre si, por isso o Quilombo Liberdade se constitui frente a resistência da juventude no bairro, ou seja, ao “elaborar esquemas interpretativos que possibilita aos participantes de uma ação social não somente estabelecer uma definição da situação como também alinhar-se de acordo com o status de participação” (ARRUTI, 2014, p.15).

Podemos citar o caso do hip hop, movimento artístico composto pelo break<sup>15</sup>, rap<sup>16</sup>, grafite, elaborado como um instrumento de criticidade o Hip Hop, como forma de resistência que leva a uma politização, no sentido de denunciar e provocar reflexões sobre os problemas da comunidade, por parte de seus integrantes. A arte utilizada pelo movimento passa a ser empregada na luta por melhores condições de vida das pessoas que sofrem com a opressão e discriminação, e isso é observado nas letras das músicas dos raps, nas pinturas grafitadas, assim como nas demais expressões do movimento hip hop, observado nas comunidades e periferias das cidades.

O mesmo problema do status desfrutado pelas fronteiras nacionais na elaboração da história cultural é evidente em debates recentes sobre a cultura hip-hop, o poderoso meio expressivo dos negros urbanos pobres da América, que criaram um movimento jovem global de considerável importância (GILROY 2001, p.89).

Os quilombos urbanos assim como os quilombos rurais, se configuram como espaços organizacionais que possuem um caráter dinâmico às leis sociais, ao se desenvolver internamente os indivíduos se mobilizam. Segundo SANTOS (2014), a constituição do Quilombo Urbano se apropria do Hip Hop como “instrumento de mobilização”, assim

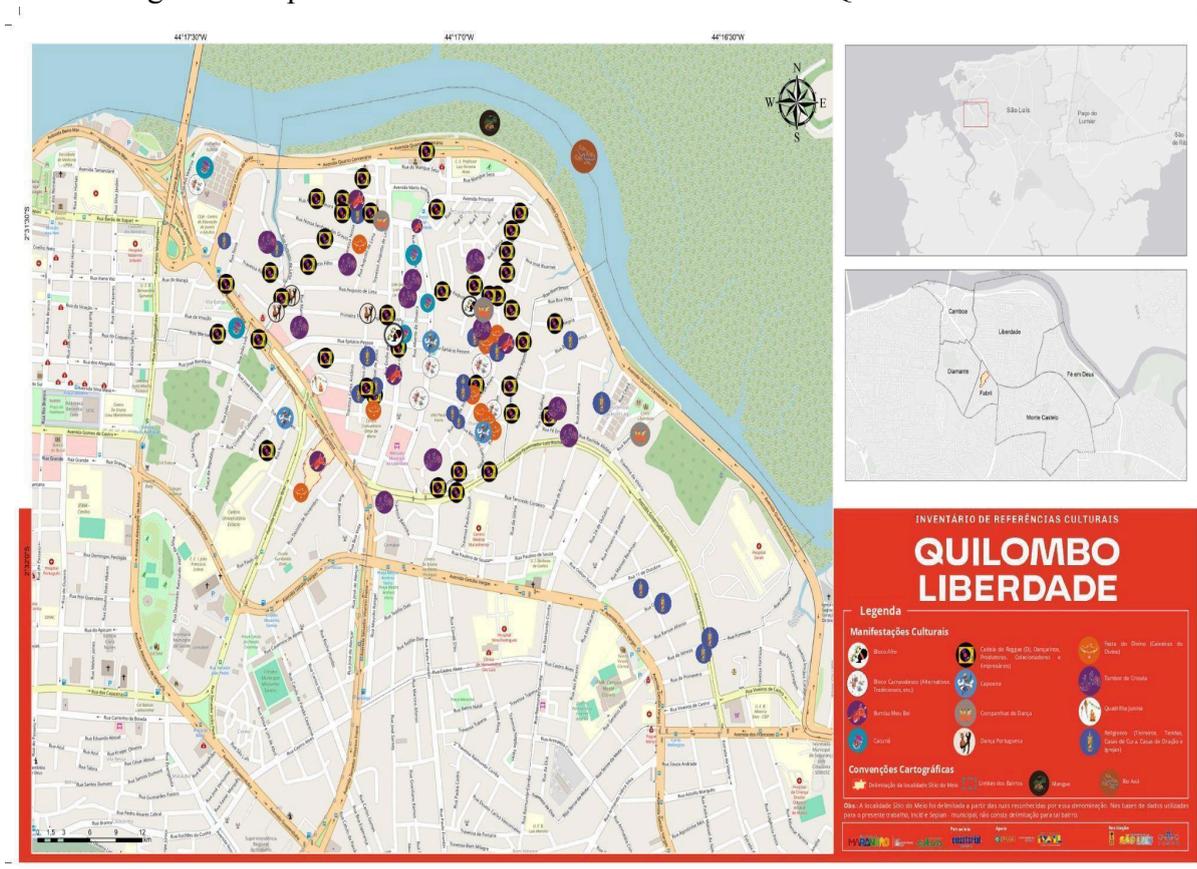
---

<sup>15</sup> O Breakdance, ou apenas Break, é a dança do movimento Hip-Hop, que ainda tem como elementos o rap e o grafite.

<sup>16</sup> Hip Hop, surge a partir da união do break (dança), do grafite (artes plásticas) e do rap (música), estimulando jovens negros, caribenhos e latinos a se unirem em torno da luta pela melhoria das condições de vida. (SANTOS, 2008, pp.3)

podemos perceber que como o hip hop, o bloco afro, o bumba-meu-boi, o reggae, são elementos constitutivos de mobilização na constituição de identidade e territorialidades, que se estabelece frente a essas práticas. Nesse sentido, a seguir as expressões cartografadas caracterizam-se práticas vernáculas culturais, ao passo que se estabelecem como “dispositivos de ligação, produzidos fora do contexto africano” (SILVÉRIO, 2020, p. 1.161) isto é, ao se conectar as primeiras formas de expressões culturais africanas, também carregam consigo as marcas da resistência e da reinvenção em um contexto histórico marcado pela opressão. Nesse sentido veremos a seguir o mapa das expressões catalogadas no Inventário de Referências Culturais do Quilombo Liberdade em 2024.

Imagem 4: Mapa do Inventário de Referências Culturais Quilombo Liberdade I



Fonte: <https://ircquilomboliberalde.org/>

Diferentemente da noção dos usos de terras como se dá nos quilombos rurais, o quilombo urbano se baseia na constituição de discursos pautados na afirmação étnica, isto é observado na manutenção dos bens imateriais, isso ocorre pois segundo dados do Inventário

de Referências Culturais do Quilombo Liberdade atualizado em março de 2024 há mais de 200 tipos de expressões, sejam elas artísticas ou religiosas no território.

## CAPÍTULO 2

### QUILOMBO URBANO LIBERDADE: DESAFIOS, HISTÓRIA E APROXIMAÇÃO COM O CAMPO.

A respeito da titulação, esse contexto tende a ser consideravelmente complexo quando nos referimos ao Quilombo Urbano, visto que se trata de um processo que cabe tanto à União quanto ao município de São Luís, isso porque o quilombo Urbano Liberdade representa um conglomerado de quatro bairros centrais na cidade que são eles; a Liberdade, Camboa, Fé em Deus e Diamante. Embora muitos pesquisadores considerem o Quilombo Liberdade como um conglomerado de apenas quatro bairros, o mapa concedido pela Prefeitura de São Luís em 2023, considera dois bairros a mais, que se dá pelo bairro da Fabril e Monte Castelo, exemplificados abaixo como pertencentes ao território.

Imagem 5: Mapa do Território Quilombo Urbano Liberdade



**Fonte:** Instituto da Cidade, Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural - INCID, 2023. Disponível em <https://saoluis.ma.gov.br/arquivodacidade/pagina/3420>

O surgimento do bairro Liberdade está associado a três fenômenos segundo ASSUNÇÃO (2017) a criação do matadouro modelo ou “campina do matadouro” em 1918 por se situar às margens do Rio Anil, como observado no mapa, no qual desempenhava-se várias funções desde o abate até recepção de mercadorias de outros pontos da cidade e até mesmo de outros estados. Outro motivo foi a construção do Centro de lançamento em Alcântara, em 1986, onde grande parte da população migrou para o bairro Liberdade com vistas à desapropriação do território. Mais um fator foi a construção do terminal portuário de Ponta da Madeira, em São Luís, impulsionado pelo Programa Grande Carajás através do governo Federal que estimulou muitas obras de infraestrutura que ocorreram entre as décadas de 1960 e 1970 no Maranhão<sup>17</sup>.

Mais um acontecimento que marca também o surgimento destes bairros é a construção do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), o que impulsionou os deslocamentos de alguns interlocutores dessa pesquisa para a capital maranhense. De acordo com Araújo; Martins; Gaioso (2009, p. 12): “a implantação do CLA acontece em 1983 e implicou na desapropriação de 62% do referido município e afetou aproximadamente três mil famílias constituídas de pescadores, extrativistas, agricultores, pequenos comerciantes e artesãos”. (ASSUNÇÃO, 2017, p.36)

Ademais um elemento importante observado por ASSUNÇÃO (2017) é o de refutar o surgimento do bairro ao sítio Itamacacá ou Tamacacá, de propriedade de Ana Joaquina Jansen Pereira<sup>18</sup>, uma vez que para seus entrevistados “seus espaços de trabalho (fábrica, matadouro, porto ou, o mais recente, o Centro de Lançamento de Alcântara – CLA) adquiriram maior relevância para situar os processos de organização do bairro do que guarda a história da Baronesa de Jansen e seus domínios, exercícios de poder e práticas de violência”.(ASSUNÇÃO, 2017, p.26).

Isto corrobora com a ideia da memória coletiva dos moradores que entra em confronto com a história oficial veiculada na cidade de São Luís na época. A memória coletiva, segundo Maurice Halbwachs (1990), pode ser entendida pelo grupamento da memória individual, onde

---

<sup>17</sup> O Projeto Grande Carajás seguiu na esfera política estadual, buscando analisar o discurso desenvolvimentista e o programa de integração e ocupação da Amazônia como forma de levar o desenvolvimento para as regiões Norte e Nordeste. (...) A proposta de tal programa era baseada na mão-de-obra nordestina, liderada principalmente por conta do vazio demográfico na Amazônia. (...) e respaldava-se não somente em um cunho geopolítico, mas, principalmente, no caráter econômico do plano desenvolvimentista gerido durante os governos militares. (SANTOS 2020, p.39-40)

<sup>18</sup>Ana Jansen foi uma das mulheres mais poderosas do Maranhão Oitocentista, na época era dona de terras, escravos e importante figura política sendo intitulada informalmente de Rainha do Maranhão, conhecida no folclore maranhense pelas práticas de crueldade para com seus escravos. (...)” Ana Jansen inevitavelmente aparece, em virtude dos poderes incontestáveis que exerceu entre as décadas de 30 e 60 do século XIX. Ana Joaquina Jansen Pereira Leite, a popular ‘Ana Jansen’ ou simplesmente ‘Donana’(M.FERREIRA, 2006. p.82)

se pode selecionar circunstâncias do tempo passado ou datas que somente tem sentido em relação ao grupo pertencente, isto ocorre pois:

Por história, é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. Recriminarão se nos despojarmos desta forma de memória coletiva que seria a história de caráter impessoal, desta precisão abstrata e desta relativa simplicidade que dela fazem precisamente um quadro sobre o qual nossa memória individual poderia se apoiar. (...) É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ele tem tudo o que é preciso para construir um quadro vivo e natural em que o pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado (HALBWACHS, 1990, p. 60-71).

Por isso, nosso trabalho se apoia na perspectiva da memória coletiva, para entendermos os processos culturais ocorridos no Bairro Liberdade, este fundamento como princípio entrecruzado com a historicidade do lugar, permite-nos através do entendimento do passado compreendermos o presente.

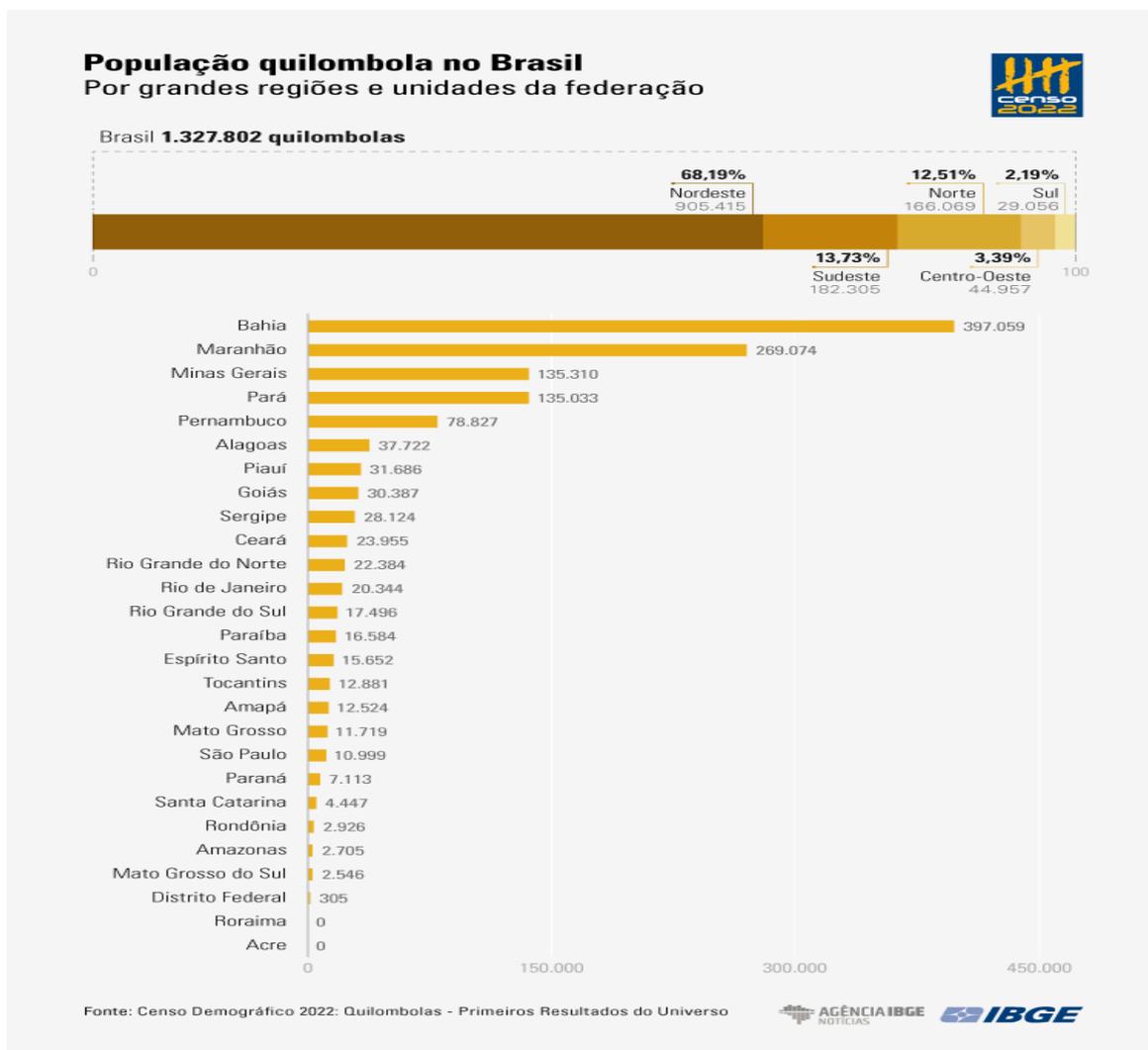
Isso porque ao entendermos as formas de associativismo negro assimilamos que esta articulação esta ligada a uma estratégia de sobrevivência em face a “um estigma que a sociedade lhe impôs, ao invés de procurarem fugir a essa marca, transformá-la em herança positiva e organiza-se através de um *ethos* criado a partir da tomada de consciência da diferença das camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabeleceram”. (MOURA, 1983, p.144). Por isso muitas das lutas pós-coloniais foram incitadas pela concepção de identidade cultural, caracterizando-se como uma força poderosa e criativa que instaura uma espécie de coletividade que se mobiliza a partir de eixos agenciadores.

Em face a esta ideia, segundo o censo levantado em 2022 o Maranhão é o segundo Estado brasileiro com maior percentual de quilombolas, e conta com 269.059 pessoas autodeclaradas no Estado. Ressaltando, portanto, a relevância de nosso objeto de pesquisa, visto que ao investigar a reinvenção das formas de resistências em um dos maiores estados com população quilombola no País poder-se á entender como as raízes do protesto da população negra<sup>19</sup> alicerçam-se em organizações negras.

---

<sup>19</sup> Segundo Clóvis Moura em seu livro *Brasil: Raízes do Protesto Negro (1983)* o autor considera que as organizações negras “dos grupos perifericos atingidos pelo preconceito, o negro de cor, especialmente em São Paulo, procuram organizar-se em grupos de reivindicação e protesto”(MOURA, 1983,p.71)

Imagem 6 :Percentual de Quilombos no território brasileiro conforme Censo 2023



Fonte: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-recorte-inedito-do-censo>

Tendo em vista o corpus da pesquisa, nossa aproximação com o campo de investigação, acontece continuamente e ininterruptamente, ao passo que nos aproximamos dos grupos e associações, buscando investigar os movimentos de grupos de pesquisas e palestras que surgem depois de um duro processo de negação de políticas públicas em diversos setores no Brasil. Atualmente a efervescência de debates se mostram eminentemente visíveis.

No mês de julho de 2023 estive presente no evento em homenagem ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha<sup>20</sup> celebrado no dia 25 de julho,

<sup>20</sup> Em 1992, a partir do primeiro Encontro de Mulheres Negras Latinas e Caribenhas em Santo Domingo, na República Dominicana, nasceu a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-Caribenhas. A Rede, junto à

intitulado roda de conversa “Mulher Preta como Protagonista da História”. A roda de conversa foi promovida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Movimentos Sociais, Questão Social e Identidade (GEMS-QI). Esse grupo tem como foco a historicidade do continente africano e da diáspora, onde contamos com a presença de importantes vozes femininas do Quilombo Liberdade.

Nesta oportunidade, ouvimos falas de importantes mulheres negras pertencentes ao Quilombo Urbano Liberdade, ativistas, e representantes da cultura local. A atividade teve início com a fala da professora e pesquisadora Claudimar Durans que destacou a importância desta data e sua representatividade para todas as mulheres pretas e periféricas, uma data para se pensar na ideia das mulheres negras como chefes de família, educadoras e provedoras do sustento familiar. Construção esta que vem desde o período de escravidão, um dos pilares que resultam no sentimento da solidão da mulher negra, resultante de todos os estigmas construídas no processo de preterição nas relações amorosas.

Outra fala importante foi de Dona Valdelice de Jesus Almeida, representante da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad) em São Luís. Dona Valdelice ressaltou os avanços da categoria, que outrora não possuíam seus direitos trabalhistas assegurados, constituída por uma maioria de mulheres negras.

Em seguida tivemos a oportunidade de ouvir um importante fala para o entendimento de nosso trabalho, que foi da senhora Regina Avelar, filha do fundador do Boi da Liberdade, “Boi de Leonardo da Liberdade” e do “Tambor de Crioula de Leonardo”. Hoje esta mulher negra transmite e promove o legado, perpetrado por seu pai, coordenando a Sociedade Junina Bumba Boi da Liberdade, com o ponto de Cultura Mestre Leonardo. Criado em 1966, mestre Leonardo esteve à frente do grupo por mais de 40 anos.

---

Organização das Nações Unidas (ONU) lutou para o reconhecimento do dia 25 de julho como o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha. No Brasil, em 2 de junho de 2014, foi instituído por meio da Lei nº 12.987, o dia 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, homenageando uma das principais mulheres, símbolo de resistência e importantíssima liderança na luta contra a escravização.

Disponível em <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/25-de-julho-2013-dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha#:~:text=Not%C3%ADcias,-25%20de%20julho%20%E2%80%93%20Dia%20Internacional%20da,Negra%20Latino%2DAmericana%20e%20Caribenha>

Imagem 7: Regina Avelar, Ama do Boi de Leonardo fala em evento em comemoração ao dia da Mulher Negra



Fonte: Própria

Ainda no mês de julho participei do Roteiro Quilombo Cultural de São Luís, promovido pela Secretaria de Turismo do município. O Roteiro Quilombo Cultural busca instituir um roteiro cultural fixo, sempre aos domingos. O roteiro percorreu dois lugares representativos para a cultura na Liberdade, ambos abarcados por essa pesquisa; primeiro estivemos na sede do Bloco Afro Netos de Nanã e em seguida na sede do Ponto de Cultura Mestre Leonardo.

No decorrer da construção da dissertação estive presente no dia 27 de agosto de 2023 na festa do Divino Espírito Santo, festejada no Quilombo Liberdade pela Igreja Católica e Terreiro Ilê Ashé Obá Yzô, este terreiro localiza-se na rua Tomé de Souza, nº 465, Bairro

Liberdade, esta rua foi eleita a 5ª rua<sup>21</sup> mais preta do Brasil de acordo com o site Guia Negro em 2022.

Ao percorrer o bairro da Liberdade observamos através da implantação de placas do roteiro cultural do bairro, a sinalização de muitas manifestações culturais, dentre as catalogadas pela prefeitura de São Luís há em torno de dez pontos turísticos no bairro. Entre as principais ruas do bairro está a Rua Tomé de Sousa onde encontra-se além do terreiro Ilê Ashé Obá Yzô, o bloco tradicional Os Indomáveis Show, o Centro de Tambores de Mina e o Boi da Floresta de Mestre Apolônio. Uma outra importante rua do bairro é a Gregório de Matos onde encontra-se a Produtora Novo Quilombo e Bloco Afro Netos de Nanã. Para melhor entendimento, um mapa dos principais pontos culturais do bairro Liberdade.

---

<sup>21</sup> Fonte: site Guia Negro Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/guia-negro/2022/06/as-seis-ruas-mais-pretas-e-lindas-do-brasil.shtml>

Imagem 8: Mapa do Roteiro Cultural do Quilombo Liberdade



Fonte: Setur-MA, 2023. Disponível em <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1W8wW39riWN3AGTjHZ2CEXufFEMd78kx0>

Hoje o bairro Liberdade conta com o Roteiro Turístico Quilombo Cultural promovido pela Prefeitura de São Luís, através da Secretaria de Turismo do Município- SETUR, onde aos domingos, grupos de turistas e a população em geral podem se deslocar gratuitamente da Feirinha localizada na Praça Benedito Leite, centro de São Luís ao bairro Liberdade na presença de uma equipe, apoio de uma van e guia turístico. Em geral esse passeio costuma durar uma manhã, em que na presença do guia turístico ele infere informações a despeito do ponto a ser visitado, que costumam ser no máximo dois, em decorrência do tempo. Este Roteiro foi classificado na última edição do Prêmio Braztoa Sustentabilidade: atitudes que transformam o Turismo, que ocorreu em outubro de 2023.

## 2.1 Associativismo negro: tecendo o ser quilombola na “Liberdade”

Ao pensar no conceito de identidade, Gilroy transversaliza o agenciamento participativo alinhado pela ideia de identidade como noção grupal, e atribui a esta dinâmica como principal fator a incorporação de um cenário de embate político, a qual ele designa como um constructo de *um corpo político*. Desta forma, ainda afirma que a “identidade se torna uma questão de poder e autoridade quando um grupo procura realizar a si próprio de uma forma política. Este grupo pode ser uma nação, um Estado, um movimento, uma classe, ou alguma combinação instável de todos eles”. (GILROY, 2007, p.125)

A esse respeito SILVA (2011) relata uma prática interessante, no qual constatamos na entrevista concedida por Alberto da Liberdade, proprietário da Produtora Novo Quilombo. Na entrevista Alberto relata que os donos de radiolas em São Luís viajavam até a Jamaica para adquiri-los.

Curiosamente, assim como havia uma competição intensa entre os DJs jamaicanos, que costumavam raspar a etiqueta ou o selo dos discos para dificultar a aquisição pelos concorrentes, em São Luís essa prática também foi adotada. Havia uma disputa muito grande pela exclusividade de um disco. Muitos DJs e proprietários de radiolas costumam viajar à Jamaica à procura das raridades do mundo do reggae. Nessas viagens, alguns deles chegaram a comprar todos os exemplares de um mesmo disco encontrado e raspar o selo, para que outros não pudessem adquiri-lo e assim manter a exclusividade entre a chamada “massa regueira” e o público frequentador das festas. A prática de manter as “exclusividades” possibilitou a alguns proprietários de radiolas, entre as décadas de 1970 e 1990, permanecer em evidência junto à comunidade regueira. (SILVA, C. B. R, 2011, p.211-212)

Para além de entender o movimento e deslocamento dos quilombolas da Baixada Maranhense para a capital, faz-se necessário pensar nesse deslocamento em termos da diáspora africana. Para tanto ao articularmos esse conceito, que significa “dispersar” e “espalhar”, empregaremos a noção de experiência cultural, partindo dos estudos da diáspora, que se propõe a observar o engajamento como sinônimo de agência política no espaço do quilombo urbano este, por sua vez, se direcionou à construção da articulação pelo reconhecimento étnico no bairro.

O movimento Quilombo Urbano reivindica através da criação de um símbolo de lutas, que se desenvolve na contramão das práticas dominantes e pode ser explicada como forma de compensar a prática de subordinação imposta ao discurso oculto que é subjacente àquele discurso hegemônico (SCOTT, 2013, p. 37).

Polletta considera que “a realidade social é “arrumada” em enredos persuasivos, que dão aos ativistas um contexto de sentido que explicitam esquemas culturais e modelos de ação

e interação” (ALONSO, 2009, p.79, apud POLLETTA, 2006). Quando Alberto diz que “*as pessoas sempre falavam que o bairro da Liberdade era um bairro perigoso. E eu nunca gostei quando alguém mencionava isso. Então eu fui crescendo, fui crescendo e eu descobri que através da música você consegue educar as pessoas*”. Esta é uma forma de compreender como o associativismo é empregado, percebendo que tal manifestação se dá através do posicionamento político da comunidade, uma vez que se faz necessário considerar a construção desses espaços como “*repertórios culturais definidores de novos territórios de identificação*” (SILVA, C. B. R, 2011, p.213).

As formas de resistência que refletem nas estratégias de negação da dominação, escravo/dominado e senhor/dominador perpassam a construção da mobilização baseada na valorização das experiências e práticas cotidianas. Essas vivências entre as pessoas à medida que as experiências são compartilhadas, surgem as possibilidades de identificação, de criação de redes de apoio e, conseqüentemente, fortalecimento de vínculos.

O espírito de liberdade como algo extraordinário empregado no primeiro e mais glorioso exemplo de insurgência, a Guerra do Haiti, estabeleceu uma nova conotação na história; o desejo por liberdade que atravessou as fronteiras. No Brasil essa necessidade que objetivava a sobrevivência e resistência do escravo e posteriormente ex-escravo, na busca pela liberdade se dá pela “criação de valores sociais de sobrevivência ou autoafirmação capazes de municiá-los de elementos ideológicos e sociopsicológicos aptos a se contraporem aos das classes dominantes” (MOURA, 1988, p.138).

Aprofundando este entendimento, MORSS (2000) aponta que o paradoxo entre o discurso de liberdade e a prática da escravidão nas ciências europeias pelos filósofos europeus e a cegueira em torno da escravidão como pilar do capitalismo mundial, sugere evidências de uma ideia de “escravidão negra como uma instituição justificável” (MORSS, 2000, p. 13). Isto é a cena senhor/escravo, não foi considerada como algo significativo pelos filósofos europeus, que resultava na contradição das revoluções políticas, pois acabavam esbarrando no incômodo *fator econômico da escravidão*.

A escravidão tardia no Brasil se justifica na cosmovisão que naturalizava a inferioridade dos escravizados, um efeito que por séculos foi interiorizado como uma anomalia e se consolidou como uma instituição política através da condição colonial e ontológica do escravo. Por isso, a crise causada pela noção de um “espírito de liberdade”

como um fenômeno contagioso se sucede através da noção de dependência do escravo ao dominador ao se reverter de que na verdade o dominador é totalmente dependente do escravo.

Marcus Rainsford escreveu em 1805 que a causa da Revolução Haitiana era o “espírito de liberdade”. O fato de que esse espírito pudesse ser contagioso, atravessando a fronteira que separava não apenas as raças, mas também os escravos dos homens livres, foi o que tornou possível sustentar, sem recurso à ontologia abstrata da “natureza”, que o desejo por liberdade era verdadeiramente universal, um evento da história mundial e, de fato, o exemplo que rompe o paradigma. (MORSS, 2000, p. 14)

Um traço similar ao “espírito de liberdade” se anuncia na estratégia de resistência no Quilombo Urbano Liberdade e baseia-se em uma experiência também compartilhada, através da mobilização que a princípio se deu pela orientação de se autodefinir localmente, isto é a ideia perpetrada pelo pai de Letícia, criador do Bloco Afro Netos de Nanã. Segundo nosso interlocutor, ao fixar a construção de uma identidade quilombola no núcleo familiar e, posteriormente, através do compartilhamento de práticas culturais vinculadas a cultura negra, desencadeia a perspectiva de que essas práticas aparecem de maneira conectada, recriada e negociada a todo momento, ou seja o que mantém os modos e práticas culturais através dos grupos se dá pela manutenção da memória de grupo, que se distingue de uma reflexão individual e ocorre através de um mecanismo grupal.

Isto ocorre, pois, a apropriação e ressignificação do ser quilombola no contexto citadino, na adequação e empreendimento dos discursos ocultos<sup>22</sup> se contrapõe à hegemonia dos discursos públicos no contexto de lutas para o reconhecimento enquanto comunidade quilombola, que se estabelece entre o rural e o urbano, e detém a peculiaridade de suas próprias práticas culturais, religiosas e artísticas como modo de reivindicação por transformações.

No ano de 2002 meu pai teve a ideia, pois já entendia que aqui era um quilombo, então ele focou na criação de um bloco afro, pois aqui não teve um bloco afro, então nós somos o primeiro bloco afro dentro da comunidade da Liberdade e surgiu a ideia bloco afro netos de nanã e tem esse nome de origem devido ele ser filho do orixá nanã de cabeça, que foi um estudo e vendo a história desse espaço, que ele sempre falava e acreditou que nós éramos quilombolas mesmo antes do reconhecimento.

---

<sup>22</sup> Todos os grupos subordinados criam, a partir da sua experiência de sofrimento, um discurso oculto que representa uma crítica do poder expressa nas costas dos dominadores. Os poderosos, por seu lado também elaboram um discurso oculto que enunciam as práticas e as exigências da dominação que não podem ser abertamente confessadas. (Scott, 2013 p. 19)

Tanto é que nossa instituição é uma das dez instituições que fizeram a petição através do CISAF<sup>23</sup> para que fossem titularizados, então somos uma das 10 instituições titularizadas dentro do quilombo. O envolvimento entre os jovens é revolucionário, a mina o candomblé a umbanda, e isso para trazer nos dias atuais de uma forma que a gente tem que levar sem ter preconceito, mostrar um bailado de um orixá na rua é algo cuidadoso, porque não podemos levar de qualquer jeito, porque estamos passando uma mensagem que não é minha é do meu ancestral, é de alguém antes de mim.

Essa demanda da titularização é algo de muitos anos, e se juntou um grupo de várias lideranças do bairro, e através do grupo passou se a intensificar essa questão de reconhecimento enquanto quilombola, conscientizando a gente do que nós somos: Quilombola. Então tinha muita essa pergunta, como eu sou quilombola? porque no início tinha muita essa pergunta. Então foi um processo de formiguinha.

Foi muita batalha das lideranças, pessoal do boi de regina, pessoal do CISAF, boi da Floresta, Quadrilha Asa Branca... várias outras instituições participaram desse processo. Eles começaram por dentro de casa, pois tiveram que lapidar primeiro com os nossos, e começaram a conscientizar o pessoal do bairro, e depois foram através de documentação. Nós estamos desfrutando do suor de muitos, pois eles batalharam muito e foram muitos anos para eles conseguirem. (LETÍCIA, 10/10/2023)

A construção da concepção do associativismo negro como diretriz para compreensão das práticas possibilitou os processos de identificação e protesto sobre suas territorialidades o qual consiste na constituição como quilombo urbano a partir da sua “história, religiosidade, suas crenças, saberes, trajetórias e, especialmente, sua vivência frente à negação de direitos, que mobiliza lutas renovadas por direitos étnicos e territoriais” (ASSUNÇÃO, 2017, p. 43).

Letícia destaca que o processo de titularização, foi um processo longo, e que contou com a participação de várias lideranças do bairro, que em conjunto solicitaram o reconhecimento do espaço como um território negro, um quilombo urbano. Mas chamamos atenção, para observar como esse processo se deu inicialmente dentro de casa, segundo ela *“Eles começaram por dentro de casa, pois tiveram que lapidar primeiro com os nossos, e começaram a conscientizar o pessoal do bairro, e depois foram através de documentação. Nós estamos desfrutando do suor de muitos, pois eles batalharam muito e foram muitos anos para eles conseguirem”*. (LETÍCIA, 10/10/2023). Esse é um fato importante para refletir como o associativismo atua como uma *práxis atuante* segundo (MOURA, 1988, p.31), isto é, é através da mobilização empregada que ocorre através dos questionamentos de problemas e reivindicações para além do que ele denomina de parâmetros acadêmicos, que muitas vezes se distancia da prática. A partir desta dinâmica que se estabelece a *intelligentsia negra* (MOURA, 1988) testada na prática como sugere Letícia quando mobilizados internamente por uma

---

<sup>23</sup> Centro de Integração Sociocultural Aprendiz do Futuro (Cisaf)

consciência crítica e revolucionária ampliaram as possibilidades de mudanças sociais através da pressão exercida pelos líderes do bairro Liberdade em direção ao reconhecimento de seu território.

Segundo Castells (1997), a própria existência de um movimento, já produz algum significado não apenas para os protagonistas sociais, mas para toda comunidade, que vai além do período de duração do movimento e permanece na memória coletiva. Neste sentido, Medeiros (2016) expande a discussão ao refletir em como o associativismo negro se configura como um “espírito que tende a ser compreendido como algo inato à condição social do grupo subjugado, o que se torna um problema histórico sociológico ao se questionar sobre as condições sociais de existência da associação ou sua ideia” (SILVA, 2016 p.07).

Um fator inerente ao que chamamos de movimento associativista no Quilombo Urbano são as formas diversas de agrupamento onde a negociação é parte intrínseca às formas de coalizões, e para isto é necessário compreendermos como as rotas são eminentes neste percurso. A presença da diáspora sobre o viés do transnacionalismo negro ao analisar as expressões e práticas presentes no quilombo urbano localiza a memória coletiva e individual como um agente importante para emoldurar o movimento que a diáspora estabelece quanto a construção de etnicidade, isso ocorre pois para Lovejoy (2020):

A abordagem que é desenvolvida aqui tenta situar a etnicidade em um contexto histórico, demonstrando as formas em que a cultura se modificou, especialmente na diáspora. No entanto, a relação da diáspora com a terra de origem [homeland] influenciou as concepções de etnicidade. As pessoas tinham de viver no presente e quando isto se dava sob as condições de escravidão não havia muito lugar para nostalgia (LOVEJOY, 2020, p. 1113)

Esta análise é essencial para compreendermos as ressignificações dos processos de identificação e etnicidade, observando que estas não são estáticas no tempo. Assim como a nossa proposição em apontar um processo de ressignificação do ser quilombola no espaço urbano, a partir de suas experiências que se alinham ao que Gilroy (2001) chama de *contracultura*<sup>24</sup>. Nessa perspectiva Beatriz Nascimento reforça que “o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política (...) e representa um

---

<sup>24</sup> Culturas políticas que têm sido renovadas de maneiras significativas não só para os povos do Caribe, mas, também, para a Europa, para a África (...), e, naturalmente, para a América Negra.” (GILROY, p.58) Não se trata de um contradiscurso, mas de uma contracultura que reconstrói desafiadoramente sua própria genealogia crítica, intelectual e moral em uma esfera pública parcialmente oculta e inteiramente sua. (ibidem, p.96)

instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional. (NASCIMENTO, 2006, p.124-125).

De maneira que ao perceber a iniciativa de protesto como é o caso do Quilombo Urbano Liberdade em experienciar um campo de movimento por lutas ao acesso a políticas públicas, bem como a determinação de ultrapassar os (espaços controlados), assim caracterizados por Scott (2013) nos deparamos a um contexto de sociabilidade particular, mas não distante de um cenário de participação política.

Por isso, a nossa presença na Festa do Divino que ocorreu no mês de Agosto de 2023 nos possibilitou entender ainda mais os aspectos religiosos do bairro Liberdade. A festa do Divino é celebrada através do sincretismo religioso e é comungado juntamente com o Santo intitulado São Luís pela Igreja Católica<sup>25</sup>. A festa do Divino Espírito Santo acontece tradicionalmente na cidade de Alcântara- MA, baixada maranhense, e também na cidade de São Luís.

---

<sup>25</sup>A festa do Divino Espírito Santo é um ritual do Catolicismo. (...)e está incluída no calendário religioso de terreiros de tambor de mina, como são denominadas as casas de culto afro-maranhenses. Quase todos os terreiros de mina organizam, uma vez ao ano, uma festa do Divino em homenagem à entidade importante para a comunidade religiosa. (FERRETTI, 2005, p 9-29)

Imagem 9: Registro do cortejo da Festa do Divino Espírito Santo, celebrada no bairro da Liberdade, São Luís-MA.



Fonte: Própria

Este é um dos aspectos que reforça a ideia que se atravessa em nossa pesquisa, que se dá pela estética diaspórica, os processos culturais ao se deslocarem, alteram-se, ou seja “em termos antropológicos, suas culturas são irremediavelmente "impuras". Essa impureza, tão frequentemente construída como carga e perda, é em si mesma uma condição necessária à sua modernidade” (HALL, p.34, 2003).

Neste caso, a Festa do Divino Espírito Santo tradicionalmente realizada em Alcântara, passa inevitavelmente por um descentramento cultural, uma vez que isso ocorre pois a diáspora tem como função o desterritoriamento, onde esses processos se deslocam e inter cruzam, pois o território está para além do aspecto físico, e caracterizam-se por trocas vernaculares, onde o rito se perpetua na reinvenção e disseminação de novas formas de expressões, os quilombolas no espaço urbano, são agentes no processo de tradução, termo desenvolvido por Stuart Hall, na qual

Portanto, é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Com outros processos globalizantes, a globalização cultural e desterritorializante tem seus

efeitos. Suas compressões, o que podemos chamar de espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o "lugar". Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais (HALL, p.36, 2003)

A Festa do Divino é uma das principais festas do terreiro Ilê Ashé Obá Yzôo onde comungam em torno de 300 famílias, a casa pertence ao Orixá Xangô, logo no início há um mastro do Divino Espírito Santo, popularmente chamado de “Oliveira”.

Observamos que na Festa do Divino Espírito Santo há dois movimentos ou duas formas de codificação/decodificação, o primeiro se dá através da ritualística em que para Hall ocorre a partir de uma “estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados — produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução. Isto é pensar o processo como uma complexa estrutura, sustentada através da articulação de práticas conectadas, em que cada qual, no entanto, mantém sua distinção e tem sua modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência. (HALL, 2003, p. 196)

As práticas ritualísticas se dão sob a forma de veículos simbólicos, isto é se concretizam através das regras de linguagem e por isso a comunicação se torna um produto, que por sua vez deve ser traduzido para que sejam “transformadas de novo em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeito” (HALL, 2003, p.197). Este circuito a qual Hall se refere, deve portanto se utilizar dos significados codificados que produzem um efeito, seja instruir, ou influenciar, esses códigos produzem uma mensagem que resulta em estruturas de práticas sociais dadas por um outro processo: a decodificação, como podemos perceber na citação em seguida de LEAL e GONÇALVES (2016) onde descrevem o processo deste discurso que torna-se inteligível através dos signos codificados.

Entre esses traços avultam antes do mais os relativos aos modos de representação do Divino: para além da bandeira do Divino (que se encontra em todo o Maranhão), sobressai a importância do mastro, do pombo (em madeira ou em gesso) e da coroa. A importância dos Impérios é um outro traço deste modelo de festas. Os Impérios são um conjunto de crianças e pré-adolescentes de ambos os sexos que ocupam os cargos rituais de mais destaque nas festas: imperador e imperatriz, mordomo e mordoma régio(a), mordomo e mordoma mor e mordomo ou mordoma celeste (ou mordomo ou mordoma de linha). Um terceiro aspecto comum diz respeito à importância das caixeiras nas festas: grupos de oito ou mais mulheres – dirigidas por uma caixeira régia – que, por intermédio de cantos acompanhados pelas caixas, são responsáveis pela direcção e acompanhamento musical das festas (Barbosa 2006, Carvalho, L. 2005, Gouveia 2001, Pacheco, Gouveia e Abreu 2005). Finalmente, o último ponto comum a estas festas reporta-se à sua sequência ritual, que envolve habitualmente: a abertura da tribuna; o buscamento e o levantamento do mastro; o

dia da festa (com ida dos Impérios à missa e almoço); o derrubamento do mastro; o fechamento da tribuna e o repasse das posses. Para além da identificação destes traços comuns, a literatura etnográfica e antropológica disponível pôs também em evidência a importância dos terreiros de Tambor de Mina na organização das festas do Divino em São Luís. (GONÇALVES, LEAL, p.10, 2016)

Esses e outros processos culturais ocorrem em forma de circuitos - circuitos da cultura (Du Gay et al., 1997) ou seja, ao serem codificados, esses circuitos passam tornam-se um *evento comunicativo*. “Assim, a transposição para dentro e para fora da “forma-mensagem” (ou o modo de troca simbólica) não é um momento aleatório” (HALL, 2003 p.389). A festa do Divino Espírito Santo, enquanto prática cultural, informa esse circuito ao passo que o processo comunicativo ou as (representações da festa) no Maranhão se estabelecem através dos ritos e fornecem a linguagem necessária na decodificação e apreensão desse circuito ao produzirem a estrutura que se dá através da produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução.

Imagem 10: Chegada ao terreiro, em frente ao Mastro, um dos mais importantes símbolos da festa do Divino Espírito Santo.



Fonte: Própria

Esses códigos de linguagens transmitidos em uma comunidade, podem ser tão logo apreendidos, e constituídos como *profundamente naturalizados*, isto é, produzem “um alinhamento fundamental e uma reciprocidade — a consecução de uma equivalência — entre os lados codificador e decodificador de uma troca de significados. O funcionamento dos códigos no lado da decodificação, irá frequentemente assumir o status” (Hall, 2003, p.393). O segundo movimento de decodificação se dá em relação ao sincretismo religioso como importante elemento na festa. Isto ocorre pois

Todas as religiões são sincréticas, são frutos de contatos culturais múltiplos, mas todas se julgam puras, perfeitas e não se querem misturadas com outras que seriam impuras. Em nossa sociedade o sincretismo é mais discutido, principalmente em relação às religiões afro-brasileiras, consideradas religiões sincréticas por excelência, por terem sido formadas no Brasil com a inclusão de elementos de procedências africanas, ameríndias, católicas e outras. (FERRETTI, p.1, 2007)

As semelhanças do rito ocorrem em várias partes do território maranhense, haja vista que a Festa do Divino possui a capacidade de cruzamento com outras expressões religiosas que abrange em muitos casos as religiões afro-brasileiras. Essa tendência é particularmente relevante na Baixada (GONÇALVES, LEAL, p.10, 2016). Durante nossa presença na festa notamos esse intercruzamento a todo momento, que também se dá a partir da culinária, uma vez que se observou, por exemplo, a presença abundante de docinhos de espécie na festa.

O doce de espécie<sup>26</sup> é um docinho característico da região de Alcântara e representa uma marca do Divino Espírito Santo que é distribuído durante a festa, este doce revela a importância da gastronomia tradicional cultural presente nos ritos.

---

<sup>26</sup> O “Doce de Espécie” é um doce a base de coco típico de Alcântara, no estado brasileiro do Maranhão é considerado uma herança dos açorianos, sua popularização deve-se a sua distribuição durante a Festa do Divino, a festa é conhecida como um culto ao Espírito Santo, em suas diversas manifestações, é uma das mais antigas e difundidas práticas do catolicismo popular. (RODRIGUES, 2017, p. 86)

Imagem 11: Registro da Festa no terreiro Ilê Ashé Obá Yzôo no bairro da Liberdade I



Fonte: Própria

Imagem 12: Registro da Festa no terreiro Ilê Ashé Obá Yzôo no bairro da Liberdade II



Fonte: Própria

Além da abundância de comida, bolos em geral, FERRETTI (2011) ainda evidencia que na festa do Divino *o luxo das vestimentas e das mesas de doces* desempenham um papel importante especialmente em terreiros mais antigos, está ligada a apreciação a partir de uma mentalidade barroca presente na religiosidade afro maranhense pois a festa do Divino chegou ao Brasil com a “imigração açoriana, principalmente na Bahia avançando em quase todo o estado Brasileiro (...) a fartura dos banquetes se equivalem, bebida, comida, música e fé são constantes, o que varia é a peculiaridade própria de cada local que implicará no que será servido e como fazê-lo”. (SANTOS, 2020, p.22). Por esse motivo as práticas e rituais culturais envolvem o ato de comer como forma de sociabilidade principalmente em marcos festivos como a exemplo a festa do Divino Espírito Santo.

## 2.2 Diferentes tipologias de agência na Liberdade

Para tanto, entre diversas expressões e grupos culturais, realizamos um levantamento destas manifestações culturais com base no Inventário de Referências Culturais do Quilombo Liberdade- INRC, realizado em 2024 pela FUMPH- Fundação Municipal de Patrimônio Histórico ao qual é elaborado com base no conglomerado de bairros (Camboa, Diamante, Fé em Deus, Liberdade e Sítio do Meio) pertencentes ao Quilombo Liberdade, em um panorama geral. Contudo elencamos mais a frente, coletivos a qual nos debruçamos nesta pesquisa tendo em vista a amplitude do campo.

Imagem 13: Quadro 1-Inventário de Referências Culturais do Quilombo Liberdade

	<b>REGISTRO</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>SEGMENTO</b>	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>GRUPO/DE TENTOR</b>	<b>ENDEREÇO</b>
1	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	CACURIA	ATIVO	CACURIA VILA GORETH	RUA VILA GORETH, 125, CAMBOA
2	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	DANÇA PORTUGUESA	ATIVO	DANÇA LUSO BRASILEIRA RAÍZES DE PORTUGAL	RUA INGLÊS DE SOUZA 1, CAMBOA
3	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	QUADRILHA	ATIVO	QUADRILHA JUNINA ESTRELINHA DO SERTÃO	2ª TRAVESSA INGLÊS DE SOUZA, 19, CAMBOA
4	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	DANÇA PORTUGUESA	INATIVO	DANÇA PORTUGUESA JUVENTUDE DE PORTUGAL	2ª TRAVESSA INGLÊS DE SOUZA, 19, CAMBOA

5	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	CACURIA	INATIVO	CACURIA LAÇO DE FITA	2ª TRAVESSA INGLÊS DE SOUZA, 19, CAMBOA
6	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	BLOCO CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO TRADICIONAIS OS TREMENDOS	VILA GORETE Nº 133- CAMBOA
7	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	CAMBOA	REGGAE	INATIVO	CABEÇA -	AV CAMBOA

			PRODUT OR		ESCOLINHA DO REGGAE	
8	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	REGGAE PRODUT OR	ATIVO	PEDRO MARTINS SILVA	5ª TRAVESSA DA RUA NOVA, CAMBOA
9	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	REGGAE	ATIVO	DJ TOCO TIJOLADA	TERCEIRA TRAVESSA DA RUA NOVA CAMBOA
10	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	CAMBOA	RELIGIÃ O - CASA DE ORAÇÃ O	ATIVO	CASA DE ORAÇÃO CABOCLO PENA BRANCA	AV. CANECA DA MATA, 185 – CAMBOA
11	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	CAMBOA	RELIGIÃ O - TENDA -	ATIVO	TENDA DE SÃO BENEDITO- MARIA DE LOURDES MORAIS COÊLHO	TERCEIRA TRAVESSA DA RUA NOVA, 270 - CAMBOA
12	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	TAMBO R DE CRIOUL A	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA PROTEÇÃO DE SÃO BENEDITO MIRIM II	TERCEIRA TRAVESSA DA RUA NOVA, 270 - CAMBOA
13	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	CAMBOA	RELIGIÃ O - IGREJA CATÓLI CA S	ATIVO	IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇA	_____
14	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	CAMBOA	RELIGIÃ O - IGREJA EVANGÈ LICA	ATIVO	IGREJA ASSEMBLEI A DE DEUS	3 TRAVESSA DA RUA NOVA

15	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	CAMBOA	TAMBOR DE CRIOULA	INATIV O	TAMBOR DE CRIOULA PROTEÇÃO DE SÃO BENEDITO	_____
----	----------------------------	--------	----------------------	-------------	--	-------

16	LUGAR E EDIFICAÇÕES	CAMBOA	EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	ATIVO	FÁBRICA TÊXTIL CAMBOA - PRÉDIO DA TV DIFUSORA	
17	LUGAR E EDIFICAÇÕES	CAMBOA	EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	ATIVO	PORTO DA CAMBOA	AVENIDA CAMBOA /PONTE BANDEIRA TRIBUZZI
18	CACURIÁ	DIAMANTE	CACURIÁ	INATIVO	ASSOCIAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E AMIGOS DO CACURIÁ DA TIA DINA	2ª TRAVESSA JOÃO LUÍS, 15, DIAMANTE
19	FORMAS DE EXPRESSÃO	DIAMANTE	BLOCO CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO TRADICIONAL VINAGREIRA SHOW	RONALDO BIDUCA 98 988148255 TV. JOÃO LUÍS, 35 - DIAMANTE
20	FORMAS DE EXPRESSÃO	DIAMANTE	CAPOEIRA	ATIVO	ROMERSON ALMEIDA COSTA - CABELEIRO	A TV. JOÃO LUÍS, 35 - DIAMANTE
21	FORMAS DE EXPRESSÃO	DIAMANTE	CAPOEIRA	ATIVO		KAKÁ TV. JOÃO LUÍS, 35 - DIAMANTE
22	FORMAS DE EXPRESSÃO	DIAMANTE	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	JORDMAN MANOEL SILVA - GAROTINHO BELEZA	RUA MENDES SÁ, 161, DIAMANTE
23	LUGAR E EDIFICAÇÕES BAR CA	DIAMANTE	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	HELTON PEREIRA VIANA -	PADÓCIA AV CAMBOA, DIAMANTE
24	FORMAS DE EXPRESSÃO	DIAMANTE	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	ERIVELTON VIEGAS ARAÚJO	RUA NOVA, DIAMANTE

25	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO NAYFSON</b>	DIAMANTE	REGGAE DJ	ATIVO	PEDRA RUA MENDES SÁ, 161, DIAMANTE	RUA MENDES SÁ, 161, DIAMANTE
26	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	DIAMANTE	REGGAE DJ	ATIVO	HENRIQUE CHAVES	TRAVESSA JOÃO LUÍS, 20, DIAMANTE
27	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES -</b>	DIAMANTE	RELIGIÃO-IGREJA CATÓLICA	ATIVO	IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	
28	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	DIAMANTE	EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	ATIVO	QUINTA DO DIAMANTE	DIAMANTE
29	<b>CELEBRAÇÃO</b>	FÉ EM DEUS	BUMBA MEU BOI	ATIVO	BUMBA MEU BOI DA FÉ EM DEUS	
30	<b>CELEBRAÇÃO</b>	FÉ EM DEUS	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI DE MATRACA DA FÉ EM DEUS	
31	<b>CELEBRAÇÃO</b>	FÉ EM DEUS	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI DE CRIANÇAS DE SEU ZEZINHO	
32	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	CACURIÁ	ATIVO	ASSOCIAÇÃO CULTURAL CACURIÁ DA FÉ EM DEUS	
33	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	COMPANHIA	ATIVO	COMPANHIA DE DANÇA FOLCLÓRICA BAILE DE CAIXA	
34	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	CACURIÁ	INATIVO	CACURIÁ DA FAFÁ	
35	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	BLOCO CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO CARNAVALESCO ALTERNATIVO BANDA DA VERDURA	
36	<b>FORMAS DE</b>	FÉ EM DEUS	REGGAE	ATIVO	RADIOLA	

	<b>EXPRESSÃO</b>		PRODUTOR		CRUZ DE MALTA- JULIO SERGIO DE JESUS LOUREDO	
37	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	WALTER LOUREDO PINHEIRO	
38	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO ILÉ ASHÉ YASALARE - BENEDITA	
39	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO DE IEMANJÁ – YLÉ ASHÉ YEMOWÁ	
40	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO SÃO SEBASTIÃO	
41	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	TAMBOR DE CRIOLA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOLA DE VEREQUET E - TERREIRO DE IEMANJÁ	
42	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	TAMBOR DE CRIOLA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOLA AMOR DE SÃO BENEDITO DA FÉ EM DEUS	
43	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	TAMBOR DE CRIOLA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOLA TURMA DA FÉ	
44	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	COLETIVO CULTURAL	ATIVO	COLETIVO ZABUMBELAS	
46	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS	RELIGIÃO - IGREJA CATÓLICA	ATIVO	IGREJA DE NOSSA SENHORA APARECIDA	
46	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	INSTITUTO TERREIRO DE MINA SÃO	

					RAIMUNDO NONATO	
47	<b>CELEBRAÇÃO</b>	FÉ EM DEUS	BUMBA MEU BOI	ATIVO	BUMBA MEU BOI DO PAPUDOS /INDEPEND ENTES MUSICAL EVOLUTION	
48	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	HIP HOP - RAP	ATIVO	AFONSO HENRIQUE VALE COQUEIRO	
49	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	HIP HOP - RAP	ATIVO	ROBERT RIBEIRO COSTA	
50	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	LITERATURA	ATIVO	GILVANCY DE JESUS PEREIRA DO VALE - GIL MARANHÃ O	
51	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	HIP HOP - DJ	ATIVO	FLÁVIO HENRIQUE PINHEIRO LOPES	
52	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	LITERATURA	ATIVO	HERIDAN GUTERRES	
53	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	HIP HOP - RAP	ATIVO	JONAS MAX GALVÃO SERRA - JONAS KANTÉ	
54	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS	EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	INATIV O	PORTO DE ROMA	
55	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS/CARIO CA	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO SANTA MARIA	
56	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS/CARIO CA	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	INATIV O	TERREIRO TOY ABDIGA (EXTINTO)	
57	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS/CARIO CA	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO PALÁCIO DE OXÓSS	
58	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	FÉ EM DEUS/CARIO CA	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	INATIV O	TERREIRO DE MINA CANA VERDE (EXTINTO)	
59	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE	BUMBA MEU	ATIVO	BUMBA	

			BOI		MEU BOI DA FLORESTA DE APOLÔNIO
60	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	ATIVO	<b>BUMBA MEU BOI DA LIBERDADE E DE LEONARDO</b>
61	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	ATIVO	BUMBA MEU BOI BRILHO DE SÃO JOÃO LIBERDADE 2
62	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI BRILHO E ENCANTO
63	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	ATIVO	BUMBA MEU BOI NOVILHO BRANCO - CIA ROSA BRANCA
64	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI BRILHO DA LIBERDADE
65	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI BRILHO DAS CRIANÇA
66	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI DE ROMANA
67	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI BOIZINHO RECICLADO
68	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	CACURIÁ	ATIVO	CACURIÁ ASSA CANA
69	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	CACURIÁ	ATIVO	CACURIÁ MIRIM RABO DE SAIA
70	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	CACURIÁ	ATIVO	LIBERTOS DA NOITE -

	<b>CACURIÁ</b>				GRÊMIO RECREATIVO, CULTURAL LIBERDADE	
71	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	COMPANHIA	ATIVO	GRUPO ALTERNATIVO DESPERTAR TRADICIONAL	
72	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	QUADRILHA	INATIVO	QUADRILHA JUNINA ROSA BRANCA MIRIM	
73	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	CACURIÁ	INATIVO	CACURIÁ REBOLIÇO DO MARÁ ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMPANHIA	
74	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	CACURIÁ	INATIVO	CACURIÁ MIRIM SONHO DE CRIANÇA.	
75	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	QUADRILHA	ATIVO	QUADRILHA ASA BRANCA - CENTRO CULTURAL DA LIBERDADE	
76	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	BLOCO AFRO	ATIVO	<b>BLOCO AFRO NETOS DE NANÃ</b>	
77	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	BLOCO AFRO	ATIVO	BLOCO AFRO ABIYÉYÉ MAYLÔ	
78	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	BLOCO CARNAVALESCO	INATIVO	BLOCO TRADICIONAL OS VELHINHOS TRANSVIADOS	
79	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO BLOCO</b>	LIBERDADE	CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO TRADICIONAL OS REIS	

					DA LIBERDADE	
80	<b>OFICIO E MODO DE FAZER</b>	LIBERDADE	CAIXEIRA DO DIVINO	ATIVO	CAIXEIRA RÉGIA ROSA BARBOSA	
81	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE	FESTA DO DIVINO	ATIVO	CARLOS ALBERTO - BEDEU	
82	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE	FESTA DO DIVINO	ATIVO	CLAUDIONOR CALVET - TERREIRO OXOSSI ODÊ OYÁ BĂGĂN	
83	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE	FESTA DO DIVINO	ATIVO	MARIA DE FĂTIMA ANCHIETA CANTANHE DE	
84	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE	RELIGIĂO - IGREJA CATÓLICA	ATIVO	IGREJA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO - PADRE JOSÉ RIBAMAR DO NAS	
85	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	CAPOEIRA	ATIVO	ALEXANDR E ANGELO GOMES - COBRA	
86	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	CAPOEIRA	ATIVO	JOSÉ WEINER - CABECINHA	
87	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	CAPOEIRA	ATIVO	CARLOS ADALBERTO ALMEIDA COSTA - MILITAR	
88	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	<b>BAR PRODUTOR A NOVO QUILOMBO - CARLOS ALBERTO PINTO DOS SANTOS</b>	

89	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	BAR DO REGUEIRO - DENIVALDO DINIZ CANTANHEDE
90	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE COLECIONADOR	ATIVO	FRANCISCO MARTINS SANTANA - CHICO DO REGGAE
91	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	CESAR SILVA JANSEN - CESAR JAMAICA
92	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	REGGAE PRODUTOR	INATIVO	CLUBE PLANETA TERRA - RAIMUNDO JOSE DINIZ SILVA
93	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	JOSE RAIMUNDO PINTO DOS ANJOS - ZÉ CHINELO
94	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	REGGAE PRODUTOR	INATIVO	O BAR PÉ CINZENTO - CARLOS
95	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	LEONARDO MARQUES SILVA - LÉO PALÁCIO
96	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	BAR TERRAÇO ROOTS - FRANCINALVA SOUSA SÁ - NALVA ROOTS
97	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	VENÂNCIO DOS SANTOS RIBEIRO ARAÚJO - VENÂNCIO ROOTS
98	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	PEDRO PEDRA
99	FORMAS DE	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	CELSO

	EXPRESSÃO				JÚNIOR	
100	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	OTAVINHO	
101	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	NATAL ROOTS	
102	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	IRON PEDRA	
103	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DANÇARINO	ATIVO	CLIDIMAR FERREIRA SOUSA - CLISMA/ GRUPO DE DANÇA MARLEY BROTHERS	
104	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	DIEGO QUALIDADE	
105	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	PEITO DE POMBO	
106	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	BENTINHO SLYD	
107	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	JEAN ROOTS	
108	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	DIDA MEMORY	
109	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	JOHN RIBA	
110	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	MARCINHO	
111	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE COLECIONADOR	ATIVO	JOSENILTON SILVA DIAS	
112	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	VELHARIA - RAIMUNDO ROCHA - PORCO DO VELHARIA	
113	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO ILÊ ASHÉ OGUM SOGBÔ	
114	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	RELIGIÃO - CASA DE CURA	ATIVO	TERREIRO HORTO DAS OLIVEIRAS - CASA DE COCHO	
115	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO ILÊ ASHE IOWO OMO ALARINKIN - MARIANA VIEIRA ALVES	

116	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE GUEDES	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO JOÃO DA MATA - MARIA DA CONCEIÇÃO	
117	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO DE TAMBOR ILÉ ASHÉ OXÓSSI ODÉ OYÁ BÁGÀN	
118	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA TURMA DOS CRIoulos	
119	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA JUVENTUDE DE SÃO BENEDITO	
120	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	<b>TAMBOR DE CRIOULA DA LIBERDADE E DE MESTRE LEONARDO</b>	
121	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA MARACRIOLA	
122	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DJ	ATIVO	ROBERTHANCO	
123	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	REGGAE DANÇARINO	ATIVO	PAULÃO	
124	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	BLOCO CARNAVALESCO	INATIVO	BLOCO TRADICIONAL OS INDOMÁVEIS	
125	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE	BLOCO CARNAVALESCO	INATIVO	BLOCO CARNAVALESCO ALTERNATIVO BANDA DO SABIÁ	

126	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	BLOCO CARNAVALESCO	INATIVO	BLOCO CARNAVALESCO ALTERNATIVO AS CORCORETES	
127	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	BLOCO CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO CARNAVALESCO ALTERNATIVO GIGOLÔ	
128	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	TRIBO DE ÍNDIO	ATIVO	TRIBO CURUMIM	
129	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	BLOCO CARNAVALESCO	INATIVO	BLOCO CARNAVALESCO ALTERNATIVO BANDA TRIBAL	
130	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	QUADRILHA	INATIVO	QUADRILHA ROSA BRANCA	
131	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	DANÇA DO COCO	INATIVO	COCO BRANCO	
132	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	COMPANHIA	INATIVO	COMPANHIA MISTIÇA ROSA BRANCA	
133	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE	BUMBA MEU BOI	INATIVO	BUMBA MEU BOI MIRIM NOVILHO BRANCO	
134	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	DANÇA DO COCO	INATIVO	COCO BABAÇU	
135	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE	RELIGIÃO - IGREJA EVANGÉLICA	ATIVO	IGREJA BATISTA DA LIBERDADE	
136	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE	RELIGIÃO - IGREJA EVANGÉLICA	ATIVO	IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NOVA ALIANÇA	
137	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	HIP HOP - GRAFITE	ATIVO	MÔNICA SÁ DURANS - NEGÔNICA	
138	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	HIP HOP - RAP	ATIVO	CAÍQUE PAIXÃO FERREIRA - CF CRAZY	

139	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	HIP HOP - TRAP	ATIVO	ISAQUE CARDOSO SAMPAIO - ISAQUE DO TRAP
140	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	HIP HOP - PRODUÇÃO	ATIVO	ENMERSON PAIXÃO GOMES - ENME PAIXÃO
141	<b>OFICIO E MODO DE FAZER</b>	LIBERDADE	ARTISTA PLÁSTICA	ATIVO	ÂNGELA MARIA DOS ANJOS FERREIRA
142	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE	BLOCO CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO TRADICIONAL OS GUERREIROS
143	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE	EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	ATIVO	MATADOURO - ESCOLA MARIO ANDREAZZA
144	<b>LUGAR E EDIFICAÇÃO</b>	LIBERDADE	EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	ATIVO	MERCADO MUNICIPAL DA LIBERDADE
145	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE/BRASÍLIA	FESTA DO DIVINO	ATIVO	TERREIRO HORTO DA OLIVEIRAS - TOIEL DE JESUS
146	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO LIBERDADE/BRASÍLIA REGGAE DJ ATIVO</b>	LIBERDADE/BRASÍLIA	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	MARCIO ROBERTO NOGUEIRA BORGES - ROBERTINHO FREEDOM
147	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE/BRASÍLIA	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	CIDINHO BAR - JOSÉ RAIMUNDO DO ESPIRITO SANTO COLINS
148	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/BRASÍLIA	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	LUIS FERNANDO MORAES - FM MORAES SOM
149	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/BRASÍLIA	TAMBOR DE CRIOLA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOLA LÍRIO DE SÃO

					BENEDITO	
150	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/BRASÍLIA	BLOCO CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO CARNAVALESCO ALTERNATIVO BANDA DAS PIRUAS	
151	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE/BRASÍLIA	RELIGIÃO - IGREJA CATÓLICA	ATIVO	IGREJA DE SANTA LUZIA	
152	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/BRASÍLIA	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA DIVINO SALVE	
153	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/BRASÍLIA	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA ONG SACI PERERE	
154	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/FLORESTA	COMPANHIA	ATIVO	COMPANHIA BATUK	
155	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/FLORESTA	DANÇA PORTUGUESA	ATIVO	DANÇA PORTUGUESA TRADIÇÃO DE PORTUGAL	
156	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/FLORESTA	DANÇA PORTUGUESA	INATIVO	DANÇA PORTUGUESA A MIRIM AMOR DE COIMBRA	
157	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/FLORESTA	BLOCO CARNAVALESCO	ATIVO	BLOCO TRADICIONAL OS INDOMÁVEIS SHOW	
158	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/FLORESTA	BLOCO CARNAVALESCO	INATIVO	BLOCO TRADICIONAL MENSAGEIROS DA PAZ	
159	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE/FLORESTA	FESTA DO DIVINO	ATIVO	SEVERINA COSTA ARAÚJO	
160	CELEBRAÇÃO	LIBERDADE/FLORESTA	FESTA DO DIVINO	INATIVO	TERREIRO DE LOURÊNCIA	

					- SERGIA	
161	<b>OFICIO E MODO DE FAZER</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	CAIXEIRA DO DIVINO	ATIVO	CAIXEIRA CONCEIÇÃO DE MARIA MELO	
162	<b>OFICIO E MODO DE FAZER</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	CAIXEIRA DO DIVINO	ATIVO	CAIXEIRA LUCÉLIA SÁ	
163	<b>OFICIO E MODO DE FAZER</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	CAIXEIRA DO DIVINO	ATIVO	CAIXEIRA SAMIRA ROSA	
164	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	FESTA DO DIVINO	ATIVO	TERREIRO DE IEMANJÁ - JOCENILSO N DE JESUS SOARES	
165	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	FESTA DO DIVINO	ATIVO	TERREIRO OGUN IGBALÉ - JOSÉ RODRIGUES	
166	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	FESTA DO DIVINO	ATIVO	TERREIRO OBA YZÔO - WENDER PINHEIRO	
167	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	FESTA DO DIVINO	ATIVO	TERREIRO OXALÁ IPONDÁ - MARCOS ANTÔNIO PASSOS RAMOS	
168	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	CAPOEIRA	ATIVO	ALCEMIR FERREIRA ARAÚJO FILHO - MIZINHO	
169	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	NAYFSON HENRIQUE - FM NATTY NAYFSON	
170	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	REGGAE COLECIONADO R	ATIVO	JESUS ANTONIO SANTOS MARQUES - JESA	
171	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	FÉ EM DEUS	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	BAR GAIOLA - DOMINGOS DE JESUS FROES ROCHA - DJECO	
172	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	RELIGIÃO - TERREIRO DE	ATIVO	TERREIRO OGUN	

			MINA		IGBALÉ	
173	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE/ FLORESTA	RELIGIÃO - UMBANDA	ATIVO	CASA DE UMBANDA DOM JOÃO - ROSAILDA COSTA MÁXIMO	
174	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE/ FLORESTA	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO ILÊ ASHÉ OBA YZOO	
175	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE/ FLORESTA	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO ILÊ ASHÉ OXALÁ I PONDÁ - MARCOS ANTÔNIO PASSOS	
176	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE/ FLORESTA	RELIGIÃO - UMBANDA	INATIV O	TENDA DE UMBANDA DE PAI ZÉ DAS NEVES	
177	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/ FLORESTA DE SÃO	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA DA FLORESTA DE APOLÔNIO	
178	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/ FLORESTA	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA DO ILÊ ASHÉ OBA YZOO	
179	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/ FLORESTA	BLOCO CARNAVALESC O	INATIV O	BLOCO CARNAVAL ESCO ALTERNATI VO CARIRI	
180	LUGAR E EDIFICAÇÕES LIBERDADE/	FLORESTA RELIGIÃO	IGREJA CATÓLICA	ATIVO	IGREJA DE SANTO EXPEDITO	
181	LUGAR E EDIFICAÇÕES	LIBERDADE/ FLORESTA	RELIGIÃO - IGREJA EVANGÉLICA	ATIVO	IGREJA MARANATA	
182	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - RAP	ATIVO	HERTZ DA CONCEIÇÃO DIAS	
183	FORMAS DE EXPRESSÃO	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - PRODUÇÃO	ATIVO	JORGE FERNANDO SILVA BORRALHO JUNIOR - FERNANDO BORRALHO	

184	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - RAP	ATIVO	ROSENVERCK ESTRELA SANTOS - VERCK	
185	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - RAP	ATIVO	GERSON CARLOS DINIZ SOUSA - NEGRIL	
186	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - GRAFITE	ATIVO	ANTÔNIO ROBERTO DOS SANTOS - BETO BELO	
187	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	CINEMA	ATIVO	CINE ODEON - ISAAC REGO	
188	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - PRODUÇÃO	ATIVO	NILSON LINDEMBERG DA SILVA - NILON CROSS	
189	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - RAP	ATIVO	<b>CLAUDIONI CE ALVES DURANS - NICINHA GRIOT</b>	
190	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	LITERATURA	ATIVO	JOSÉ DE RIBAMAR ALVES DURANS - PROFESSOR DURANS	
191	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	HIP HOP - DANÇARINO	ATIVO	MÁRCIO AURÉLIO MORAES CARDOSO - MÁRCIO BREAK	
192	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	INATIVO	PORTO DO CAMPELO	
193	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ FLORESTA	REGGAE PRODUTOR	ATIVO	DJ NATITAN - FM NATITANAD ORA	
194	<b>CELEBRAÇÃO</b>	LIBERDADE/ JAPÃO	FESTA DO DIVINO	ATIVO	TERREIRO OGUN	

					SOGBÔ - AIRTON GOUVEIA	
195	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ JAPÃO	REGGAE DJ	ATIVO	MAKANAK BROTHER	
196	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ JAPÃO	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA FOLHA DE SÃO BENEDITO	
197	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ PROMORAR	COMPANHIA	ATIVO	COMPANHIA A BATUKE DO MARÁ	
198	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ PROMORAR	REGGAE DANÇARINO	ATIVO	ARTURZINH O GERDANNY	
199	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ PROMORAR	REGGAE DA NÇARINO	ATIVO	LEIA SANTOS	
200	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ PROMORAR	REGGAE DJ	ATIVO	WILLIAM SANTOS CARDOSO - DINGO BROWN	
201	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ PROMORAR	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA MESTRE BASÍLIO	
202	<b>FORMAS DE EXPRESSÃO</b>	LIBERDADE/ PROMORAR	TAMBOR DE CRIOULA	ATIVO	TAMBOR DE CRIOULA CRIOULAS E CRIULOS	
203	<b>CELEBRAÇÃO</b>	SÍTIO DO MEIO	BUMBA MEU BOI	ATIVO	BUMBA MEU BOI ESTRELA DIVINA	
204	<b>CELEBRAÇÃO</b>	SÍTIO DO MEIO	FESTA DO DIVINO	ATIVO	TERREIRO YLÊ ASHÉ KWEBÊ DAN JEHOSSÚ - WILSON CUNHA	
205	<b>CELEBRAÇÃO</b>	SÍTIO DO MEIO	FESTA DO DIVINO	INATIVO	BENEDITA PEREIRA BOTTENTUI T	
206	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	SÍTIO DO MEIO	RELIGIÃO - TERREIRO DE MINA	ATIVO	TERREIRO YLÊ ASHÉ KWEBÊ DAN JEHOSSÚ - PAI BOLA	
207	<b>LUGAR E EDIFICAÇÕES</b>	SÍTIO DO MEIO	RELIGIÃO - IGREJA CATÓLICA	ATIVO	IGREJA DE SANTO INÁCIO DE	

					LOYOLA	
208	FORMAS DE EXPRESSÃO	SÍTIO DO MEIO	HIP HOP - TRAP	ATIVO	UDSON BRUNO CRUZ BOTTENTUI T - HR	
					<b>última atualização 23.03.2024</b>	

Fonte: [Mapas - IRC Quilombo Liberdade](#)

### Ponto de Cultura Mestre Leonardo

Dentre esse universo cultural de manifestações, nosso trabalho busca investigar o Boi da Liberdade ou mais popularmente conhecido Boi de Leonardo, de sotaque de zabumba, um dos bois mais antigos e tradicionais de São Luís. O Boi de Leonardo tem suas raízes na Baixada Maranhense, isso porque os sotaques são determinados pelas suas regiões de origens segundo (SILVEIRA, 2013, p.35)

Há cinco as tipologias de sotaques legitimadas: de zabumba ou Guimarães; da ilha ou matraca; da baixada ou pindaré; de orquestra; e de cururupu ou costa de mão. Existem ainda outros grupos que não se enquadram em nenhum desses citados por apresentarem, principalmente, elementos de sotaques variados ou mesmo associados a outras dinâmicas culturais. Esses grupos de criação mais recentes, mais “modernizados”, são comumente denominados Bois alternativos ou grupos parafolclóricos. O sotaque de Guimarães ou de Zabumba é originário de Guimarães, o mais antigo. Distingue-se por usar a zabumba, um grande tambor que é dependurado em uma grossa vara para que possa ser tocado. O outro instrumento é o pandeirinho ou tamborim, semelhante a um tamborim de bordas mais largas. As zabumbas e os pandeirinhos são esquentados no calor da fogueira e são revestidos com couro do boi (animal). Os brincantes dançam formando um semicírculo na maior parte da apresentação denominada meia lua. O ritmo é um dos mais acelerados, sendo comparado ao samba por Azevedo Neto (1997). Desse tipo de sotaque, o boi de Leonardo é o mais famoso e conhecido. (SILVEIRA, 2013, p.35)

O Bumba Meu Boi é uma das festividades mais tradicionais do estado do Maranhão e dentre os principais sotaques estão: os sotaques de matraca, zabumba, da baixada, costa-de-mão e sotaque de orquestra e como descrito acima, cada um desses sotaques, compassos e toques diferenciados sofrem influências de dada região do Maranhão, desta maneira o boi sotaque de Zabumba em questão ou de Guimarães “tem sua origem em raízes africanas, uma vez que os elementos e rituais de matriz africana estão presentes nos ritmos, nas vestimentas, nos instrumentos”(SILVEIRA, X 2013.)

A festividade, como as demais manifestações apresentadas até aqui, segue um rito, embora algumas etapas se modifiquem de acordo com as variedades de sotaques. E pode ser percebido em especial pelo boi de orquestra, isso ocorre, pois, este sotaque distingue-se pela ausência de um aspecto; a tradicionalidade do rito e religiosidade. Esse processo nos possibilita entender, por exemplo, o encontro de Bumba meu boi festejado anualmente no mês de 28 para o dia 29 de junho no largo da Capela de São Pedro, região central de São Luís que é seguido pelo encontro de bois de matraca no João Paulo que ocorre no dia 30 de junho ensejando a finalização com a tradicional Festa de São Marçal.

Centenas de pessoas, devotos ou não, que frequentam o evento para prestigiar as dezenas de grupos de bumba-meu-boi, vindas de várias regiões do estado, se revezam a noite inteira para homenagear e cumprir suas promessas a São Pedro, padroeiros dos pescadores (...) transformando o espaço do largo da capela em um lugar sagrado, de encontros e de memória (VALE, SILVA, BARROS 2021, p.2)

A ideia do segredo, é uma prática exercida por quase todas as culturais negras, isso ocorre pelo fluxo existente no sagrado, isto é, tem quem porta o conhecimento da tradição, “mais do que festa é um compromisso sagrado com os santos, seja São João, São Marçal, Santo Antônio ou São Pedro, pois muitos grupos de boi nasceram de uma promessa feita a estes Santos por seus fundadores em momentos de aflição (VALE, SILVA, BARROS, 2021 p.5).

Deve-se notar que a influência dos povos quilombolas na configuração da cultura local da baixada, inicialmente perpetrado em Alcântara e especialmente em Guimarães, esta influência, caracteriza-se pela ideia de diáspora africana, isto é, ela, “assim como o circuito da cultura, auxilia-nos a pensar nos fluxos, rotas e circulações de pessoas, práticas e modos de ser e estar no mundo” (SOUSA, MELO, 2022, p.41.).Através da diáspora temos a possibilidade de entendermos para além dos fluxos migratórios que ocorreram da baixada maranhense, região com maior percentual de quilombolas registrada no Maranhão<sup>27</sup>, dentre as quais a cidade de Alcântara detém importante parcela desta população.

Nos propomos também a pensar que para além desta perspectiva, as práticas culturais nestes circuitos não se dissociam da política. Isso porque as formas estabelecidas através da cultura negociam com diversas influências. Desde 1994 existe o Festival Bumba Meu Boi de

---

<sup>27</sup> Conforme último Censo realizado em 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-ecorte-inedito-do-censo>

Zabumba, em São Luís, promovido pelo Mestre Basílio, objetiva busca preservar o sotaque de Zabumba, além do mais, em 2011 o Complexo Cultural do Bumba Boi do Maranhão foi apontado pelo Iphan como Patrimônio Imaterial do Brasil.

Imagem 14: Festival Bumba meu boi de Zabumba publicado no portal do IPHAN



The image is a screenshot of the IPHAN website. At the top, there is a navigation bar with links for 'BRASIL', 'CORONAVÍRUS (COVID-19)', 'Simplifique!', 'Participe', 'Acesso à informação', 'Legislação', and 'Canais'. Below this is the IPHAN logo and a search bar. The main content area features a news article titled 'Festival Bumba Meu Boi de Zabumba garante transmissão da cultura afro-brasileira', published on September 22, 2016. The article includes a photograph of a Bumba Meu Boi costume and text describing its cultural significance. A sidebar on the right contains a 'Acesse' section with links to 'Bibliografia Geral', 'Bibliotecas do Iphan', 'Boletim do Patrimônio', 'Carta de Serviços ao Cidadão', 'Notícias', 'Sala de Imprensa', and 'SEI! Consulte seu processo'.

Página inicial > Notícias > Festival Bumba Meu Boi de Zabumba garante transmissão da cultura afro-brasileira

## Festival Bumba Meu Boi de Zabumba garante transmissão da cultura afro-brasileira

publicada em 22 de setembro de 2016, às 17h18



O Bumba Meu Boi está entre as manifestações culturais populares mais difundidas do país, com forte influência da cultura negra. Elementos e rituais de matriz africana estão presentes nos ritmos, nas vestimentas, nos instrumentos. No entanto, muitas vezes há a negação da importância dos valores ancestrais africanos, apesar de serem marcantes no processo de desenvolvimento da cidadania brasileira. Observando esse grande risco à manifestação, o mestre Basílio Durans criou o Festival Bumba Meu Boi de Zabumba que, desde 1994, acontece todos os anos em São Luís (MA). A proposta é resgatar as raízes do sotaque Zabumba, que esteve em declínio nos últimos anos e quase foi extinto.

Além de levar às ruas este saber popular e estas tradições, o Festival procura fórmulas para transmitir o conhecimento com foco, principalmente, nos jovens. A ideia é deixar sempre claro que o tráfico de africanos para o Brasil, na condição de escravos, teve forte influência na formação da cultura maranhense, principalmente na culinária, mas também na linguagem e nas danças. O Bumba Meu Boi de Zabumba é uma das manifestações que mais se destacam entre aquelas que preservaram a cultura trazida do continente africano.

Mestre Basílio conta que, quando criança ficou doente e sua avó fez uma promessa. Se ele ficasse curado passaria a brincar o boi anualmente. E foi o que ele fez. "Aos dez anos de idade comecei a brincar o boi e não parei mais" relembra. Ele gostou tanto que, há 23

**Acesse**

- Bibliografia Geral
- Bibliotecas do Iphan
- Boletim do Patrimônio
- Carta de Serviços ao Cidadão
- Notícias
- Sala de Imprensa
- SEI! Consulte seu processo

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/520>

Além disso, desde 2018 o Boi de Leonardo faz parte do Complexo Cultural Bumba Meu Boi. O Boi foi reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade, pelo Instituto do Patrimônio Humanístico Artístico Nacional- IPHAN. O IPHAN solicitou junto à Unesco a titulação do Complexo Cultural como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Desta maneira é importante pensar quais fatores fazem com que grupos de bois se apresentem até hoje. Um dos aspectos ocorre em virtude da tradicionalidade, baseado principalmente pela religiosidade, assim como as festas religiosas praticadas no bairro se dão pela periodicidade e logo tradicionalidade, as festas culturais tais como o Bumba meu boi, ocorrem de maneira parecida.

Imagem 15: Sede do Boi Mestre Leonardo



Fonte: Própria.

Na visita à sede do Ponto de Cultura Mestre Leonardo fui recebida pelos brincantes do boi, e pela ama Regina Avelar, coordenadora e filha do Mestre Leonardo, fundador do boi da Liberdade, e agenciadora do Ponto de Cultura. Os amos/donos do boi são aqueles que são responsáveis, inclusive devem traçar estratégias para garantir que seus grupos participem no São João e isto inclui, administrar procedimentos internos e externos. A atual ama Regina Avelar comentou um pouco deste processo conosco ao explicitar

Estar a frente deste grupo, como mulher é algo novo se comparado a 30 anos atrás, pois a gerência feminina traz um olhar visionário, onde você vai ter aliadas (...) isso porque essa troca feminina, dá a possibilidade de um retorno até mesmo no campo universitário, pois essa troca também possibilita soluções que nos beneficiam no gerenciamento de mulher, é um retorno de forma positiva para nós melhorarmos”. Isso porque tudo que antecede essas festas têm um ritual, e antes tínhamos as mulheres que faziam tudo isso, hoje nós delegamos algumas funções. (AVELAR, 28/07/23 Regina, 2023)

Dessa forma, percebemos o quanto as mulheres são um eixo articulador, é sabido que a perspectiva de marginalização do boi era iminente antigamente em São Luís, o Boi de Leonardo, segundo Silveira, ou, somente, “O Boi da Liberdade”, foi organizado em 1956, e ficou popularmente conhecido com esse nome, sendo Leonardo Martins Vieira (1921- 2004), o seu criador. Com ele nesse processo de criação, “esteve Chico Coimbra, Antero Viana,

Sebastião Barbeiro e outros. Esse Boi é Sotaque de Zabumba ou Guimarães, um dos mais antigos de origem fincada em raízes africanas “(SILVEIRA, 2014, p. 39). O ponto de Cultura Mestre Leonardo, embora muito conhecido pelo Bumba meu boi, também tem a prática do Boi de Crioula em seu repertório cultural.

### **Bloco Afro Netos de Nanã**

Ao chegarmos na sede do Bloco Afro Netos de Nanã, fui recebida pela integrante do grupo Leticia Sousa, que também é coordenadora do grupo, e filha do fundador do Bloco Álvaro José (*in memoriam*) e conhecido popularmente como Neto de Nanã. Nanã representa um importante orixá feminino. A orixá Nanã é apresentada por Nossa Senhora Sant'Ana (ou Santa Ana) no sincretismo religioso.

Imagem 16: Representação da Orixá Iemanjá, no Bloco Afros Neto de Nanã



Fonte: Própria

A casa foi fundada em 1990 no município de Ribamar, logo em seguida se instalou no Bairro da Liberdade. A casa pertencia aos pais de Álvaro José, avós de Leticia. O Bloco também se relaciona com as práticas sociais, na promoção de oficinas de percussão e de danças de matriz africana. O bloco ainda tem ligação com a dança cacuriá, uma vez que tem

relação também com a festa do Divino. Algo em comum foi percebido nas duas casas culturais, foi o fato de que as mulheres são protagonistas das manifestações culturais, atuando como um eixo agenciador. Tanto Regina, filha do mestre Leonardo, quanto Letícia, filha de Álvaro José, fundador do bloco afro Netos de Nanã, assumiram os legados perpetrados por seus pais, seus ancestrais.

### **Produtora Novo Quilombo**

A produtora intitulada Novo Quilombo foi fundada por Carlos Alberto Pinto Santos em 7 de abril de 2007 e fica localizada em uma das principais ruas do bairro, a Gregório de Matos. A produtora conta com programações musicais do ritmo mais celebrado na capital maranhense, o reggae. Durante a imersão no campo de pesquisa, foi decretada a lei nº14.168<sup>28</sup> de 11 setembro de 2023 que concede ao Município de São Luís, capital do Estado do Maranhão, o título de Capital Nacional do Reggae.

Imagem 17: Produtora Novo Quilombo no Bairro Liberdade I



**Fonte:** Própria

Embora o recente título dado à cidade de São Luís, a mesma já era reconhecida como a “Ilha do Reggae”, a “Jamaica Brasileira”. Para alcançar esse título a capital maranhense passou por vários processos de “socialização, identificação e apropriação desse gênero musical ao longo de mais de trinta anos, tendo em vista que o reggae aportou no Maranhão em meados dos anos 1970.” (BRASIL, 2011, p.1.) Frente a isto a Produtora Novo Quilombo concebe o reggae como o mais importante símbolo de resistência, dividido em 10 espaços, cada um é intitulado por uma comunidade quilombola do município de Alcântara.

Imagem 18: Produtora Novo Quilombo no Bairro Liberdade II



FONTE: Própria

Dentre os quais a ornamentação dos eventos se dá pela celebração temática de datas comemorativas e representativas para o bairro como festas em homenagem a santos e orixás com tambores de crioula, bumba boi e de acordo com a temática a ser celebrada como em datas celebrativas, o aniversário de Bob Marley é um exemplo. O espaço também conta com a realização de concurso de dança: Dançarinos do Quilombo. A título de informação em frente a produtora Novo Quilombo encontra-se a esquina Bob Marley, um importante ponto de referência para o bairro, trata-se de uma esquina entre a rua Gregório de Matos a rua Inglês de Sousa na qual foi pintada com a imagem de Bob Marley . É interessante destacar que o grafite é uma importante expressão artística no bairro, observado em muitas ruas da Liberdade.

## O Grupo Preta Anastácia

No Quilombo Liberdade no início da década de 1990 formou-se uma organização de mulheres. O grupo Preta Anastácia surgiu a partir da articulação do movimento negro no Quilombo Liberdade. Segundo Durans, o movimento negro atuou “fazendo com que este movimento trouxesse o mérito de ser o primeiro movimento hip-hop do Brasil a ter em sua estrutura interna um núcleo de mulheres (2014, p.76). Posteriormente, em 1997, o Núcleo de Mulheres Preta Anastácia caracterizou-se por uma atuação de mulheres que “cantam rap, que dançam break e que fazem grafite” (DURANS, 2014, p.76). A breve duração o grupo deu-se em razão de gestações precoces das participantes.

Durante os anos de 1996 e 1997 houve uma desarticulação do grupo, principalmente, em função da gravidez precoce de algumas de suas integrantes. Atualmente reconhecem que estão mais “maduras” e procuram passar suas experiências para as militantes mais jovens que estão entrando no movimento (DIAS, 2002, p. 97).

A importância do estudo desse grupo se dá pelo pioneirismo da atuação de jovens mulheres que por intermédio do hip hop expressam a ideia de autodefinição através das letras escritas por estas, ao qual analisaremos posteriormente. Ao resgatarem a memória de suas ancestrais elas também se resgatam a si próprias, ou seja, essa positividade suscita um elemento importante da construção identitária no bairro Liberdade. Esses circuitos nos possibilita entender analiticamente como a agência cultural interliga-se a uma dimensão política através de uma *identidade negra mobilizadora* segundo (MUNANGA, 2000, p. 32-33). Isto é, esta renovação se dá pelo tensionamento que parte de um feminismo negro construído no território. Renovado por coletivos e mobilizados pelos status de *outsider within*<sup>29</sup> ao qual caracteriza Patrícia Hill Collins, apontado pelas mulheres na Liberdade, isto nos leva a pensar no próximo grupo a ser abordado.

---

<sup>29</sup> Um conceito desenvolvido em 1986 por Patricia Hill Collins que confere perspectivas diferenciadas pelas mulheres negras norte americanas sobre o mundo social e seus fenômenos, perspectivas essas que podem inclusive questionar os paradigmas sociológicos existentes apontando as ausências e silenciamentos presentes nesses modelos especialmente aquelas em contato com sua marginalidade em contextos acadêmicos, exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero.

## Projeto Viva Quilombo

A mobilização pelo reconhecimento do bairro relaciona-se diretamente com o aspecto de reivindicação e participação feminina, desta maneira nosso primeiro encontro se deu em fevereiro de 2023 com o projeto implantado em 18 de Dezembro 2021 intitulado “Viva Quilombo” desenvolvidos pela Assistente Social e ativista Meiriele Cantanhede e Eliane Sá também Assistente Social e Doutoranda em Políticas Públicas, no qual surgiu a partir das experiências de suas fundadoras, moradoras do quilombo urbano Liberdade em realizações de projetos sociais de cunho cultural com foco no fortalecimento de políticas públicas para a população do quilombo liberdade, em São Luís-MA.

Imagem 19: Coletivo Viva Quilombo no Bairro Liberdade



Fonte: <https://instagram.com/projetovivaquilombo?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Este projeto visa contribuir com o processo de formação de jovens, mulheres e suas famílias, oferecendo práticas educativas de construção de identidade étnica quilombola, autonomia e políticas públicas, bem como ações de roda de conversa, oficinas temáticas e atendimento social com plantão psicológico gratuito na Associação dos Remanescentes Quilombolas da Liberdade, lugar onde desenvolve-se estas e outras atividades.

## CAPÍTULO 3

### A TEORIA CRÍTICA COMO FERRAMENTA INTERSECCIONAL

A teorização crítica da raça nos fornece um diálogo engajado com a questão antirracista, embora tenha desenvolvendo-se pelo debate jurídico nos Estados Unidos da América por meio da luta pelos direitos civis, faz-se importante ressaltar que esta perspectiva de *raça* não se dissocia das instituições, muito menos se desmistifica do processo cultural, uma vez que a contribuição desta teoria ajuda-nos a explorar as maneiras como a *raça* pode ser concebida como uma categoria de organização social e do pensamento.

É improvável que tal teorização crítica apareça nas questões e preocupações predominantes da teoria social ocidental contemporânea. A teoria social pós-estruturalista, por exemplo, não demonstrou muito interesse em resistir à própria fonte de poder e autoridade. Por que expressaria? As teorias ocidentais dão muito mais ênfase à explicação da ordem social que à explicação da resistência política, que dirá então aspirar geral-lá. (...) a teorização crítica em projetos de conhecimento resistente está aberta a metodologias mais abrangentes como parte de seu projeto teórico. (COLLINS, 2022, p.169)

A teoria crítica da raça teve importantes contribuições para estudiosos negros nos Estados Unidos e também no Brasil, concepção que vigora um reposicionamento crítico e teórico, pois tais autores exploram como os discursos jurídicos são estrategicamente utilizados para a construção de uma *narrativa cultural* e narrativas de poder, de modo que estes argumentos não podem ser utilizados como isenção e neutralidade, na qual são estrategicamente produzidos pela hegemonia, e conseqüentemente reprodução do racismo.

A reformulação da condição racial se dá pela resistência na intenção de legitimar como a *raça* pode ser uma categoria de pensamento, concepção que denota que a produção cultural e discursiva. Logo, examina-se como os grupos sociais operam e como o estado classifica os indivíduos. A reformulação da categorização de raça, tem por caráter uma abordagem subversiva que transcende as fronteiras acadêmicas e tem por aspecto o ativismo. Para tanto, a interseccionalidade é basilar na orientação de que a crítica racial é uma estratégia de crítica interna, pois “a interseccionalidade agrupa ideias oriundas de lugares, tempos e perspectivas distintas, possibilitando que pessoas compartilhem pontos de vista outrora proibidos, ilegais ou simplesmente ocultados” (COLLINS, 2022, p.14) uma vez que posiciona os discursos como uma narrativa específica, mas não dissociada do problema epistemológico e metodológico da cultura hegemônica.

sociólogos, teólogos e especialistas em saúde utilizam a teoria crítica e suas ideias. Filósofos incorporam ideias da teoria crítica da raça para analisar questões tais como a discriminação de pontos de vista e as orientações, valores e o método da filosofia ocidental, questionando se elas são inerentemente brancas. Ao contrário de algumas disciplinas acadêmicas, a teoria crítica da raça possui uma perspectiva ativista. (DELGADO, 2021 p.467)

Articula-se às transformações do conceito de sujeito com as próprias mudanças do mundo moderno, pois as identidades ao serem descentradas não são mais compreendidas como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão. Em oposição, tem-se a compreensão de que a autonomia deste sujeito é formada na relação com outras pessoas, por conseguinte desenvolve-se a concepção do sujeito sociológico.

A noção sociológica refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediarão para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. G. H.Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção "interativa" da identidade e do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é fundada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado num diálogo contínuo com os mundos "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p.11).

A globalização como sinônimo da conceitualização de identidade cultural, tem por consequência a “pluralização” de identidades. Tal processo se dá pois as identidades passam a ser “contraditórias” ou seja, a identidade torna-se singular e abrangente. Isso porque o pensamento do sujeito individual, unificado e indivisível, conforme coloca Hall, tem a “fragmentação” de sua identidade cultural.

A crítica de Hall se dá a partir da década de 80 com influências dos estudos culturais “com a preocupação de fazer dialogar uma teorização complexa e sofisticada com as demandas de segmentos sociais, Hall transferiu-se em 1979 de *Birmingham* para a *Open University* (...) para institucionalizar os estudos culturais britânicos” (HALL, 2003, p. 13). Seu pensamento se faz em formular a teoria cultural para além do reducionismo entre o social e o simbólico. Isso porque o poder do discurso social se dá em perceber a potência de verificação de legitimação, na qual manipula as fronteiras entre os grupos, uma vez que o poder simbólico é um estrato social onde se é concedido o direito de dizer e classificar, por isso a estratégia do feito de universalizar é o princípio da classificação. Hall reconhece que as nações são culturas híbridas e estas categorias são discursivas e não biológicas,

produzindo-se, portanto, um efeito pluralizador sobre as identidades, este efeito possibilitou novas posições de identificação, mais políticas, plurais e diversas, menos fixas e unificadas.

A perspectiva pós-colonial como uma abordagem crítica sugere a superação de uma epistemologia dominante na categorização do mundo. Uma vez que o “pós” do pós-colonial não representa que o domínio colonial foi retirado. Ao invés disso, *os conflitos de poder e os regimes de poder-saber* seguiram se perpetuando nas nações pós-coloniais, pois “o que será distintivo no pós-colonialismo será a capacidade de fazer uma releitura da colonização, esta reconfiguração no campo discursivo ocorre a partir de uma escrita descentrada, da diáspora; ou ainda global, das grandes narrativas imperiais do passado, que estiveram centradas na nação” (Hall, 2003, p. 109).

A teoria crítica da raça elaborada na década de setenta nos Estados Unidos assumiu um movimento de estratégia de combate contra o racismo, originado pelo movimento pós-estruturalista, a crítica da raça também teve inspiração e contribuições significativas de inúmeros intelectuais.

filósofos e teóricos europeus, como Antonio Gramsci, Michel Foucault e Jacques Derrida, bem como na tradição radical americana exemplificada por figuras como Sojourner Truth, Frederick Douglass, W. E. B. Du Bois, César Chávez, Martin Luther King Jr., e nos movimentos Black Power dos anos 60 e início dos anos 70 (...) o grupo se baseou nas contribuições do feminismo sobre as relações de poder e a construção dos papéis sociais (...) o movimento assumiu a preocupação de reparar as injustiças históricas. A TRC também compartilhou com o campo de compressões sobre empoderamento comunitário e de grupo (DELGADO, 2021 p. 423)

Nesta perspectiva, a ascendência dos estudos pós-coloniais, que derivam do movimento pós-estruturalista na qual decorrem a vertente e o caráter analítico do reconhecimento do discursivo social, caracteriza-se de certo modo um conflito nos moldes que se produz ou modifica-se “grupos de interesse, uniões, organizações” (SIMMEL 1983, p.122). Pois é o “conflito um fato *sui generis* e sua inclusão sob o conceito de unidade teria sido tão arbitrária quanto inútil, uma vez que o conflito significa a negação da unidade. (SIMMEL, 1983, p. 123). Por isso, analisar a contrapartida da essencialização dos discursos culturais caracteriza-se nosso objetivo, a partir da teoria crítica racial, uma vez que esta interpela os processos de produção do conhecimento, que se dão a partir dos projetos de *conhecimento resistentes*<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Teorizar a resistência tem sido essencial para os projetos de conhecimento dos povos oprimidos. Esses projetos visam abordar as preocupações profundas de pessoas que estão subordinadas a expressões doméstica e global de racismo. Os projetos de conhecimento resistente lutam com a questão existencial de como indivíduos e grupos subordinados podem sobreviver e resistir à opressão (COLLINS, 2022, p.128)

Desenvolve-se, portanto, a crítica às práticas dominantes ou teoria *soberana* como nomeia Foucault (1999). Na qual o autor pressupõe a figura do *sujeito* como aquela que denota verdade como estratégia de poder e conseqüentemente classifica-se estes discursos como *potentes e eficazes*<sup>31</sup>, visto que se legitima nas formas de produção do saber jurídico, tornam-se então saberes inquestionáveis e institucionalizados. Isso porque “a teoria da soberania, é o ciclo do sujeito ao sujeito, o ciclo do poder e dos poderes, o ciclo da legitimidade e das leis,” (FOUCAULT, 1999, p.50) Essa unidade segundo Foucault (1999) caracteriza-se, fundamentalmente, na representação da unidade de poder ou essencialização da norma.

Quando pensamos no termo "essencialização", pensamos em decompor algo até que reste somente o cerne da questão. O essencialismo carrega uma dimensão política. Como mencionado na seção anterior, os objetivos de um grupo "unificado" podem não refletir exatamente os de certas frações internas, mas o grupo ampliado se beneficia da participação desses subgrupos devido ao aumento do número de membros que eles proporcionam. Vimos isso no caso da mãe solteira negra que procurou se identificar com algum movimento social, mas se frustrou ao descobrir que as prioridades dos dois grupos mais propensos a acolhê-la não correspondiam à sua experiência de vida. Essa tensão parece ser inerente ao nosso modo de existência. Um grande contingente de pessoas unidas por mudanças sociais tem o poder de alterar a prática e a percepção social. Isso é evidente nas primeiras conquistas dos movimentos feministas e dos direitos civis (DELGADO, 2012 p.1.292).

Para Hall, as categorias são utilizadas muitas vezes como dispositivo para unificar e representar “um único povo”, como a categoria *raça*.<sup>32</sup> Isso porque a ideia de raça projetada pela hegemonia se dava em estabelecer uma unidade do sujeito.

Desde a conquista e a colonização das Américas, raça foi instrumento de naturalização e justificativa das relações coloniais de dominação entre europeus e não europeus e passou a ser parte das análises dos problemas dos países no contexto da formação das nações pós-independência. Esta interpretação se deu também em relação a outros continentes e grupos etnoraciais. Na América Hispânica e Portuguesa, raça não foi relacionada apenas à percepção da fenotípica e genotípica, mas às explicações da falta de progresso, às justificativas de imperialismo e configurou-se na base dos processos de supressão de diferenças e da produção da homogeneidade cultural nos projetos de construção da nação moderna. (PINTO, BERNARDES, 2019, p. 638)

---

<sup>31</sup> Para Foucault, os discursos potentes e eficazes caracterizam-se, por aqueles que ao passo que adquirem o poder de verificação no mundo, tornaram-se incontestáveis e legitimados. (FOUCAULT, 1999)

<sup>32</sup> Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. (MUNANGA, 2003 ,p 4-5)

Por isso, a noção de diáspora como termo que estabelece que as identidades se tornam múltiplas e desenvolve a ideia de que “junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas. (...) A relação entre as culturas caribenhas e suas diásporas não pode, portanto, ser adequadamente concebida em termos de origem e cópia, de fonte primária e reflexo pálido (HALL, 2003, p. 27 e 35).

Logo, as identidades nacionais ao serem *deslocadas*<sup>33</sup>, segundo Hall (2006), refutam as categorias na tentativas de unificar identidades nacionais, pois as nações são culturas híbridas e tais categorias caracterizam-se por categorias *discursivas*<sup>34</sup> e não biológicas, isso ocorre porque o conceito de raça serviu tão unicamente para explicar a diferença entre a diversidade humana, ou seja o processo de racismo, incorporado por esta questão não mais sustenta a explicação biológica da hierarquização de raças.

Desta maneira, atentar-se na forma pela qual as culturas nacionais buscam “costurar” as diferenças em uma única identidade, nos possibilita compreender que este debate está na tensão entre o “global” e o “local” na transformação e produção de novas identidades. A sociedade moderna tem por aspecto a mudança e a rapidez que traz a possibilidade e variabilidade de identidades.

Isso porque a partir da década de setenta a profusão de debates culturais estabelece uma mudança de narrativa que transforma a noção de raça para *etnia*, uma vez que a ideia de “raça” era concebida como imposição de desvantagens sociais. A partir de 1970, as discussões que apresentam a questão da transformação da noção de raça para etnia, tendo em vista estas modificações culturais reverberou diversos debates que são abarcados pela teoria crítica racial, isso porque esta teoria surge com a perspectiva de resistência, que se diferem das teorias sociais tradicionais.

### **3. 1 O Hip Hop como um elemento contra hegemônico**

A relação entre a conjuntura do bairro Liberdade que a partir de sua formação esteve imbricado por grupos que exercem a lógica de engajamento pelas suas manifestações artísticas, religiosas e musicais, interpreta a participação ou ações coletivas engajadas, como

---

<sup>33</sup> O termo deslocamento se dá pelo reposicionamento do conceito de identidade. (HALL, 2003)

<sup>34</sup> O discurso histórico, o discurso dos historiadores, essa prática que consiste em narrar a história permaneceu por muito tempo o que ela era de certo na Antiguidade e o que era ainda na Idade Média: ela permaneceu por muito tempo aparentada com os rituais de poder (...) uma justificação de poder e, ao mesmo tempo, um fortalecimento desse poder. (FOUCAULT, 1999 p.76)

forma de protesto à essencialização dos discursos. Assim incorpora-se os interesses comuns do grupo e faz com que ao tornar-se um ser mobilizado estabeleçam uma identidade coletiva em fortalecimento da identidade quilombola, refletidas nas estratégias de negação da dominação dos discursos de poder.

Ressaltar os aspectos culturais, seus modos de organização, destacando que as relações sociais foram construídas por intermédio das simbologias, das fortes relações de amizade, parentesco, solidariedade, compadrio e, marcadas, essencialmente, pela religiosidade e estratégias de mobilizações políticas, como foi possível perceber nas atividades de campo nos bairros Liberdade, Camboa e Fé em Deus, em São Luís, Maranhão. Especial atenção foi dada à autodefinição “quilombo urbano” por alguns agentes sociais ouvidos. (...). Há ainda fortes referências históricas da formação destes bairros, especificamente nas narrativas dos antigos moradores, que se vinculam aos territórios quilombolas de Alcântara, no Litoral Ocidental Maranhense e Baixada Maranhense (ASSUNÇÃO, 2017, p 14)

A prática artística do hip hop, retrata a arte da resistência<sup>35</sup> (SCOOT, 2013) pertencente à expressão cultural do Quilombo Urbano como instrumento de estratégia política e também representa uma quebra dos paradigmas outrora colocados, haja vista que o papel da *cultura* se dava de maneira alheia à realidade. Esta isenção da criticidade e da razão gerava, portanto, uma apatia às questões sociais e políticas no entorno. Pois de acordo com (CEVASCO, 2003 p.17-18)

monta-se a estrutura que permitirá a disjunção de base da atuação da crítica da cultura em geral e da literária em particular: é o tribunal onde se aferem os valores de uma sociedade, (...) e leva a um certo conformismo militante da crítica literária (...) sua atuação se dá no sentido de manter o estado de coisas a que pensa se opor (CEVASCO, 2003 p.17-18)

O domínio hegemônico manipula os símbolos e ideias, pois necessita remodelar as imagens de dominação, isso porque a cultura era composta como sinônimo de civilização, visão esta que se dá numa perspectiva evolucionista e colonialista, uma vez que na tradição romântica alemã o conceito de cultura (*kultur*)<sup>36</sup> refere-se a tradição e valores nacionais, que se contrapõe às forças do progresso, já para a antropologia norte americana, as culturas são

---

<sup>35</sup> Embora possa ser confundido, como uma forma de resistência passiva porque autoprotégida, (...) em que a dominação é constantemente avaliada, julgada e criticada por aqueles que deles são objetos, alimenta não apenas uma resistência passiva e clandestina, mas é também um alforje de resistência ativa, que alberga um potencial de revolta que o torna extremamente eficaz. (SCOTT, 1992, p.7)

<sup>36</sup> As teorias da Kultur podem-se explicar em grande medida como uma manifestação do atraso político, social e econômico da Alemanha em comparação com a França e a Inglaterra, ou como uma reação ideológica a essa situação [...]. Essas teorias da Kultur [tanto russas como alemãs] são uma expressão ideológica típica — embora certamente não a única — da resposta das sociedades atrasadas às influências do Ocidente sobre sua cultura tradicional” (MEYER 1952:404-405; apud SAHLINS, 1997 p.46)

complexas e são produtos de condições ambientais, que incluem fatores psicológicos e conexões históricas, e se contrapõe ao argumento evolucionista.

O próprio crítico passa a ser medido apenas segundo seu êxito no mercado, ou seja, na medida em que ele exerce a crítica. O conhecimento efetivo dos temas não era primordial, mas sempre um produto secundário, e quanto mais falta ao crítico esse conhecimento, tanto mais essa carência passa a ser cuidadosamente substituída pelo eruditismo e pelo conformismo (ADORNO, 2002 p.46).

Diante disso, ao observarmos como a *crítica cultural na sociedade burguesa*, servia tão unicamente ao setor econômico, fator este que nos ajuda a entender que a autonomia para a indústria cultural se esvazia, haja vista que essa massificação cultural, destitui qualquer criticidade contra o sistema. Uma outra consequência é que logo outras formas de expressões que subvertem essa lógica, passam pelo fenômeno de marginalização de suas práticas artísticas em razão de experienciar um campo de movimento por lutas ao acesso a políticas públicas, bem como a determinação de ultrapassar os (espaços controlados), assim caracterizados por Scott (2013).

A cultura negra *desloca-se*, como coloca HALL (2013, p11) fato que se dá porque “a classe dominante sempre tentou aculturar o povo negro e na maioria das vezes esforçou-se para eliminar sua cultura usando para isso a cooptação e tentando reduzi-la à simples folclore” (HENGLER, SALVADOR, p.76, 2018)

O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve somente à quantificação mais completa, cada um deve se comportar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo. Reduzido a material estatístico, os consumidores são divididos, no mapa geográfico (ADORNO, p.7, 2002)

Para Adorno, a consequência do monopólio cultural, tem por característica “classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los” (ADORNO, p.7, 2002), por isto, o movimento pós-estruturalista incorpora a realidade como uma construção subjetiva da realidade, movimento fundamental no desenvolvimento de estudos em torno das mulheres e que tiveram grande relevância no contexto dos estudos culturais. A partir do século XX, encaminhou-se a um movimento nas ciências sociais, onde o agora *a gente* supera as estruturas que apagavam qualquer perspectiva de ir além. Isso ocorre, pois, a noção de sujeito, é direcionada ao tornar-se um ser autônomo, livre e autoconsciente.

As intersecções elaboradas pela teoria crítica da raça de modo a compreender a concepção da construção dos discursos de poder na construção da ideia de raça, bem como a fragmentação da identidade cultural segundo a teoria pós-colonial onde se desenvolveu o pensamento de Stuart Hall entrelaçam-se as análises na conjuntura do bairro Liberdade, apresentando algumas formas de resistências em sua dinâmica através da arte e da cultura.

Por isso, caminhamos no sentido de debater a capacidade de um “agenciamento discursivo” segundo (ARRUTI 2014 p.18) que se faz elementar ao quilombo urbano, quando o contexto apresenta o símbolo de identidade quilombola, pois isto significa dizer que a habilidade de resistência é independente ao mecanismo de controle.

Logo, os instrumentos de racialização são mecanismos de interesses de poder, uma vez que as instituições políticas estão no processo de naturalização do racismo, observa-se a necessidade de um revisionismo histórico e crítico das epistemologias hegemônica

Por isso pensar interseccionalmente, significa usar uma ferramenta analítica indispensável para investigar as mais variadas formas de experiências autodefinidas e identificar problemas sociais, a fim de encontrar “respostas interseccionais às injustiças sociais” (COLLINS, 2021, p.20). A relação entre a conjuntura do bairro Liberdade que a partir de sua formação esteve imbricado por grupos que exercem a lógica de engajamento pelas suas manifestações artísticas, religiosas e musicais, interpreta esta participação ou ações coletivas engajadas, como forma de protesto, uma vez que a incorporação dos interesses comuns do grupo faz com que ao tornar-se um ser mobilizado se estabeleça uma identidade coletiva em fortalecimento da identidade quilombola.

Ressaltar os aspectos culturais, seus modos de organização, destacando que as relações sociais foram construídas por intermédio das simbologias, das fortes relações de amizade, parentesco, solidariedade, compadrio e, marcadas, essencialmente, pela religiosidade e estratégias de mobilizações políticas, como foi possível perceber nas atividades de campo nos bairros Liberdade, Camboa e Fé em Deus, em São Luís, Maranhão. Especial atenção foi dada à autodefinição “quilombo urbano” por alguns agentes sociais ouvidos. (...). Há ainda fortes referências históricas da formação destes bairros, especificamente nas narrativas dos antigos moradores, que se vinculam aos territórios quilombolas de Alcântara, no Litoral Ocidental Maranhense e Baixada Maranhense (ASSUNÇÃO, 2017, p 14)

Uma vez que a *crítica cultural na sociedade burguesa*, servia tão unicamente ao setor econômico, fator este que nos ajuda a entender que a autonomia para a indústria cultural se esvazia, haja vista que essa massificação cultural, destitui qualquer criticidade contra o sistema. Uma outra consequência é que logo outras formas de expressões que subvertem essa

lógica, passam pelo fenômeno de marginalização de suas práticas artísticas em razão de experienciar um campo de movimento por lutas ao acesso a políticas públicas, bem como a determinação de ultrapassar os (espaços controlados), assim caracterizados por Scott (2013)

### **3.2 Mulheres em Ação: diáspora e feminismo negro**

As associações constroem os seus eixos de agência, e é a partir da construção que elas fazem que se pode determinar que tipo de clivagem sociológica elas podem optar. Esse fornecimento se dá pela tipologia de agência, a partir de elementos que se articulam com o papel central das mulheres na preservação e dinamização de uma memória que traz elementos da experiência negra, elementos esses que são dinâmicos.

Nessa perspectiva a atuação cultural orientada pelo posicionamento político pode ser uma ferramenta estratégica no processo de emancipação, com base em práticas culturais informadas pela construção intersubjetiva no cotidiano, que nos levam a pensar que as mesmas estão produzindo suas escrituras<sup>37</sup> segundo Conceição Evaristo.

As mulheres no Quilombo Liberdade suscitam questionamentos, que incorporarem-se na produção de políticas públicas para o território, bem como fortalecimento de sua própria identidade e construção de uma identidade quilombola no urbano a partir de três eixos agenciadores, pertencentes ao quilombo, que se desdobra pelo grupo Pretas Anastácias, Afros Netos de Nanã e o Bumba meu Boi de Leonardo, todos atravessados pela liderança de mulheres que fizeram parte das dez instituições que realizaram a petição para que o bairro Liberdade torna-se um Quilombo Urbano, depois de um longo processo de reivindicação, concretizando-se em 2019.

Considerando os seguintes agenciamentos de articulação das mulheres na Liberdade como eixo agenciadores que agem a partir das práticas culturais nas reivindicações sobre os processos de identificação e de suas territorialidades, ao elaborar estratégias que baseadas na ideia de uma reinvenção do ser quilombola no urbano, nossas sujeitos estão nos apontando, uma espécie de comunismo primário que surge a partir da reconstrução em termos de diáspora de um imaginário transcontinental que tem se formulado sob novas formas de narrativas e de experiências.

---

<sup>37</sup> Quem escreve, se opõe a posições coloniais tornando-se a escritora/a "validada/o e legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada"(KILOMBA, 2019,p.28)

Isso porque a reprodução da ideia de subalternação da mulher negra frente à espaços de lideranças é difundida pela eficiência que as imagens de controles, segundo Hill Collins (2020) isto ocorre pois ao validar as formas de dominação, esse mecanismo anula a possibilidade de tornarem-se sujeitas de conhecimento, isso porque ao passo que a agência estabelecida por elas é impetrada, as imagens de controle são substituídas e redefinidas pela autodefinição. Esse “conhecimento construído do eu emerge da luta para substituir imagens controladoras por conhecimento autodefinido considerado um conhecimento essencial à sobrevivência das mulheres negras”.(COLLINS, 2019 p.286). Por isso o poder da autodefinição além de exercer a coerência de uma política que ao se transversalizar, mobiliza ideias e atitudes em função do coletivo, proporcionando ao agente se reconhecer nesse processo de luta por direito.

Um exemplo disto é a junção da prática artística do hip hop aliado a atuação das mulheres, que retrata a arte a resistência<sup>38</sup> (SCOOT, 2013) na quebra dos paradigmas outrora colocados, haja vista que o papel da cultura se dava de maneira alheia à realidade . Esta isenção da criticidade e da razão gerava, portanto, uma apatia às questões sociais e políticas no entorno.

monta-se a estrutura que permitirá a **disjunção de base da atuação da crítica da cultura em geral** e da literária em particular: **é o tribunal onde se aferem os valores de uma sociedade**, (...) e leva a um certo conformismo militante da crítica literária (...) sua atuação se dá no sentido de manter o estado de coisas a que pensa se opo (CEVASCO, 2003 p.17-18. grifo nosso)

O Quilombo Urbano Liberdade possui um eixo bem delimitado entre arte e política. Entre os quais o movimento de mulheres no bairro, interpelado ao pensamento feminista negro. Há, portanto, uma engrenagem como espectro estratégico dentro do quilombo urbano, faz-se importante observar a influência da diáspora<sup>39</sup> em reconhecer esses processos pelos quais denominam-se práticas que se identificam como parte de uma estrutura de

---

<sup>38</sup> Embora possa ser confundido, como uma forma de resistência passiva porque autoprotégida, (...) em que a dominação é constantemente avaliada, julgada e criticada por aqueles que deles são objetos, alimenta não apenas uma resistência passiva e clandestina, mas é também um alfore de resistência ativa, que alberga um potencial de revolta que o torna extremamente eficaz. (SCOTT, 1992, p.7)

<sup>39</sup> Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas. (...) A relação entre as culturas caribenhas e suas diásporas não pode, portanto, ser adequadamente concebida em termos de origem e cópia, de fonte primária e reflexo pálido. (HALL, 2003, p. 27 e 35)

deslocamento, como coloca Hall (2003, p.11) "estratégias culturais que fazem diferença e deslocam (*shift*) as disposições de poder".

Deslocamento, aliás, é a imagem que Hall faz da relação da cultura com estruturas sociais de poder ao realizar pressões através de políticas culturais, isso porque o papel das expressões artísticas para o bairro acompanhada da noção de *ação coletiva*<sup>40</sup> se dá em torno de ações específicas onde mobiliza-se suas experiências para atingir um determinado objetivo. Ainda nesse sentido, a política dos comuns como indica Federici (2010) é presumida por um ato cognitivo da produção de conhecimento, subvertendo a ideia de bens comuns no sentido de monetizar e mercantilizar as formas de vidas, isto se dá pela incessante tentativa de apropriação dos “bens comuns” como subsistência “comum” da sociedade.

Os autores discutem como uma sociedade construída sobre o princípio do “comum” já está em desenvolvimento, com base na informatização e “cognitivização” da produção. De acordo com essa teoria, à medida que a produção presumidamente se torna a produção de conhecimento, cultura e subjetividade, organizada na internet, um espaço e uma riqueza comuns são criados de tal maneira que escapam do problema de definir regras de inclusão e exclusão (FEDERICI, 2010 p.399).

Em outras palavras, a construção da mobilização perpassa a valorização das experiências e práticas cotidianas à medida que as experiências são compartilhadas, surgem as possibilidades de identificação, de criação de redes de apoio e, conseqüentemente, fortalecimento de vínculos. Vemos isso, especialmente, nas análises elaboradas por Federici quanto ao papel das mulheres na defesa das formas de preservar as culturas comunais ou tradicionais. A política dos comuns abordada pela autora instiga o pensamento “ideológico de ser um conceito unificador que prevê a sociedade cooperativa” (FEDERICI, 2019 p.394,) isso porque para a autora as mulheres são “a principal força social de impedimento de uma completa comercialização da natureza, enquanto promovem o uso não capitalista da terra e formas de agricultura de subsistência” (FEDERICI, 2019 p.401). Denota-se a necessidade do embate ao domínio estrutural, que suprimiu, a figura da mulher, nesse intuito, a autora reflete

Na primeira fase do desenvolvimento capitalista, as mulheres estavam na linha de frente das lutas contra o cercamento de terras tanto na Inglaterra como no “Novo Mundo” e foram as incansáveis defensoras das culturas comunais que a colonização europeia tentou destruir. No Peru, quando os conquistadores espanhóis tomaram o controle de povoados locais, as mulheres escaparam para as altas montanhas da região onde recriaram suas formas coletivas de vida que sobrevivem até hoje. Não

---

<sup>40</sup> Se a ação social coletiva é bem sucedida, as oportunidades produzem ciclos mais amplos, (...) para grupos de interesses comuns e partidos políticos e, inevitavelmente, para o Estado (TARROW, 2009, p.43)

surpreendentemente, nos séculos XVI e XVII, aconteceram os ataques mais violentos da história do mundo contra as mulheres: a perseguição de mulheres como bruxas. Hoje, diante do novo processo de acumulação primitiva, as mulheres são a principal força social de impedimento de uma completa comercialização da natureza, enquanto promovem o uso não capitalista da terra e formas de agricultura de subsistência. (FEDERICI 2019, p. 401)

As mulheres impulsionaram seus esforços para proporcionar uma espécie de “comunalismo primário (...) que leva à produção de uma nova realidade, moldando uma identidade coletiva, formando um contrapoder em suas casas e na comunidade e dando início a um processo de autovalorização e autodeterminação” (FEDERICI, 2019, p.402). O pensamento feminista negro através da voz coletiva e autodefinida, como assim coloca Collins (2019) pode ser observado no contexto de lutas das mulheres quilombolas no urbano interpelado em nossa análise, uma vez que a importância desta articulação, realiza-se através das representações que a diáspora possibilita como construção do associativismo negro.

Ao questionar as injustiças sociais sofridas pelas mulheres do quilombo urbano, observamos também como elas adotam uma política de empoderamento diante das relações de opressão e exercem o ativismo no cenário de garantias de direito, e esta agência exercida por estas mulheres tem protagonizado o papel significativo na luta em defesa de seus direitos. Isto ocorre como um instrumento de transformação social, uma vez que o associativismo negro se dá pela “noção dinâmica envolvendo um processo contraditório e conflitivo que combina resistência, assimilação e (re)apropriação de ações coletivas e formas organizativas para a defesa dos interesses específicos do grupo” (DOMINGUES, 2014, p.253-254). Isso porque essa (re) apropriação das manifestações culturais muitas vezes herdadas de seus ancestrais se dá através de um posicionamento político de conotação coletiva, como uma iniciativa que possibilita a constituição de eixos de agência no território da Liberdade.

Neste sentido, a renovação de uma tradição observada no boi e tambor de crioula de Leonardo, estabelecida por Regina Avelar, ama e filha de Leonardo, nos mostra que o ponto de vista *womanist*, mesmo não alinhado as narrativas teóricas complexas sobre gênero, se constrói a partir da necessidade da continuidade de uma história que atravessa o sagrado e a tradição.

(...) Regina como herdeira da promessa de Leonardo, assumiu o compromisso em pleno leito de morte, como ritual de passagem, adquirindo e renovando, dessa forma, a promessa com o sagrado, assumindo o compromisso de defendê-la enquanto tiver vida. Sua vivência desde a infância, observando esses valores, símbolos e significados da manifestação popular, a fizeram legítima depositária da continuidade desta tradição. Seu grande desafio, influenciada por

outras orientações oriundas da contemporaneidade, dos meios empresariais de sua formação e trabalho é buscar a renovação da tradição sem perder os valores e símbolos que garantem ao boi e ao tambor de crioula seus vínculos com a troca sagrada que estabelecem pai e filha com o divino, os Santos, os Sagrados com os quais inauguraram e renovam a tradição. ( SILVEIRA, 2013, p.61)

Por isso, Collins afirma que “muito do melhor pensamento feminista negro reflete esse esforço de encontrar uma voz coletiva e autodefinida ao expressar um ponto de vista *womanist*<sup>41</sup> completamente articulado” (COLLINS, 2019, p.282). Isso porque o poder da autodefinição exerce a coerência de uma política que ao se transversalizar, mobiliza ideias e atitudes em função do coletivo.

### **3.3 O Grupo Preta Anastácia e o Hip Hop na Liberdade**

O que se pode observar no quilombo urbano é uma história de construção pelos sujeitos, e esses sujeitos são coletivos e majoritariamente formados por mulheres. O tipo de agenciamento discursivo praticado pelo grupo Pretas Anastácias passa a ser empregada na luta por melhores condições de vida das mulheres que sofrem com a opressão e discriminação e isso é observado nas letras das músicas dos raps, nas pinturas grafitadas, assim como nas demais expressões nas comunidades e periferias das cidades. “O Núcleo de Mulheres "Preta Anastácia" foi criado no ano de 1997. Este grupo de mulheres se caracterizou por uma participação mais efetiva na cultura hip-hop e é formado por mulheres que cantam rap, que dançam break e que fazem grafite” (DURANS, 2014, p.76). Esse grupo torna-se um elemento de análise relevante para pensarmos a ideia da atuação do hip hop como forma de protesto e crítica ao se contrapor aos estereótipos perpetrados em relação ao bairro.

O movimento do hip hop ainda em processo de difusão no Brasil e em grandes metrópoles como São Paulo, se deu por volta da década de 1980, chegando em São Luís na mesma década, isso porque “No ano de 1989 surge o Movimento Hip Hop Organizado, que em 1992, recebe o nome de Movimento Quilombo Urbano. O Hip Hop maranhense encontra na periferia da capital um habitat que permite a ele se expandir” (RIBEIRO.p.1, 2006) e manifesta-se através da articulação político cultural.

---

<sup>41</sup> Womanism é um termo criado pela escritora Alice Walker e utilizado pela primeira vez em seu romance *In Search of Our Mother's Garden: Womanist Prose*, de 1983. A expressão pretende se diferenciar de um feminismo associado a mulheres brancas de classe média e incluir a questão racial para se referir a mulheres negras.

Dessa maneira o núcleo de mulheres Pretas Anastácias exerce uma nova lógica associativista com ênfase no protesto por meio dos raps por elas criado no bairro Liberdade. Esse diálogo nos fornece uma tipologia de agência, a partir de elementos que se articulam com a importância que as mulheres desempenham na preservação e dinamização de uma memória que traz elementos da experiência negra, e que se instrumentaliza através de eixos agenciadores.

A organização de mulheres no Quilombo Urbano se deu desde o início da década de 1990, fazendo com que este movimento trouxesse o mérito de ser o primeiro movimento hip-hop do Brasil a ter em sua estrutura interna um núcleo de mulheres. Com o objetivo de coibir práticas machistas dentro do movimento, estas mulheres passam por um processo de constituição da identidade coletiva, a partir da reivindicação feminista, de um posicionamento grupal em relação aos antagonismos e conflitos vivenciados no cotidiano. (DURANS, 2014, p.76)

A arte utilizada pelo grupo Pretas *Anastácias* passa a ser empregada na luta por melhores condições de vida das mulheres que sofrem com a opressão e discriminação e isso é observado nas letras das músicas dos raps, nas pinturas grafitadas, assim como nas demais expressões nas comunidades e periferias das cidades. Esse elemento nos fornece uma análise para pensar até que ponto as práticas políticas culturais desenvolvidas na Liberdade, estão interseccionadas por raça, gênero e classe na constituição dos espaços de referência.

A reprodução da ideia de subalternização da mulher negra frente à espaços de lideranças é difundida pela eficiência que as imagens de controles, segundo Hill Collins (2020) isto ocorre pois ao validar as formas de dominação, esse mecanismo anula a possibilidade de tornarem-se sujeitas de conhecimento. Nesse sentido, ao passo que a agência estabelecida por elas é impetrada, as imagens de controle são substituídas e redefinidas pela autodefinição. Esse “conhecimento construído do eu emerge da luta para substituir imagens controladoras por conhecimento autodefinido considerado um conhecimento essencial à sobrevivência das mulheres negras”.(COLLINS, 2019 p.286). Por isso o poder da autodefinição além de exercer a coerência de uma política que ao se transversalizar, mobiliza ideias e atitudes em função do coletivo assegura ao agente se reconhecer nesse processo de luta por direito.

O Núcleo de Mulheres "Preta Anastácia" foi criado no ano de 1997. Este grupo de mulheres se caracterizou por uma participação mais efetiva na cultura hip-hop e é formado por mulheres que cantam rap, que dançam break e que fazem grafite. O nome do grupo é uma homenagem a Anastácia, mulher negra escravizada que

nasceu na cidade de Pompéu, centro-oeste mineiro. A história dela é narrada a partir do imaginário popular que diz ter sido uma mulher muito bonita, curandeira, que ajudava os doentes e com suas mãos fazia muitos milagres. Por se negar a ir para a cama com seu Senhor, foi perseguida, torturada e sentenciada a usar uma máscara de flandres (DURANS, 2014, p.76)

Embora tenha durado um período findo, a articulação do grupo pretas Anastácias, significou a tomada por formas alternativas de protesto, desenvolvendo em inúmeras mulheres ativistas, pesquisadoras e agenciadoras de batalhas na cidade de São Luís, e na Liberdade, sendo Nicinha Durans<sup>42</sup> uma das mais importantes mulheres na cena das batalhas de Hip Hop na região, sendo esta uma das fundadoras do grupo Pretas Anastácias. Dessa maneira o núcleo de mulheres *Pretas Anastácias* exercem uma nova lógica associativista com ênfase no protesto por meio dos raps por elas criado no bairro Liberdade, nesse sentido, Durans diz

A organização de mulheres no Quilombo Urbano se deu desde o início da década de 1990, fazendo com que este movimento trouxesse o mérito de ser o primeiro movimento hip-hop do Brasil a ter em sua estrutura interna um núcleo de mulheres. Com o objetivo de coibir práticas machistas dentro do movimento, estas mulheres passam por um processo de constituição da identidade coletiva, a partir da reivindicação feminista, de um posicionamento grupal em relação aos antagonismos e conflitos vivenciados no cotidiano engendrados pelo pertencimento e a compreensão dos processos de opressão que as mulheres sofrem. O Núcleo de Mulheres “Preta Anastácia” foi criado no ano de 1997. Este grupo de mulheres se caracterizou por uma participação mais efetiva na cultura hip-hop e é formado por mulheres que cantam rap, que dançam break e que fazem grafite (DURANS, 2014, p.76)

A autovalorização positivada enfatiza a historicidade das mulheres negras, o pertencimento e auto identificação que são perceptíveis ao afirmarem sua própria posição auto interpretativa, fato que pode ser observado em suas letras. Ao refletirem a respeito de sua história e cotidiano, as *Pretas Anastácias* como diz Conceição Evaristo, produzem suas *escrevivências*, suscitam questionamentos pois ao escrever performam o ato de se descolonizar, se contrapondo ao espectro de submissão. Assim como afirma Grada Kilomba “quem escreve, se opõe a posições coloniais tornando-se a escritora/a “validada/o e legitimada/o e, e ao reinventar a si mesma/o nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019,p.28). Isso porque além de reforçarem a luta da mulher negra periférica e ressaltar as dimensões identitárias, estas como

---

<sup>42</sup> Nicinha Durans é Professora Pedagoga da Rede Municipal de São Luís, Ma. É ativista das causas étnico raciais. Promove atualmente as batalhas da LB no Quilombo Liberdade e em outros lugares, sendo umas das pioneiras na cena do Hip Hop em São Luís, a mesma vem atuando desde a década de 1990 na área.

ato de insubordinação, produzem conhecimento alternativos, ao desenvolverem segundo Xavier (2021) a ciência das mulheres negras;

Trata-se assim de uma ciência de mulheres negras, resultante de pesquisas fundamentadas em articulações e adequações de ferramentas da história social e do pensamento feminista negro dos quais derivam conhecimentos alternativos ao racismo e ao patriarcado, dentro e fora do meio acadêmico. Focada nas subjetividades, nas experiências cotidianas e nas relações de aproximação entre sujeito e tema, essa epistemologia alternativa possibilita avançar no trabalho de restituição de humanidades negadas, iluminando as formas pelas quais mulheres negras estilhaçam as máscaras do silêncio. Produtoras de autodefinições ousadas e criativas de escrita, participação política, trabalho, família, a observação de seu trabalho intelectual é primordial para produzir novas interpretações do Brasil. (XAVIER, 2021, p.52)

Dessa forma, a análise compreende as diversas estratégias de agenciamento da comunidade através de um imaginário que está sendo construído ou reconstruído, por isso ao elucidar a articulação e a participação das mulheres na construção de uma identidade quilombola tencionamos a construção de um debate feminista negro em espaços e em tempos distintos e com diferentes formas de participações, ao qual classificamos como diferentes formas de agenciamento feminino.

Vemos isso, especialmente, nas análises elaboradas por Federici quanto ao papel das mulheres na defesa das formas de preservar as culturas comunais ou tradicionais. A política dos comuns abordada pela autora instiga o pensamento “ideológico de ser um conceito unificador que prevê a sociedade cooperativa” (FEDERICI, 2019 p.394,) isso porque para a autora as mulheres são “a principal força social de impedimento de uma completa comercialização da natureza, enquanto promovem o uso não capitalista da terra e formas de agricultura de subsistência” (FEDERICI, 2019 p.401). Denota-se a necessidade do embate ao domínio estrutural, que suprimiu a figura da mulher na preservação das culturas comunais.

Na primeira fase do desenvolvimento capitalista, as mulheres estavam na linha de frente das lutas contra o cercamento de terras tanto na Inglaterra como no Novo Mundo e foram as incansáveis defensoras das culturas comunais que a colonização europeia tentou destruir. No Peru, quando os conquistadores espanhóis tomaram o controle de povoados locais, as mulheres escaparam para as altas montanhas da região onde recriaram suas formas coletivas de vida que sobrevivem até hoje.(FEDERICI 2019, p. 401)

A maior parte das lideranças abordadas neste trabalho, que compõem as manifestações políticos culturais do Quilombo Liberdade, são mulheres que conduzem à

construção das formas de resistência no bairro e ações em seus grupos atuando no estímulo à autodefinição de si e de seu grupo. Isso porque ao construir o espaço seguro, nossas agentes também atravessam o processo da composição da clínica do sujeito, uma vez que para Mbembe (2018)

Tudo começa assim, por um ato de identificação: “Eu sou um negro”. O ato de identificação constitui a resposta a uma pergunta que nós fazemos: Quem sou eu, afinal? ou que nos é feita” quem é você? " Neste segundo caso, trata-se de uma resposta a uma intimidação. Em ambos os casos, trata-se de revelar a própria identidade, de torná-la pública. Mas revelar a identidade é também se reconhecer (autoconhecimento), é saber quem se é e dizê-lo, ou melhor, proclamá-lo, ou ainda, dizê-lo a si mesmo. O ato de identificação também é uma afirmação de existência. “Eu sou” significa, desde já eu existo. (MBEMBE, 2018, p. 263)

Além de efetivamente as mulheres do Quilombo Urbano promoverem a difusão de um espaço seguro, onde encaminham sua voz autodefinida, a partir do momento que se reconhecem nesse processo de luta por direito, as agenciadoras pertencentes aos eixos associativos demonstram esse reconhecimento desta identidade perante a lei, quando transpõe os efeitos do racismo e eurocentrismo, segundo (COLLINS, 2019 p.286) “esse conhecimento é construído do eu e emerge da luta para substituir imagens controladoras por conhecimento autodefinido considerado pessoalmente importante como um conhecimento essencial à sobrevivência das mulheres negras”

As mulheres detentoras dessa articulação se instrumentalizam como ferramenta histórica, ao passo que o conhecimento alternativo, encarado pelo feminismo negro ao resgatar as subjetividades cotidianas, tornam-as produtoras de autodefinição ousadas e criativas como enunciou (XAVIER 2021,p.52). Como observamos na letra a seguir letra redigidas por elas:

*Lutadoras da Diáspora*

*(...)*

*Os teus grilhões já não me prendem mais,*

*Com os sangues das minhas ancestrais*

*Sou uma preta que não se aculturou*

*Sou bantu, sou sudanesa, sou jejenagô*

*Sou Mahim, na revolta*

*Com Anastácia que não se deixou abater*

*Sou angolana, haitiana, latino-americana*

*Mais uma preta lutadora na Diáspora africana.* (DURANS, 2014, p.86)<sup>43</sup>

Ao amplificarem suas subjetividades, anseios através do Hip Hop as Pretas Anástacias nos mostram o que Lorena Cabnal (2019) aponta a partir do conceito de corpo-território e o de viver ao amplificar a discussão feminista, isso porque a autora pensa como a construção dessas duas inflexões tornam-se conceitos chaves para analisar a importância do corpo emancipado como uma extensão de território emancipado. Ao passo que as agenciadoras no Quilombo Liberdade estão alinhadas a concepção do viver bem, através das expressões culturais as mesmas constroem o processo pensado por Cabnal, o de tradução desse esforço em políticas para o território.

Esta letra revela estratégias que abordam as relações de poder a um cenário que marcado pelo masculino possibilitou a ousadia da formulação de conhecimentos de resistências intelectuais na tessitura e crítica da realidade de jovens meninas pretas na periferia de São Luís em uma caminhada para moldarem suas perspectivas de liberdade, frente ao racismo, sexismo e desigualdades.

---

<sup>43</sup> Grupo de rappers “Dialeto Preto” do bairro Liberdade, música retirada do trabalho de dissertação "As Anástacias do Quilombo: uma análise da participação e representação da mulher no hip-hop maranhense- São Luís/MA. (DURANS, 2014 p.86)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Quilombo Urbano Liberdade é um lugar de memória, de luta e resistência e configura-se como espaço onde a cultura através da reinvenção ao formular a construção de uma identidade negra se afirma através das práticas culturais únicas existentes no território da Liberdade. Podemos observar através dos resultados obtidos neste trabalho que ao se definirem como quilombola através dos laços consanguíneos os moradores do Quilombo Liberdade também concedem a importância dessa definição ao papel das expressões artísticas na construção da ideia de reconhecimento. Isto ocorre, pois, a forma de organização do espaço se constitui na busca pela identidade em que os sujeitos em coletividade ou individualmente direcionam-se de forma estratégica.

No primeiro capítulo abordamos a importância dos quilombos como espaços de resistência negra, especialmente no contexto do Maranhão. Neste sentido este capítulo se constrói com base na análise dos dados do primeiro censo quilombola que demonstram a relevância de reconhecer e valorizar a história e a cultura das comunidades quilombolas da baixada maranhense na constituição do primeiro Quilombo urbano do Maranhão, através da utilização de fontes diversas, como documentos históricos, entrevistas e dados censitários.

No segundo capítulo apresentamos o resultado de nosso mapeamento socioespacial e cultural com base na incursão etnográfica, encontrando diferentes tipos de tipologias de agência no território, o qual se instrumentaliza através do primeiro Inventário de Referências Culturais do Quilombo Liberdade- INRC.

No terceiro capítulo apontamos a confluência e participação das mulheres na ideia de construção de uma identidade quilombola no urbano, uma vez que constatamos que a maioria das expressões culturais, religiosas, e espaços sociais são lideradas pela figura feminina, dessa maneira buscamos apresentar a importância das mulheres na constituição e preservação dos espaços de referências no Quilombo Liberdade.

Nesse sentido, constatamos que o associativismo negro foi fundamental para o reconhecimento do Quilombo Liberdade em São Luís. Essa forma de organização possibilitou a compreensão das práticas político-culturais que embasaram as reivindicações de identidade e territorialidade no quilombo.

Dessa maneira o que se pôde observar no quilombo urbano é uma história de construção pelos sujeitos, e esses sujeitos são coletivos e majoritariamente formados por

mulheres. Desse modo, almejamos a continuação deste trabalho na investigação de como o agenciamento participativo tomado pelo território, se dá fundamentalmente pela figura de mulheres negras, especialmente aquelas agentes nos três grupos culturais que estiveram alinhados ao pedido de petição, dessa maneira esta pesquisa continuará de forma aprofundar a investigação de como a intersecção de gênero, raça e classe, estiveram imbricados no processo de reconhecimento bem como à preservação da tradição dos processos socioculturais no Quilombo Liberdade.

Assim esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a visibilidade primeiro Quilombo Urbano do Estado do Maranhão e maior da América Latina bem como para o reconhecimento da importância da sua história, da sua cultura e da sua luta, assim como a promoção e valorização da memória cultural do território ao destacarmos a importância da construção da identidade quilombola e a preservação da história.

Ao reconhecer as formas de resistência, buscamos enfatizar as lutas dos moradores do Quilombo Liberdade pelo reconhecimento de seus direitos e pela preservação de seu território de distintas formas, trazendo à tona a discussão sobre os agenciamentos que atravessam a noção de pertencimento ao lugar, instrumentalizados por nossos eixos de pesquisa, bem como a importância de reconhecer a necessidade de um debate por parte do Estado do Maranhão em relação aos formuladores e implementadores da cultura local, com vistas a conhecer esses lugares de ação e seus sujeitos no processo de construção de estratégias para implementação de políticas públicas para territórios que se encontram no urbano, em especial o quilombo Liberdade.

Este espaço é marcado pela diáspora africana, pelo transnacionalismo que acomete a constante reinvenção das identidades ali presentes e as diversas formas de expressão cultural presentes no bairro que demonstram a riqueza e a diversidade da cultura diaspórica, que se reinventa constantemente em diálogo com outras culturas e com os desafios do presente. Dessa maneira o trabalho buscou destacar a importância do associativismo como ferramenta de luta e organização da comunidade negra. Tendo sido esta prática fundamental para a construção de redes de resistência e busca por melhores condições de vida. O Quilombo Liberdade se ergue como um exemplo de coletividade através de suas práticas políticas culturais o qual impulsionou o reconhecimento de seu território e construção de uma identidade quilombola no urbano.

## BIBLIOGRAFIA

ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena Lima. **“Quilombo urbano”**, Liberdade, Camboa e Fé em Deus: identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão / Ana Valéria Lucena Lima Assunção – São Luís, 2017.

ASSUNÇÃO, M. R. **Histórias do Balaio**. Historiografia, memória oral e as origens da Balaiada. Revista História Oral. 2009

ARAÚJO, Mundinha. **Insurreição de escravos em Viana, 1867**. 2 Ed. Editora AVL, 2006

ARRUTI, José Maurício et al. **O impacto da Covid-19 sobre as comunidades quilombolas. Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19**, AFRO-CEBRAP, n. 6, 2021.

ARRUTI, José Maurício. **Quilombos e cidades: breve ensaio sobre processos e dicotomias**. In: Patrícia Birman; Márcia Pereira Leite; Carly Machado; Sandra de Sá Carneiro. (Org.). Dispositivos urbanos e trama dos viventes: Ordens e Resistências. 1ed. Rio de Janeiro: FGV, 2014, v. 1, p. 217-238.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. São Paulo, Editora Eletrônica. 2008. 130p.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. 1998. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5971176/mod\\_resource/content/3/bhabha-homi-k-o-l-ocal-da-cultura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5971176/mod_resource/content/3/bhabha-homi-k-o-l-ocal-da-cultura.pdf)

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, Educação e Poder**: Uma Crítica Afrocêntrica ao Eurocentrismo no Pensamento Educacional Brasileiro. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BRASIL, Marcus Ramúsyo de Almeida. **O reggae no Maranhão**: sociologia da cultura e produção simbólica Brasil. Revista Aurora, PUC, 2011.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estudos culturais**: o quê e o como da investigação. Carnets Revue électronique d'études françaises de l'APEF Première Série - 1 Numéro Spécial | 2009

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em 05 de jun. 2023.

BRASIL. Decreto no 4.887 de 20 de Novembro de 2003. Regulamentação e procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm). Acesso em 01 de outubro de 2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

COSTA, Sérgio. **Desprovincializando a Sociologia**: a contribuição pós-colonial. RBCS Vol. 21 n°. 60 fevereiro/2006

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil**: da senzala a guerra do Paraguai. 4 ed. Brasiliense: São Paulo, 1987, p. 259

DOMINGUES, Petrônio. **Cidadania por um fio**: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 34, nº 67, p. 251-281 - 2014

DURANS, C. A. **As Anastácias do Quilombo**: uma análise da participação e representação da mulher no hip-hop maranhense- São Luís/MA. Dissertação. 2014

ERICEIRA, J. A. R. ; SOUSA, L. R. R. **Ases de Periferia**: A relação do Hip Hop com as Gangues em São Luís do Maranhão na década de 1990. In: 58º Reunião Anual da SBPC, 2006, Florianópolis. Resumos de Comunicações Livres da 58º Reunião Anual da SBPC, 2006.

FERRETTI, Sérgio. **FESTA DO DIVINO NO MARANHÃO**. Texto publicado no Catálogo da Exposição Divino Toque do Maranhão. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular /IPHAN / MEC, 2005, p 9-29.

FERRETTI, Sérgio. **Sincretismo e Religião na Festa do Divino**. Comunicação apresentada em mesa redonda no Encontro Internacional sobre o Divino, organizado pelo SESC em S.Luís de 16 a 20/05/2007.

FERRETTI, Sérgio. **Comida ritual em festas de Tambor de Mina no Maranhão**. Dossiê: Religião e Cultura – Artigo original. 2011

FERREIRA, Maria Mary. **Os Bastidores da Tribuna: Mulher, Política e Poder no Maranhão**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista 2006. p1-272

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência** - São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. 432 p

GOFFMAN, Erving. **Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Ed. LTC, 4ª edição, Rio de Janeiro. 2008

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil**. 1a edição- São Paulo: Claro Enigma, 2015. (Coleção Agenda brasileira).

GONÇALVES, LEAL. **Festas do Divino no Maranhão: Uma aproximação de conjunto**. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. 2016; Vol. 60.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11a edição. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HOLLANDA. In Patricia Hill Collins. **Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição**. Pensamento feminista: conceitos fundamentais /[et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 440 p.

HONNETH, A. Luta por Reconhecimento. **A Gramática Moral dos Conflitos Sociais**. São Paulo: Ed.34, 2003.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Revista Educação e Realidade.1997

HUBERT, Stefan. **Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras**. Trabalho apresentado no Seminário Africanidades: História, Arte e Cultura, realizado pelo Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS no Memorial do RS. Portal de Revista da USP. Primeiros Estudos 2010. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/45933/49535>

JAMES, C.L.R. **Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e revolução de São Domingos**. 2000

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **Balaiada: construção da memória histórica**. 2005

KUNRATH, Marcelo. **Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais.** Revista de Sociologia e Política., v. 25, n. 61, p. 143-164, mar. 2017

LEITE, Ilka Boaventura. **Os Quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas.** Etnográfica IV (2), p. 333-354, 2000.

LOVEJOY, Paul E. **Transformações Transatlânticas: As origens e identidades de africanos(as) nas Américas.** Contemporânea v. 10, n. 3 p. 1099-1124 Set. -- Dez. 2020

MELO, C.N. SOUSA, K.A. **“Porque Guilhermina é esperança”: O slam e o protagonismo da juventude negra.** Revista Terceira Margem, v. 26, n. 49 (2022)

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistências ao escravismo/** Clóvis Moura. 1º edição - São Paulo: Expressão Popular, 2020. 136 p.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** Instituto Kuanza. São Paulo, 2006.

REIS, João. GOMES, Flávio. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil/** Organização: João José Reis, Flávio dos Santos Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. ISBN 978-85-7164-596-7

HALL, Stuart, **Identidade Cultural e Diáspora.** In: Revista do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional. n° 24 Cidadania, 1996

RODRIGUES, Linda. **Saberes e fazeres da gastronomia tradicional:** um estudo sobre as características histórico-culturais aplicadas à produção do “Doce de Espécie” no município de Alcântara/MA. Revista de História e Geografia Ágora. Santa Cruz do Sul, v.19, n. 01, p. 85-99, jan./jun. 2017.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Andreas HOFBAUER Érica Aparecida KAWAKAMI Cauê Gomes FLOR. **“Diáspora africana”:** caminhando entre genealogias, abrindo novos horizontes. 2020.Revista Contemporânea, Dossiê Diáspora Africana. v. 10, 2020.

SILVA, Mário A. M. **Em torno da ideia de associativismo negro em São Paulo.** 2016  
SCOTT, James C. A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos. Tradução de Pedro Serras Pereira. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

SANTOS, Rosenverck Estrela. **A história do Hip Hop em São Luís do Maranhão:** periferização da cidade e resistência político-cultural da juventude negra nos anos 1990. – Revista Outros tempos. Dossiê Religião e Religiosidade. Volume 5, número 6, dezembro de 2008.

SANTOS, RABELO, MARTINS. **Quilombo Urbano Liberdade: Imagens em disputas.** GT Copene 2022.

SANTOS, Deborah Rachel Ribeiro. **PROJETO GRANDE CARAJÁS: desenvolvimentismo e impactos socioambientais no Maranhão (1970-1980)**. Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão. 2020, p.1-93.

SILVA, C. B. R. da. (2011). **Registros Iconográficos do Reggae no Maranhão**. v. 11, n. 22, jan./jun. 2011 : DOSSIÊ: Territorialidades e Influências Afro-Caribenhas nas Américas. 2011

SANTOS, Saulo. GOMES, Cristiane. **Comensalidade na Festa do Divino Espírito Santo nos Estados do Maranhão e Rio Grande do Sul como veículo de sociabilidade**. Revista Cultur, ano 14 -nº 02 –Nov/2020. Acesso: <http://periodicos.uesc.br>

SILVA, Moacir Domingos. Dissertação. Get up, Stand up: análise do discurso de resistência no reggae de Bob Marley. 2019

SANTOS, Rosenverck Estrela. **A HISTÓRIA DO HIP HOP EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: periferização da cidade e resistência político-cultural da juventude negra nos anos 1990**. Revista Outros Tempos. 2008

TARROW, Sidney. **O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político**; tradução de Ana Maria Sallum- Petrópolis/ RJ: Vozes, 2009

VALE, Hemily. OLIVEIRA, Ariella. **Identidade, Memória e o Sagrado: O encontro de Bumba-Meu-Boi no largo de São Pedro em São Luís -Ma**. Revista Enanpege | Issn: 2175-8875. XIV Encontro nacional de pós-graduação e pesquisa em Geografia. (2021, p.1-17)

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

#### Links

[VÍDEO 04 - Cantadores, Amos e Poetas do Boi de Zabumba  
https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-recorte-inedito-do-censo](https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-recorte-inedito-do-censo)

### APÊNDICE 2

#### *Transcrição Entrevista com Letícia do Bloco Afro Netos de Nanã*

1-Como e quando surgiu o bloco afro Netos de Nanã?

O bloco Afros netos de Nanã surgiu no dia 28 de janeiro de 2004, porém as atividades anteriores eram realizadas pelo grupo as corcoretes, que era caracterizado de homens vestidos de mulheres. E a partir daí no ano de 2002 meu pai teve a ideia, pois já entendia que aqui era

um quilombo, então ele focou na criação de um bloco afro, pois aqui não teve um bloco afro, então nós somos o primeiro bloco afro dentro da comunidade da Liberdade. Álvaro José nasceu em outro bairro, porém a vida dele foi toda no bairro da Liberdade, minha avó se casou com meu avô que era daqui, e nesta casa onde estamos é a casa onde fomos nascidos e criados. Meu pai era mineiro e com 10 anos de idade meu pai caiu dentro do tambor de mina, e através da religiosidade ele foi criando um vínculo com a cultura. Ele era capoeirista, fazia percussão e é considerado um mestre em nossa casa. Quando meu pai direcionava o bloco as corcoretes que arrastava multidões, mas teve em que o bairro era muito violento, em que perdeu um amigo e ele não quis mais a ideia do bloco corcoretes e aí surgiu a ideia bloco afro netos de nanã e tem esse nome de origem devido ele ser filho do orixá nanã de cabeça, que foi um estudo e vendo a história desse espaço, que ele sempre falava e acreditou que nós éramos quilombolas mesmo antes do reconhecimento. Tanto é que nossa instituição é uma das dez instituições que fizeram a petição através do SICAF para que fossemos titularizados, então somos uma das 10 instituições titularizadas dentro do quilombo. O envolvimento entre os jovens é revolucionário, a mina o candomblé a umbanda, e isso para trazer nos dias atuais de uma forma que a gente tem que levar sem ter preconceito, mostrar um bailado de um orixá na rua é algo cuidadoso, porque não podemos levar de qualquer jeito, porque estamos passando uma mensagem que não é minha é do meu ancestral, é de alguém antes de mim. Nós temos todo um envolvimento com a religião, eu sou mineira e fui nascida e criada que eu seria a herdeira da história dele e que eu cuidaria desta casa, mas eu nunca quis. Mas tudo mudou depois que meu pai faleceu e hoje eu tenho um outro entendimento sobre a importância de nosso trabalho no quilombo.

## 2- A importância de ser mulher como agenciadora.

Hoje eu entendo a minha missão aqui, pois a cinco anos, nós perdemos o alicerce aqui desta casa, eu sempre ouvi que um dia seria eu que iria coordenar isto aqui, mas a gente nunca está preparada pro destino que Deus nos dá. Hoje em dia eu entendo que eu sou alicerce para esta casa e instrumento para muita gente. Graças a Deus os meus guias me orientam, para que eu tenha sabedoria para manter não só pra manter não só a casa cheia mas pra que agente possa levar o nosso nome a outros lugares. Que eu consigo educar um menino aqui hoje e amanhã ele vai falar o quão bem é aqui e trazer outras crianças, então esse é um sinal de quanta importância dessa ação para mim.

### 3- Quais atividades sociais?

A cultura com a educação é o que desenvolve esse país, nós fazemos aqui oficinas de penteados de trança de turbantes de dança, oficina de percussão. Durante o mês da Consciência Negra nós temos um mês de atividades intensificadas, temos o cacuriá, que é uma de nossas atividades no período junino. Fazemos oficinas durante todo o ano, como forma de agregar esses jovens dentro de nossa casa, a gente consegue tirar um jovem do meio das drogas e trazer pra cá, reabilitando. Então pra mim é indispensável o nosso trabalho social, então ver o gosto desses jovens vir até nossa casa. Muitas das vezes são pessoas que acompanham nossas oficinas e não são diretamente ligadas à instituição, às vezes um sai no boi, o outro no tambor de crioula, e aquilo eles vão olhando ujma atividade e eles querem participar. Graças a Deus as instituições são muito parceiras umas com as outras e isso só fortalece o bairro.

### 4-Cronograma de Festividades?

Na sede bloco afros netos de nanã, meu pai tinha um terreiro de mina chamado NANÃ NAMBOROKÊ que era lá no Pindaí e foi fundado em um quartinho pequeno aqui mesmo na Liberdade em uma casa que meu pai morava com a companheira dele. E no ano de 2010 ele levou esse terreiro pra lá. Mas no ano de 2018 depois do seu falecimento, nós continuamos fazendo o que nos cabia, ao que nos foi autorizado para continuar as atividades do bloco. O bloco ele tem algo ligado com a religião, ele tem o dono dele espiritual, ele tem os caboclos, têm toda uma história no processo do bloco, e precisamos cumprir com nossos compromissos e obrigações. Então janeiro, fevereiro e março no máximo, esses três meses são voltados para a organização do bloco para o carnaval. Depois desse período fazemos um intervalo, para dar uma descansada pois o carnaval é muito puxado. Quando chega o mês de março, abril e maio, esses meses são voltados para as atividades de oficinas do cacuriá, porém o bloco não para, pois o bloco faz o buscamto de mastros em outras casas. A gente busca o mastro na casa de pai marcos de oxalá, que é aqui na Floresta, agente busca o mastro no araçagi, agente busca o mastro em vários lugares, não só em são luís. Em julho nós fazemos o festejo de Sant'ana, que é considerada a matriarca dos orixás, e tem toda uma ligação com o bloco, não temos como não fazer, foi uma obrigação que não pudemos deixar de fazer. Em setembro a gente

faz o buscamto do mastro e em outubro é um mês mais delicado que é as minhas obrigações na casa grande onde eu me cuido, mas o bloco não para as atividades, ele participa dos buscamtos do mastro, ele participa de uma apresentação. Em novembro é o nosso carro chefe, que é o mês da consciência negra, então assim nós passamos o ano todinho fazendo atividade. Quando a gente para um mês o povo já questiona, porque não está acontecendo um ensaio. Pois em dezembro a gente tira pra descansar, para as pessoas se confraternizarem. Além dessas atividades, hoje nós temos o roteiro cultural, implantado no bairro, no qual o bloco faz parte, então alavancou muito a nossa história.

#### 5-O reconhecimento?

Essa demanda da titularização é algo de muitos anos, e se juntou um grupo de várias lideranças do bairro, e através do grupo passou se a intensificar essa questão de reconhecimento enquanto quilombola, conscientizando a gente do que nós somos: Quilombola. Então tinha muita essa pergunta, como eu sou quilombola? porque no início tinha muita essa pergunta. Então foi um processo de formiguinha. Foi muita batalha das lideranças, pessoal do boi de regina, pessoal do CISAF, boi da Floresta, Quadrilha Asa Branca... várias outras instituições participaram desse processo. Eles começaram por dentro de casa, pois tiveram que lapidar primeiro com os nossos, e começaram a conscientizar o pessoal do bairro, e depois foram através de documentação.

Nós estamos desfrutando do suor de muitos, pois eles batalharam muito e foram muitos anos para eles conseguirem.

#### 6-A Liderança

O primeiro ano, depois da morte de papai, passamos um tempo parada, pois nós não sabíamos o que fazer, apesar dele deixar tudo muito encaminhado, parece que ele sabia o que iria acontecer ele deixou Elisandra Rocha a esposa dele, a viúva, como uma das cabeceiras. Mas o processo de aceitação foi muito difícil pois agente tem que se doar, eu tinha uma vida social de uma forma e eu tive que mudar a minha vida por completo, para eu poder dar conta de cuidar daqui, no primeiro ano eu não queria, pois não tinha ninguém além de mim e Elisandra pra tomar a frente. Tenho sete irmãos fora, mas nenhum deles participava ativamente. Eu vinha só no período do carnaval, e não vinha todo tempo. Mas eu tive que aceitar, pois eu perdi tudo pra eu ganhar o que eu tenho, eu tinha uma casa tinha um tudo. Hoje eu aceito a

minha religião, o meu povo, a minha história, pois o meu mundo não era aquilo, o meu mundo é esse. No começo foi algo diferenciado para todo mundo, pois meu pai tinha muita vivência com esses meninos, e ele era considerado um pai por eles. E a gente foi se educando uns aos outros para gente poder se acostumar, pois ele era de um jeito, eu sou de outro e a Lisandra de outro, e eles são de outro e pra gente conseguir harmonizar isso foi todo um processo. Tinha dias que tava todo mundo contente, mas tinha dia que todo mundo começava a chorar, pois a gente sentia falta do que a gente precisava que era ele. E aí nós juntamos força para gente conseguir manter a casa. Hoje em dia temos uma base muito boa, a gente subdivide os trabalhos. Eu organizo o começo meio e fim, mas eu dou oportunidades para eles também participarem. Nnã era orixá de cabeça de papai, e ele foi orientado por eles, ele tinha a opção de complementar, então quando os guias falam assim quem sou eu pra contradizer, então foi associado ao bloco com nanã..Já fizemos vários temas nas festas do bloco, mas agente sempre dá um jeito de colocar a nana, pois ela é a marca do blo. Outro dia, fomos em uma apresentação e uma senhora chegou e perguntou como é bloco de nana e nana não tá dançando. Aí eu falei tia a dançarina que representa nana tá doente. rrsrs então a nossa identidade é a Nanã e é nossa marca registrada.

#### 7-Políticas Públicas?

As instituições estão proporcionando esse contato maior dos grupos com a população em geral. O roteiro cultural foi um meio importante para promover essa maior circulação. O governo promoveu uma qualificação, para ser capaz de saber dá um preço em nossas apresentações, então isso foi um benefício através das políticas públicas. Então nós temos um apoio se fizermos uma apresentação, mas os grupos culturais são independentes, nós temos que nos mantermos por nós mesmos e isso vai muito do gerenciamento de cada grupo, pois nos não temos nenhum tipo de ajuda financeiramente dos órgãos para as instituições.

#### 8-A sede?

Essa casa é a casa da minha avó paterna, ela cedeu pra ele, pra que fosse o espaço blocos afro netos de nanã, porém depois do falecimento dele, depois de um ano tivemos que começar a pagar aluguel, nos virando nos cinquenta pra gente poder pagar, tiramos das apresentações que a gente fazia. Com os incentivos culturais na pandemia pelos editais estamos em processo de aquisição deste imóvel.

### ***APÊNDICE 3***

#### ***Transcrição Entrevista com Alberto da Liberdade***

1-A Produtora Novo Quilombo surgiu há 17 anos atrás, logo um grande período da gente ter fundado a esquina Bob Marley, nós fundamos a esquina Bob Marley com a missão de trazer mais paz para a liberdade, e depois nós percebemos que estava faltando um complemento, tipo um local que as pessoas viessem e pudessem curtir a música reggae de uma maneira dançante, que a esquina Bob Marley era só uma maneira visual, aí nós criamos, a Produtora Novo Quilombo há 17 anos atrás. Como você entende essa oficialização? Essa oficialização, ela vem como um registro. Tipo, uma pessoa nasce, se ele não é registrado, ele não existe. Então, a gente sempre falou que São Luís era a Jamaica brasileira, era capital não nacional, capital do Reggae. Porque, quando se fala nacional, fica só aqui no Brasil. Então, a gente fala capital do Reggae porque é no mundo inteiro. Então a partir do momento que surgiu essa lei, foi um registro, se tornou verdadeiro que aqui é a capital nacional do Reggae. Então é um reconhecimento de uma luta nossa, entendeu? E é uma prova que São Luís também é África, São Luís também é Jamaica, entendeu? Então foi uma das coisas mais fantásticas que aconteceu esse ano. Pena que as pessoas que fazem Reggae, parece que não sentiram essa energia dessa lei, porque teve essa lei e eu não vi nenhuma celebração aqui em São Luís do Maranhão. O único local que celebrou essa data foi a casa chamada Novo Quilombo. Nenhuma casa fez uma festa voltada a essa celebração. Então, o Reggae no Maranhão, pode-se dizer que ele já tinha nascido. Desde quando eu nasci, as pessoas sempre falavam que o bairro da Liberdade era um bairro perigoso. E eu nunca gostei quando alguém mencionava isso. Então eu fui crescendo, fui crescendo e eu descobri que através da música você consegue educar as pessoas. Então a esquina Bob Marley surgiu justamente como eu te falei, para trazer mais paz para a Liberdade. E antes deles titularizarem, São Luís do Maranhão como a capital nacional do Reggae, nós do Quilombo já tínhamos titularizado o bairro da Liberdade como o bairro do Reggae. Por que o bairro do Reggae? Porque as pessoas que moram aqui na Liberdade, que foram para a Jamaica e trouxeram as músicas Reggae, tipo Dread Sand, Chico do Reggae, Natynayfsom, Zé Roxinho (In memoriam) e o próprio Júnior Bread (In memoriam) também que ele morou aqui na Liberdade. Aí nós titularizamos o bairro da Liberdade como bairro do reggae desde 1970. Então nós saímos na frente do poder público. Eu me considero um quilombola e é até emocionante falar isso.

2- Quais fatores desencadearam essa identidade em você?

-Família, família. Família. Meu pai veio de Santa Helena-Pilões, minha mãe veio de Cururupu, eles ficaram sabendo o que estava tendo a construção do Matadouro e vieram tirar um terreno aqui na Liberdade, na Maré e vieram pra cá, entendeu? Então eles fizeram, eles são a minha referência. Além disso, a minha família além de ser composta pelo meu pai, ela é composta também por Leonardo, por Apolônio, por Seu Diquinho, por Dona Benedita, por Pai Coxo. Então essas pessoas que eu falei são as pessoas de maior destaque cultural na liberdade. E eu sempre estive presente na vida deles participando das ações que eles faziam. Aí herdei essa herança deles de estar nesse meio cultural.

3-Explique por que você refuta a expressão freedom?

É porque eu não sou americano e eles tentam, se você for lá nos Estados Unidos, ou qualquer outro país que fala a palavra em inglês, não tem nada em português. Então por que que aqui a gente tem que estar titularizando, mudando a nossa língua para a língua dos caras? Não, o inglês é fantástico. Quando eles falam I love you é a coisa mais fantástica do mundo. Michael Jackson sempre falava "I love you, I love you. Então eu prefiro ficar falando o nome Liberdade. E se fosse para substituir o nome liberdade para outra língua, eu procuraria descobrir como é Liberdade em Yorubá, ou como é em Tupi, Guarani, mas não em Inglês. E a gente, para não deixar que a vida em Alcântara se apagasse, nós titularizamos cada compartimento da Produtora Novo Quilombo com o nome de um quilombo de Alcântara. Nós estudamos as histórias dos quilombos e nós percebemos que esses lugares são os quilombos mais fortes de Alcântara para que se tornasse viva essa história. E a ligação que o bairro tem com Alcântara, ela é inegável. A maior população da Liberdade veio de Alcântara, até pela distância, que é bem próxima. E a gente sabe que os fatores que levaram a criação do bairro da Liberdade foram a desapropriação do território da Liberdade pela base de Alcântara, o rio Anil... E a construção do Matadouro. Então, para reforçar essa identidade, essa ligação, eu acho que o espaço, ele tá pra elencar e tá pra dizer isso, né? Nós somos quilombolas, nós viemos de lá, nós estamos aqui. Aqui eu sou o Alberto da Liberdade, eu fui na Vila Isabel, fui no Morro dos Macacos, depois fui na Vila Isabel e encontrei Martinho da Vila, eu queria saber porque que o nome dele era Martinho da Vila e ele me contou a história, eu vi que o amor dele era tão grande pela Vila Isabel por isso que ele se titularizou Martinho da Vila, aí eu estava no

Rio pela Força Nacional e eu disse que quando eu voltasse para São Luís, eu ia mudar meu nome, que era Alberto Pinto meu nome é artístico, para Alberto da Liberdade e eu tatuei no meu braço, Liberdade, Meu Lugar, que eu estava na casa de Arlindo Cruz, ele estava atuado e eu toquei uma marcha de tambor para ele e me lembrei da música dele, O Meu Lugar aí eu pedi a permissão para ele e ele me deu a permissão de eu usar esse título, Meu Lugar e eu tatuei no meu braço, Liberdade, Meu Lugar.

#### ***APÊNDICE 4***

##### ***Transcrição Entrevista com Meiryelle- Coletivo Viva Quilombo***

Hoje eu estou como assistente técnica da Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Luís, e foi um desafio, quando eu fui convidada a compor este lugar. Isso aqui é uma passagem, eu costumo dizer que os espaços públicos são uma passagem, por conta da minha articulação, diante estar na frente, justamente com a Eliane Sá, que é cofundadora do projeto Viva Quilombo. E recentemente eu fui convidada a compor esta coordenadoria, porque eu penso, que esse deve ser o meu olhar, enquanto uma mulher negra periférica de entender a importância de a gente estar nesses espaços, né? Porque, assim, a gente precisa entender que a periferia, ela já tem tantas questões sociais, tantas mazelas, tantas negações de acesso e de qualidade de vida, que a gente precisa ver que esses espaços também são espaços de potência, né? Então, assim, eu surjo aqui, e estou há três meses aqui nesse espaço desafiador. Eu não sou secretária, sou assistente técnica do atual coordenador, que é o Felipe Reis. A coordenadoria surgiu recentemente, ela surgiu no dia 24 de maio deste ano de 2023, tardiamente, porque a gente tem uma grande população negra aqui em São Luís. Estamos assim nesse desafio de poder e estamos aqui para garantir políticas de qualidade para a população negra. O coletivo que a gente desenvolve hoje é o Coletivo de Juventude de Negras, e o Coletivo de mulheres negras, ele surgiu da necessidade que a gente via no bairro, eu tinha muito desejo pessoal porque a minha primeira formação é em educação artística, e também sou acadêmica do curso de assistência social, que eu defendo o meu artigo agora em dezembro, né? Eliane sempre foi uma pessoa do território, assim, tem muitas referências com ela, por ser uma mulher negra. E aí a gente chegou numa noite, a gente conversando, surgiu a necessidade de desenvolver um projeto para aquela juventude, de formação para entender essa

construção quilombola, buscando desenvolver a autoestima desses jovens porque eu sou fruto daquele espaço. A gente não queria voltar para a dimensão de fazer curso profissionalizante, mas pra formação étnico racial. Porque eu sou fruto daquele espaço, e aí nos voltamos essa articulação para a educação racial para que eles possam entender a importância do ser quilombola e da pessoa, do ser negro, né? Então, assim, a gente surge com formações, né? E com estes temas, também, voltados para a população negra. E os meninos começaram a se identificar, né? Começaram a entender a importância do ser negro, trabalhar na promoção da autoestima. A gente já trabalhou em inúmeras coisas.

Inclusive, agora, no sábado, nós vamos receber uma jovem formada em psicologia, e ela vai falar sobre orientações profissionais, pois vc sabe que nós como mulheres negras temos os estereótipos de profissões de subalternidade, e as pessoas depois que começaram ver que a periferia também tem pesquisadores e intelectuais, as pessoas começaram a dar mais importância para a periferia.

18 de Dezembro de 2021

O coletivo também é uma extensão do que aprendemos na graduação do curso de serviço social, e as pessoas já nos procuram muito, para desenvolver essas atividades com a juventude. O nosso coletivo é voltado para o público infante juvenil, pois o nosso coletivo iniciou através da disponibilização de bolsas através do programa chamado agente jovem ambiental e foi através da bolsa que nós começamos formações com esses adolescentes, que aconteciam aos sábados. Quando essas bolsas acabaram, nós seguimos continuando nesse processo de formação política desde cedo. Nós temos um grande entrave, no processo de reconhecimento enquanto ser quilombola, isso ocorre porque ainda tem pessoas que não se entendem como ser quilombola, e isso ocorre pelo silenciamento, e nosso projeto auxilia neste sentido, é um desafio, inclusive os dados do cadastro único nos mostram esse fato. É importante reforçar essa constituição dessa identidade desses jovens através dessas oficinas e trabalhos que nós buscamos promover. Esse processo de me reconhecer como mulher negra, quilombola, favelada se deve a minha família vir de uma comunidade quilombola da região de Alcântara, mas a construção da minha identidade vem construída principalmente a partir da minha inserção na academia, eu fui a única da minha família que entrei na universidade pública, e eu só conseguir ocupar esse espaço através da educação. Eu escolhi fazer o curso de licenciatura em artes, que foi minha primeira graduação, eu fiz uma festinha pra comemorar aí

teve um tio, que chegou e disse, ah mas fazer artes?! Então eu falei, mas é o que eu gosto. Porque as pessoas pensam que artes é rabiscar papéis, mas a gente também estuda história, e eu gosto muito desse campo teatral. As nossas práticas se dão em torno de práticas educacionais. A gente trabalha justamente em formações, né, para a população negra. Nessa questão de fortalecimento mesmo muitos daqueles jovens que estão naquele espaço, né, me conhecem. Eu carreguei inúmeros, né. A gente tem o entrave também com a questão da criminalidade, com o espaço também que também é ali também, com essa questão da criminalidade, mas quando a gente consegue colocar um jovem assim, dentro da universidade pública dessa formação, a gente tinha jovens lá do nosso coletivo que hoje fazem administração, tem uma também que faz um outro curso também, e a gente ficou feliz, porque, poxa, conseguiu entrar na universidade pública, como eu também consegui, então muita gente consegue, a gente está estimulando direto eles a fazer o ENEM, a estudarem mesmo. Uma vez que uma mulher negra se coloca nesse espaço, ela precisa mostrar duas vezes que ela é capaz de fazer. Porque é um desafio. Mas eu gosto desse desafio. Assim, Ana, o que acontece, a gente fica muito feliz, porque a gente também teve outros espaços, outros antepassados que deram, por exemplo, o Centro de Cultura Negra do Maranhão, tem uma grande potência aqui no Maranhão mesmo, com relação sempre à questão da identidade. Hoje surgem novos coletivos, e eu surgir aqui também pois eu sou assistente técnica desses espaços, aqui também sou articuladora para lidar diretamente com os coletivos. Recentemente, acho que tem até um mês, a gente está, eu cheguei aqui, vai fazer quatro meses, e aí, né, e vim com esse desafio de articular juntamente com quem está na ponta, e aí quando a gente chegou, que eu cheguei aqui, e aí a gente vai chegar agora, 29 de novembro, que é o mês dele, da Consciência Negra, e aí a gente montou um projeto, que o nome do projeto que o nome do projeto é cine debate negro, eu idealizei pra gente articular esses debates que iniciam no dia 1 de novembro com varios coletivos que existem em varios bairros perifericos, vamos pra cidade operaria e pro coradinho, pois é importante agente ir ao enfrentamento ao racismo e estar articulando com esses coletivos que estão em articulação com povos de terreiros, com povos indigenas e lideranças publicas. e eu vim com esse objetivo, utilizar esse lugar como forma de promover essa articulação. Nós temos que entender que nós estamos com o poder público aqui, mas também tem outras pessoas na comunidade com outros desdobramentos para poder politizar aquela galera que está lá, por isso eu remeto onde nós temos que estar que é na periferia, pois eu sou fruto de lá. Eu

costumo dizer que a liberdade ele tem uma ancestralidade, tem muitos espaços sagrados, religiosos, neopentecostais, blocos afros... Eu costumo dizer que tem festas para todos os gostos. Eu como moradora percebo que tem um pouco de resistência da igreja evangélica, que às vezes tem uma resistência, e não gosta de se misturar. Eu digo isso porque eu estive responsável por fazer um inventário de referências culturais do quilombo liberdade, eu inventariei e estudei algo que eu faço parte que é o tambor de crioula. Então nós fizemos alguns encontros intersetoriais, para ver alguns equipamentos, mas nós não tivemos contatos com as igrejas neopentecostais porque elas se distanciam e não querem dialogar e discutir as questões. É contraditório pois quem mantém essas igrejas é o bolsa família, e eu faço uma crítica nesse sentido, não é conservadorismo não, pois por muito tempo eu fui evangélica. Durante muito tempo as ocupações foram regidas por homens, a gente ver a questão do patriarcado então assim a gente ver que as mulheres sempre tiveram muita força, e as mulheres estão hoje como protagonistas.

Eu como agenciadora dessa política e moradora do bairro percebo que nós avançamos muito quanto às questões de políticas públicas. Tem uma música do bloco afro netos de nanã que dizia” aqui o táxi nunca parava, mas a polícia sempre vinha”. E com essa questão do reconhecimento do território da liberdade foi muito importante, para alavancar outros espaços, inclusive o bairro de Fátima está se organizando para essa certificação para um se tornar um quilombo urbano assim como o bairro do coroadinho.